UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Luiz Carlos Rodrigues

FOLKCOMUNICAÇÃO E O DESAFIO DO CURURU DO MÉDIO TIETÊ

Sorocaba/SP
2019

Luiz Carlos Rodrigues

FOLKCOMUNICAÇÃO E O DESAFIO DO CURURU DO MÉDIO TIETÊ

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva

Sorocaba/SP

2019

Ficha Catalográfica

Rodrigues, Luiz Carlos

R614f Folkcomunicação e o desafio do Cururu no Médio Tietê / Luiz Carlos Rodrigues. – 2019.

145 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2019.

1. Comunicação e cultura. 2. Comunicação de massa e cultura. 3. Cultura popular. 4. Cururu (Canto popular) – Aspectos sociais. 5. Comunicação no folclore. I. Silva, Paulo Celso da, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Luiz Carlos Rodrigues

FOLKCOMUNICAÇÃO E O DESAFIO DO CURURU DO MÉDIO TIETÊ

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

_____
Prof. Dr. Paulo Celso da Silva
Programa de Pós-Graduação em
Comunicação e Cultura - Uniso

_____
Profa. Dra. Eliete Jussara Nogueira
Programa de Pós-Graduação em
Educação - Uniso

_____
Profa. Dra. Miriam Cristina Carlos Silva
Programa de Pós-Graduação em
Comunicação e Cultura - Uniso

A todos que, em vida ou em espírito, vibraram positivamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Paulo Celso da Silva pela competência na orientação paciente e dedicada, pelas dicas de estudos e apoio em todos os momentos;

Aos Professores Doutores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba;

À Profa. Dra. Eliete Jussara Nogueira, pela gentileza de fazer parte da banca avaliadora;

À Profa. Dra. Miriam Cristina Carlos Silva, por todas as observações que deram enormes contribuições ao trabalho;

Ao Prof. Me. Fernando Negrão Duarte, pela confiança e contribuições;

Aos incentivadores do Cururu Sorocabano, Cido Garoto, Nhá Bentinha, Nerci José, Dito Carrara e outros, pelas histórias, contatos e entrevistas que deram sustentação local ao trabalho;

Aos funcionários do Laboratório de Comunicação (*LabCom*), da Universidade de Sorocaba (Uniso), e da Câmara Municipal de Sorocaba, pelos arquivos cedidos;

Gratidão aos autores citados que doam conhecimento aos novos pesquisadores;

À minha esposa, Carine Cristina Simões, pela paciência e ajuda;

Aos meus irmãos Márcia, Marisa e Roberto e Alcides (in memoriam);

Aos meus pais, Carmela Santafosta Rodrigues e Manoel de Oliveira Rodrigues, que mesmo não estando mais neste plano espiritual, contribuíram com conselhos e carinho dados no decorrer da minha vida.

Somos sujeitos e objetos de conhecimento e transformação.

Oscar Jara Holliday

RESUMO

Este trabalho tem como tema o Desafio de Cururu - repente caipira desenvolvido na região do Médio Tietê (SP), na qual se insere a cidade de Sorocaba. Originário das Festas do Divino, esse movimento de produção artística artesanal caracteriza-se pelo ambiente masculino e corporativo, com reduzidos espaços de apresentação, cujas disputas internas dificultam a renovação de seus membros, além de impedirem a participação de mulheres como protagonistas. O propósito do trabalho consiste em apresentar esses entraves que distinguem tal produção artística a partir do caminho percorrido pelas líderes comunicacionais e cantadoras, Ana Sueli Gardiano e Aparecida Lucas Carvalho, que conseguiram adentrar neste espaço patriarcal. A metodologia adotada nessa empreita inclui a sistematização de experiências acrescida de folkcomunicação, hibridismo cultural, ativismo midiático e o antagonismo ao sincretismo teórico como ferramenta de provocação aos órgãos públicos para valorização das suas práticas socioculturais. As teorias, decorrentes deste trabalho, amalgamadas ao ativismo proporcionaram mudanças nos processos comunicacionais e no relacionamento do poder público de Sorocaba e de outras cidades da região, contribuindo, desta forma, para a valorização cultural da região do Médio Tietê (SP).

Palavras-chave: Folkcomunicação. Líderes Comunicacionais. Ativismo. Práticas Socioculturais. Desafio de Cururu.

ABSTRACT

For this work has as its theme the Cururu Challenge - Suddenly a country developed in the Middle Tietê region (SP), in which the city of Sorocaba is inserted. Originally, from the Festivals of the Divine, this handmade artistic production movement is characterized by the masculine and corporate environment, with small spaces of presentation, whose internal disputes make difficult the renewal of its members, and prevent the participation of women as protagonists. The purpose of the work is to present these barriers that distinguish such artistic production from the path taken by the communicational and singing leaders, Ana Sueli Gardiano and Aparecida Lucas Carvalho, who have managed to penetrate this patriarchal space. The methodology adopted in this work includes the systematization of experiences plus folkcommunication, cultural hybridism, media activism and the antagonism to theoretical syncretism as a tool to provoke public agencies to appreciation their socio-cultural practices. The theories derived from this work, combined with activism, have given rise to changes in the communication processes and in the relationship of the public power of Sorocaba and other cities in the region, contributing, in this way, to the cultural valorization of the Middle Tietê region.

Keywords: Folkcommunication. Communication Leaders. Activism. Sociocultural Practices. Cururu Challenge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bandeira do Divino.....21

Figura 2 - Quadro referente à idade da pesquisa empírica pelo *Facebook*.....41

Figura 3 - Show de Cururu no Clube Barcelona em Sorocaba.....43

Figura 4 - Receita do pedido de tomografia.....46

Figura 5 - Lista parcial de colaboradores para o exame.....47

Figura 6 - Cidinha do Cururu e Nhá Bentinha 57

Figura 7 - Andinho Soares - cururueiro de Votorantim.....94

Figura 8 - Cássio Carlota - cururueiro de Porto Feliz.....94

Figura 9 - Cartaz de evento do Cururu com apoio público.....95

Figura 10 - Cido Garoto, cururueiro de Sorocaba.....97

Figura 11 - Nhá Bentinha cantando.....98

Figura 12 - Cidinha do Cururu cantando.....99

Figura 13 - João Donizeti, Cidinha do Cururu, Nhá Bentinha e Luiz Carlos Rodrigues.....101

LISTA DE ANEXOS

Anexo A - Publicação da lei do Dia do Cururu em Sorocaba.....125

Anexo B - Lei publicada no Diário Oficial do Município de Sorocaba.....126

Anexo C - Divulgação da lei no site da Câmara Municipal de Sorocaba.....127

Anexo D - Inserção eletrônica da lei no sistema da Prefeitura de Sorocaba.....128

Anexo E - Divulgação no *Facebook* da Câmara Municipal de Sorocaba.....129

Anexo F - Divulgação da lei no Jornal Ipanema.....130

Anexo G - Divulgação de evento do Cururu com apoio público.....131

Anexo H - Divulgação de evento de Cururu no Jornal Cruzeiro do Sul.....133

Anexo I - Divulgação da Sessão solene na Câmara Municipal de Sorocaba.....137

Anexo J - Divulgação da homenagem aos cururueiros no site Agenda Sorocaba.....138

Anexo K - Divulgação da homenagem aos cururueiros no site nave.org.....139

Anexo L - Lei aprovada na Cidade de Porto Feliz.....142

Anexo M - Publicação da lei do Dia do Cururu em Boituva.....143

Anexo N - Lista de homenageados na Sessão Solene.....144

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....13

2 ORIGEM, TRADIÇÃO, FOLKCOMUNICAÇÃO E MEIOS MASSIVOS.....19
2.1 A história do Desafio de Cururu.....19
2.2 Cururu no Brasil - da origem rural aos centros urbanos.....23
2.3 O Desafio de Cururu no rádio.....33
2.4 Mudanças no Cururu – entretenimento na área urbana.....43
2.5 Contribuição no Cururu – das prendas ao apoio médico.....46
2.6 Líderes comunicacionais - mulheres agentes comunicadoras.....51

3 A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA.....57
3.1 Resistência feminina ao patriarcado.....57
3.2 Dominação no Desafio de Cururu – o "Dom Divino" para cantar.....67
3.3 Rompendo paradigmas - mulheres no Desafio de Cururu.....71

4 PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS.....83
4.1 Sistematizando o cururu.....83
4.2 Pesquisa empírica – produção de informações no Desafio de Cururu.....89
4.3 Homenagem aos cururueiros e incentivadores.....92
4.4 Construção da solenidade aos cururueiros e incentivadores.....96

5 CONSIDERAÇÕES.....102
REFERÊNCIAS.....109
APÊNDICE A.....115
ANEXOS.....125

1 INTRODUÇÃO

Os grupos marginalizados, que geralmente estão fora da mídia mas, que interagem com sistemas de comunicação próprios, que utilizam relações interpessoais ou grupais de manifestação cultural, reconhecidos pela folkcomunicação, estarão presente neste trabalho.

A teoria de Luiz Beltrão (1980), teoria científica dedicada aos agentes e meios populares de informação e expressão de ideias, nos amparou desde o início dos estudos, quando buscávamos entender os motivos das manifestações culturais em Sorocaba (SP), e principalmente do porquê do Desafio de Cururu estar fora das mídias tradicionais, como o rádio e TV.

O Desafio de Cururu é um movimento de música artesanal, produzido com improvisos e com temas variados, do sagrado ao profano e difundido com maior frequência na região do Médio tietê, São Paulo.

Com o objetivo de entender como os cururueiros se comunicam com os seus pares e a relação deles com o sistema massivo, como rádio e TV, buscamos informações, na cidade de Sorocaba e também em cidades onde se manifesta esta tradição.

Nas pesquisas de campo, com a observação e produção de informações, na literatura, por meio de autores e historiadores, encontramos as origens desta tradição, histórias de cantadores e material da rede mundial de computadores.

Encontramos em Sorocaba, um grupo de cururueiros que se encontram geralmente no último domingo de cada mês, para promover o Desafio de Cururu, que levava em 2017, início da pesquisa, cerca de 100 pessoas por apresentação, atualmente menos da metade, entre 30 e 50 pessoas.

Com muita alegria, gritos, risadas, boa conversa, bebidas e comidas, o evento acontecia no Clube Barcelona, um anexo de um campo de futebol, em que o time de futebol varzeano leva o mesmo nome.

A poesia, o canto, os improvisos nos encantaram, porém estávamos buscando hiatos existentes dentro deste meio e encontramos alguns.

Pesquisando sobre o Cururu - que utiliza viola caipira de 10 cordas e pandeiro em sua base de instrumentos musicais, e que é derivada das Festas do Divino, da Igreja Católica -, encontramos uma lacuna que incomodou e nos norteou um novo caminho, das diferenças de gênero existente dentro desta manifestação.

Sentimos a falta de mulheres sendo mencionadas e cantando. A leitura de Santa Rosa (2007, p. 84), intensificou o interesse acerca das ausências das mulheres dentro do cenário. A participação das mulheres como cantoras é apontada por ele, sem identificação, apenas destacando que eram boas compositoras e profissionais; porém, com especial atenção às características físicas femininas. Uma citação de uma mulher cantadora de Cururu – termo usado pelos participantes para identificar os cantores -, é mencionada em Santana (2007), que destaca Pedrilha Pires Correia, em 1947, porém sem se prolongar ou mencionar outros detalhes.

Em relato no livro Prosa de Cantador de Santa Rosa (2007, p. 135), Moacir Siqueira, cantador de Cururu de Piracicaba (SP), falecido em 2016, mencionou uma prima dele como exemplo, sem citar o nome, mas que cantava com os mais afamados cantadores do século XX. Segundo ele, com seu baixão[1] próprio, ela cantava o cururu por pontos, em que o tema apresentado era debatido até a sua resolução dentro do desafio, também cantava o sagrado, enfrentava todos oponentes e tinha o apoio da plateia, "era uma morenona bonitona e na sala a torcida era tudo dela".

A hipótese desta dissertação, é a de que cantadoras que transitaram neste universo masculino, no âmbito rural, tiveram pouca repercussão devido modelo patriarcal existente no século XX, da repressão em estar em locais das festas longe dos pais ou companheiros, e também porque esses eventos poderiam iniciar ao pôr do sol e terminar ao nascer do dia, o que dificultava a presença, interesse e possibilidade de aprendizado delas para cantar junto aos homens, permanecendo, então, à margem do Cururu.

Com esse vazio de dados sobre a presença da mulher cantando Cururu, despertou-nos interesse da atualidade, como seria o desafio entre mulheres e homens, quantas mulheres estão na ativa e quantas se envolvem neste universo musical androcêntrico. Esta lacuna nos levou aprofundar na busca da presença da mulher dentro do Desafio de Cururu.

Encontramos duas mulheres, uma com 70 anos e outra 76 anos, que por serem mediadoras de informação, líderes comunicacionais, promoviam o Desafio de Cururu, conseguiram entrar neste meio, que não significa que foram totalmente aceitas, assunto que trataremos no capítulo 3.

---

[1] O baixão é a harmonização musical realizada no início do Desafio de Cururu, que pode ter ou não letra, é o tempo em que o cantador se prepara para iniciar a cantoria ou dar uma resposta. Há várias linhas, que são os versos de cantoria no Desafio de Cururu. Na linha caninha verde, por exemplo, um combate de rimas curtas; também há o baixão entre um cantador e outro, com ataques e respostas com cerca de 15 segundos.

Percebemos que há outras atividades semelhantes no Brasil, possivelmente de mesma origem, porém o recorte sobre a mulher no Desafio de Cururu será na região da base da pesquisa, Sorocaba.

Neste sentido, nos concentramos na manifestação cultural do Cururu existente na Bacia do Médio Tietê[2], em São Paulo, que salientamos ser semelhante em alguns aspectos ao Cururu e Siriri de Cuiabá, no Mato Grosso - onde também há tradição musical -, relacionaremos então as diferenças, porém, nos manteremos no Cururu paulista.

Cabe salientar também que há um ritmo de música raiz, que difunde histórias regionais do homem do campo, também denominada de cururu, principalmente com desenvolvimento da dupla caipira Tião Carreiro e Pardinho - sucesso até a década de 1990, hoje ainda veiculado em rádios segmentadas em músicas sertanejas -, mas que não nos parece igual ao do estudo proposto, pois há uma letra, uma composição, outros instrumentos anexados, diferente da produção artesanal e com temas diferenciados a cada evento, portanto também não será relacionado no trabalho.

Com este pensamento encampamos a busca de informações das origens desta manifestação cultural. Alleoni (2008), menciona a utilização em Festas de São Benedito, Santo Antônio, Festas Juninas e em Santa Rosa (2007), encontramos os laços do ensinamento religioso desta cantoria, em que o cururu foi utilizado nas Festas do Divino, como ferramenta das mensagens da Igreja Católica aos que estavam distantes, na área rural e as atualizações culturais ao longo do tempo.

Mesmo sendo uma festa atrelada ao catolicismo, os festejos são organizados pelos seguidores e não pela igreja: “a maior prova da devoção pelo Divino Espírito Santo é que os festejos não partem da igreja, mas, do povo que espontaneamente os promove, conservando uma tradição de séculos” (PORTAL DO DIVINO, 2018).

Fatorelli (2013), explica que a raiz desta tradição é portuguesa e no Brasil seria desenvolvida em razão de uma promessa feita para resolução de um enfrentamento familiar e pagamento da dissolução desta contenda, quando a solicitante levaria o símbolo do divino aos povos e arrecadaria doações que seriam revertidas aos mais necessitados, conhecida então como Festa do Divino.

---

[2] As cidades que compõem o Comitê de Bacias Hidrográficas do Rio Sorocaba e Médio Tietê são: Alambari, Alumínio, Anhembi, Araçariguama, Araçoiaba da Serra, Bofete, Boituva, Botucatu, Cabreúva, Capela do Alto, Cerquilho, Cesário Lange, Conchas, Ibiúna, Iperó, Itu, Jumirim, Laranjal Paulista, Mairinque, Pereiras, Piedade, Porangaba, Porto Feliz, Quadra, Salto, Salto de Pirapora, São Roque, Sarapuí, Sorocaba, Tatuí, Tietê, Torre de Pedra, Vargem Grande Paulista e Votorantim.

A busca pelas origens nos direcionou para esta manifestação cultural, a representatividade, os anseios de quem a desenvolve, as diferenças de gênero, os paradigmas que ao longo dos estudos já imaginávamos e os conceitos adotados pela religião católica. Com vários caminhos possíveis de serem percorridos, seguimos na diferença de gênero dentro desta raiz cultural do Cururu, investigando a resistência ao posicionamento da mulher, as dificuldades e os casos de subversão.

Santa Rosa (2007, p.14), corrobora que o território masculino dentro do Cururu é bastante ácido, ganhando no repente (a disputa), aquele cantador que chama mais atenção com seus versos de improviso no entretenimento ao público, que por sua vez o aplaude. Portanto, os apelos aos temas profanos são recorrentes aos seus conhecimentos e os temas de acordo com seu grupo de convivência ou conceito patriarcal adquirido "o cururu fica duro, cheio de ataques pessoais".

O trabalho visa entender a participação da mulher neste contexto androcêntrico, dentro desta manifestação cultural musical e a aceitação delas nos palcos. O Cururu, desenvolvido em pequenas cidades, com costumes e tradições locais, conceitos familiares patriarcais e de dominação, ao sair do campo e se firmar na área urbana, em busca de novas oportunidades culturais e de trabalho aos desenvolvedores, teve mudanças em sua comunicação, mantendo o estilo musical, oralidade e seus instrumentos.

Buscamos verificar se a mudança do espaço rural ao urbano manteve o sistema de domínio simbólico sob a mulher, na sua liderança comunicacional, nas diferenças do gênero e atribuições nos eventos. Neste caminho, a autoria da pesquisa buscou traços de violência simbólica contra mulheres, machismo, conceitos católicos, culturais, dados estatísticos em campo e observação se fizeram essenciais para amparar e definir dominantes e dominados no Cururu.

As características do Cururu na zona rural tomaram outros rumos no início da década de 1920 com o surgimento de ferramentas de transmissão em massa no Brasil, transformando a comunicação de pequenos grupos em novo sistema de maior abrangência. O rádio trouxe nova forma de transmissão, implantou transformações tecnológicas e midiáticas, e, conforme Barros (2013, p.17), afastou o modo cultural artesanal e deu preferência por grupos de maiores audiências, tudo isso implica "em descentralização da comunicação em difusão dispersa e contínua de sinais e informações, com desdobramentos no campo da cultura".

O Cururu é um movimento cultural que têm em sua essência a comunicação simples, de conhecimentos adquiridos familiarmente ou dentro do grupo de convivência, principalmente nas pequenas comunidades, sítios e fazendas. Este processo foi investigado por Beltrão (2004, p.11), “a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural”.

As pessoas que cantam o Desafio de Cururu normalmente tem baixa escolaridade, porém, apresentam articulação rápida de pensamento, construindo os improvisos com temas variados, utilizando a oralidade para se comunicar. Com facilidade em transitar, se conectar com outras comunidades, mídias, aprender e traduzir o que foi aprendido com outros grupos, tornam-se líderes comunicacionais ou agente- comunicador, conforme Beltrão (2004).

A migração dessas pessoas, do meio rural para a cidade ocorreu motivada pela busca de melhor qualidade de vida, oferta de empregos, educação, saúde e em busca de reconhecimento cultural e midiático.

Os cururueiros na área rural cantavam com os argumentos à sua volta, temas do campo, animais, amigos, assuntos peculiares ao campo. A entrada dos cururueiros no território urbano, a inserção nas mídias, possibilitou intercâmbio cultural e também mudanças de linguagem, com os códigos adquiridos, possibilitando um trânsito de linguagem entre o sagrado e o profano, o campo e a cidade o hibridismo cultural definido por Canclini (2000).

O modelo mais profano do que sagrado do Desafio de Cururu em 2018, o trouxe para o entretenimento, abrindo caminho das disputas internas, tanto no desafio, quanto da exposição nos palcos e mídias.

Para entender essas mudanças, encontramos apoio na metodologia da sistematização das experiências vividas em Holliday (1995), que apresenta possibilidades do uso das práticas como forma de transformação e reconstrução experiências, procedimentos utilizados em movimentos sociais latino americanos.

Com essa metodologia participativa conseguimos produzir informações no local das apresentações, com os cururueiros, apresentadores e o público presente, o que nos proporcionou dados importantes para que pudéssemos misturar o conhecimento acadêmico com as práticas ativistas e provocar o poder público das responsabilidades do desenvolvimento e promoção cultural.

A produção de informações, por meio de questionário eletrônico, pelo *Facebook*, ainda nos mostrou outras lacunas existentes, como falta de habilidade com a tecnologia pelos frequentadores e cantores, perfil de idade avançada em relação da expectativa de vida do brasileiro, baixa inserção de novos talentos e reclamações de cururueiros por espaço de apresentação.

Encontramos em Trigueiro (2008), a ação de atores sociais como mediadores entre os produtos dos meios de comunicação; e em Canclini (2000), o hibridismo cultural, que deram caminhos para os desdobramentos e ressignificação do pesquisa acadêmica.

As metodologias participativas nos indicaram a transversalidade do trânsito entre o espaço acadêmico e a crítica contra sincretismo teórico apontada por Bernard Miège (2000), que se inquieta com os trabalhos acadêmicos da comunicação, que poderiam atender mais aos anseios da sociedade, usando a estrutura e conhecimento acadêmico para a provocação ao poder público, em busca de caminhos de ajuste das relações sociais.

A metacomunicação no grupo de cururueiros nos indicou que o corpo é expressivo na comunicação dos participantes, a transgressão, a postura corporal e entonações da mulher nos palcos de domínio masculino se mostram subversivas.

Ao pesquisarmos esta atividade do Desafio de Cururu, esperamos contribuir com este trabalho para reafirmar a importância da valorização cultural marginalizada dentro do âmbito da área rural e urbana e que a sistematização proposta na metodologia possa reverberar para as demais cidades que estão conectadas, por terra ou por culturas com Sorocaba (SP). A partir da produção de informações, propomos ações concretas e viáveis de realização, de apoio, valorização e difusão de Desafio de Cururu, que poderão ser utilizadas como modelo para outras propostas junto ao poder público regional.

Com o intuito de saber mais sobre o Desafio de Cururu buscamos informações em autores como Garuti (2003), Alleoni (2006), Santa Rosa (2007), D'Elboux (2010), Araújo (2004), programas de TV, produzimos entrevistas com cantores de Cururu para TV Uniso, Universidade de Sorocaba para o *Youtube*, usamos ferramentas de pesquisa pelo *Facebook* para saber perfil de idade, financeiro, cultural e dificuldades do grupo, além de acompanhar os cururueiros em suas apresentações locais.

Para verificar a representatividade do Desafio de Cururu, entender as dificuldades, as transformações, as condições de gêneros, e saber da sua ascensão e possível desaparecimento, vamos evidenciar o grupo social no estudo.

2 ORIGEM, TRADIÇÃO, FOLKCOMUNICAÇÃO E MEIOS MASSIVOS

2.1 A história do Desafio de Cururu

O Desafio de Cururu é uma centenária tradição cultural promovida no estado de São Paulo. É composto de versos improvisados entre dois participantes, acompanhados do som de viola caipira, que se apresentam em palcos, bares, clubes, encontrados nos centros urbanos e nas áreas rurais da região do Médio Tietê. Esta tradição tem relação próxima com as Festas do Divino da Igreja Católica, que utilizou evangelização por meio do canto, ao enviar representantes da igreja, cantores caipiras, para disseminar suas mensagens para os povos distantes das igrejas.

Conforme Araújo (2004, p. 84), "Cururu é, em última análise um sincretismo luso-brasílico, inteligente forma lúdica de que o jesuíta lançou mão, para ensinar História Sagrada aos catecúmenos". Outra afirmativa que endossa esta possibilidade de uso dos cururueiros para evangelizar aparece com Pazetti (2014, p. 41), ao fazer referência ao mediador da intercessão divina: "O cantador possui grande importância não só na diversão daqueles presentes, mas também na função religiosa, sendo o cururueiro uma espécie de intercessor entre as pessoas e o plano divino, podendo ele ajudar nesta ligação".

Há divergências, no entanto, entre os historiadores sobre o início da tradição da Festa do Divino, berço cultural dos cururueiros. Encontramos no site Portal do Divino uma relação atribuída à celebração de Pentecostes e à rainha Isabel de Portugal, na Vila de Alenquer em 1280. Não se descarta a versão de que seria realizado pelo convento São Francisco na mesma vila, porém não atribuído à rainha e sim ao convento, em 1323. Portanto consideramos, com relação às datas, que tenha nascido no fim do século XIII e início do XIV.

A Festa do Divino é cultuada pela Igreja Católica que celebra Pentecostes - a descida do Espírito Santo aos apóstolos em forma de línguas de fogo. Os cristãos acreditam que neste momento começaram a falar todas as línguas. A celebração do Domingo de Pentecostes e da Festa do Divino acontecem no mesmo dia, cinquenta dias depois da Páscoa.

O Portal do Divino assegura a origem da Festa do Divino nos Açores, Portugal, atribuída à rainha Isabel de Aragão, conhecida por dama do pão e rosas, que por sua convicção de caridade saía pelas portas do fundo do palácio em que morava e levava escondido em seu avental pães e rosas aos pobres, contrariando o marido, que não a queria misturada a eles. Pela fé e crença no Espírito Santo, se pedia nos Açores a proteção ao local,

para evitar as constantes catástrofes naturais. A tradição da festa realizada no dia de Pentecostes pelo rei e rainha portugueses, objetivava mostrar a vontade de servir o povo cristão, com humildade e caridade.

Nesta festa, após a Eucaristia e uma tourada, uma procissão saía pelas ruas e a carne era distribuída aos pobres, seguido de banquete para todos com pão, bolo, vinho e carne. Antes da Festa do Divino, porém, há uma novena, realizada por fiéis que é repetida por nove dias, terminando com a Folia do Divino, em que grupos de pessoas vão até a casa das seguidores pedindo donativos para realização da festa. Essas festas são regadas com muita comida, apresentações de cavalhada, com exibição de duas tropas com doze cavaleiros, que de casa em casa chamavam os cavaleiros para os ensaios do evento, de forma teatral que representava os conflitos religiosos da época.

Há ainda a congada, que traz elementos culturais africanos e cristãos, danças como fandango, cantigas brasileiras e costumes do povo caiçara, o jongo, dança de tradição africana utilizada pelos negros que trabalhavam em plantações de café do Vale do Paraíba. Estes negros se comunicavam enquanto dançavam, pois, eram proibidos de conversar durante o trabalho.

No Brasil, em Pirenópolis – Goiás, a Festa do Divino é a maior manifestação popular local, contagia toda a população e recebe muitos turistas. O governo local mantém um site com a história da festa e os eventos realizados.

O Cururu, por sua vez, é um dos principais manifestos dessas culturas. Se baseia no encontro de violeiros que passavam a noite nos pousos do divino, cantando e rimando com temas sagrados da bíblia ou, para eles, a chamada “foia” ou “livro”. No Brasil esta tradição é análoga à Portugal, datada do século XVI e que segue os caminhos da rainha Isabel de Aragão ao fazer promessa ao Divino Espírito Santo em busca de resolução de conflito entre o seu esposo e o filho.

Ao fazer o pedido, a rainha Isabel prometeu ao Divino Espírito Santo que iria viajar pelo mundo e com ela levaria uma cópia da coroa e que apresenta uma pomba no alto da coroa, símbolo do divino, arrecadando donativos e doando aos pobres.

> Existem inúmeras semelhanças entre a Festa do Divino brasileira e aquela observada em Portugal e nos Açores, tais como: a religiosidade (com realização e pagamentos de promessas ao Divino Espírito Santo), elementos comuns ligados à realeza, preocupação com pobres e doentes e a utilização dos mesmos símbolos como o cetro, a coroa e a pomba. Outra semelhança entre as festas é a presença de cantadores e improvisadores. Em Portugal eles cantam loas pelas ruas e em solo paulista o Cururu é fator primordial nas Festas e Pousos do Divino (PAZETTI, 2014, p. 41).

Assim, no Brasil, com a entrada dessa tradição nas Festas do Divino - que carregam em sua bandeira estes códigos representativos de cor vermelha e com um desenho de pomba branca no centro (figura 1), o Divino Espirito Santo sobre raios com sete línguas de fogo, que simbolizam os dons do Espírito Santo -, é que o Cururu possivelmente tenha sido inserido.

Figura 1 – Bandeira do Divino

Disponível em: www.artesacro.com.br (2018).

A liturgia da Festa do Divino nas casas visitadas é realizada por homens, cururueiros que são escolhidos como mensageiros da igreja para levar aos locais distantes a palavra da instituição e os agradecimentos pelas graças alcançadas. Cabendo às mulheres, então, organizar os encontros, a comida a ser dada aos divinos (participantes da procissão), quando estes passam pelas casas visitadas, além de arrumar os locais de descanso para os mesmos, o pouso.

O morador visitado recebe os foliões e a bandeira do divino, que é levada por toda casa na intenção de benzê-la. Após esse ato, a bandeira é colocada no lado direito do altar, anteriormente preparado pelo morador. A bandeira só sairá no dia seguinte, indo para a casa do festeiro da cidade, geralmente ricos, que proporcionam as comidas e bebidas da festa. Neste local da festa, durante a noite é posta ao lado da bandeira do Divino uma cadeira e uma

pessoa que fica de “guarda” com uma mão na haste da bandeira, cuidando e ajudando as pessoas em seu ritual particular, abaixando-a para que seja tocada ou beijada.

O hino ao Divino que reproduzimos a seguir, de Ivan Lins (1978) - escrita por Vitor Martins e Ivan Lins, como parte do álbum *Nos Dias de Hoje* (1978) -, representa caminhos iluminados, a renovação da esperança e união entre os povos.

> Os devotos do Divino vão abrir sua morada
> Pra bandeira do menino ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai
> Deus nos salve esse devoto pela esmola em vosso nome
> Dando água a quem tem sede, dando pão a quem tem fome, ai, ai
> A bandeira acredita que a semente seja tanta
> Que essa mesa seja farta, que essa casa seja santa, ai, ai
> Que o perdão seja sagrado, que a fé seja infinita
> Que o homem seja livre, que a justiça sobreviva, ai, ai
> Assim como os três reis magos que seguiram a estrela guia
> A bandeira segue em frente atrás de melhores dias
> No estandarte vai escrito que ele voltará de novo
> E o Rei será bendito, ele nascerá do povo, ai, ai.

O culto ao Espírito Santo tem grande representatividade no centro Oeste do Brasil, por exemplo, em Pirenópolis, Goiás, em que acontece uma das mais expressivas comemorações do Divino Espírito Santo. Em outros estados também acontece esta manifestação, como Minas Gerais, Santa Catarina, Maranhão, Bahia, Rondônia e Rio Grande do Sul. Em São Paulo, as cidades de São Luís do Paraitinga, Mogi das Cruzes e Tietê também têm grande expressão. Ao longo do tempo a tradição sofreu poucas variações, e o momento mais esperado é a coroação do imperador, assim como acontecia em Portugal, em que o Império era o espírito.

O imperador e os reis, nesta festividade, eram crianças não pertencentes ao reinado, que devido a inocência eram coroados e a eles dados o poder temporal. Na cidade de Tietê (SP), a festa religiosa acontece com a chegada de canoas que navegam pelo rio Tietê. Santos (2013, p. 128 e 129), lembra que o costume da festa religiosa foi trazido pelos bandeirantes e Jesuítas “um grupo de homens como irmãos do Divino realizam todo o ritual que rememoram os tempos de banderismo, em torno da forma litúrgica”.

No período colonial e atualmente, as Festas do Divino são de extrema importância para moradores às margens do rio, pois as manifestações trazem o conforto do Divino, renovação da fé dos ribeirinhos para encontrar força e coragem para seguir seu caminho.

Segundo a Revista Música Brasileira (2010), na Festa do Divino e no Cururu urbano a viola é o principal instrumento de acompanhamento da cantoria; foliões e violeiros colocam em suas violas fitas de promessas coloridas. Geralmente são sete fitas, com cores diferentes e

cada uma tem um significado, a branca representa Jesus e a azul, Maria. A cor-de-rosa representa São José. A amarela é o ouro dado como presente ao menino Jesus; vermelho está relacionado com o incenso, a verde com mirra e a azul escura tem ligação com São Gonçalo, o protetor dos violeiros. Caso haja uma fita preta, a lenda diz que o violeiro fez um pacto com "forças do mal" para aprender a tocar a viola.

Há o hábito de violeiros anexar um guizo de cobra cascavel à viola, que produz um som semelhante a um reco-reco, instrumento feito de taquara, que os violeiros usam contra mau-olhado e que para Araújo (2004), é para dar melhor som e harmonia.

Percebe-se que a viola de dez cordas tem origem portuguesa, que foi usada para facilitar o canto e a oratória de catequização, além de entretenimento dos colonizadores. "Mas a nossa viola é também bastante idosa, veio de Portugal e ao aclimatar-se em terras brasileiras, sofreu algumas modificações, não só em sua anatomia como também no número de cordas" (PAZETTI, 2014 apud ARAÚJO, 1958-1959, p. 64).

Pazetti (2014, p. 46), destaca que a viola utilizada no Brasil é originária de Portugal e foi levada ao longo do Rio Tietê por Bandeirantes.

> A viola que chega pelas mãos do português em nossa terra logo é incorporada pela população paulista se tornando parte da identidade cultural desta região. Ela se expande por outras partes do Brasil pelas mãos dos bandeirantes, monçoneiros e tropeiros que adentraram o interior e contribuíram enormemente para a formação territorial brasileiro. Em solo nacional a viola assume diferentes formas e afinações nas regiões em que se achega.

Pazetti (2014, p. 47), cita Nepomuceno (1999), que ao acrescentar o uso da viola como ferramenta evangelizadora "os primeiros cantos, na viola, foram os da catequese. Misturando-se melodias portuguesas às dos índios, crenças cristãs às danças pagãs, surgiram ritmos e gêneros, como o cururu e o cateretê". A urbanização da viola segundo Araújo (2004), é condicionada ao folclorista Cornélio Pires, que no início do século XX organizava programas de viola em palcos na cidade de Tietê (SP), e festivais em São Paulo (SP), no *Mackenzie College*.

2.2 Cururu no Brasil - da origem rural aos centros urbanos

> Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusivas com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento (CANCLINI, 2000, p. 40).

Os repentes caipiras do Cururu surgiram nos Pousos do Divino. Depois das festividades surgiam as improvisações sobre os aprendizados sagrados, com as mensagens da igreja. Após rezar e louvar, sempre os mesmos temas, que se tornavam repetitivos, monótonos, os improvisos ganharam espaço com as paródias das músicas sagradas, o que caiu no gosto popular, portanto nos parece o caminho do improviso bem-humorado atual.

As respostas atravessadas em contrapartida a algum erro cantado dos temas bíblicos, tinham réplicas jocosas e ganharam espaço pela repercussão, com notoriedade entre os presentes, como descreve Garuti (2003, p. 05): "o repreendido, por sua vez, respondia, também em versos cantados, a sua defesa. Dessa polêmica surgiu, depois, o desafio cantado do cururu".

Para Garuti (2003), o estilo de canto do Desafio de Cururu, denominado sagrado, que utiliza passagens bíblicas, voltado aos assuntos religiosos, está associado aos evangelizadores coloniais que se utilizavam da oralidade dessa cultura para transmissão da mensagem da igreja nas épocas das polêmicas religiosas, daí a hipótese de terem sido os jesuítas os seus implantadores, difusores do Cururu na região do Médio Tietê.

Em Santa Rosa (2007), o cururueiro Luizinho Rosa, falecido em 19 de Julho de 2017, em entrevista descrita no Livro Prosa de Cantador, disse que pra ele o termo Cururu está relacionado a um sapo de mesmo nome, que ao coaxar pula de um lado para outro, fato que também acontecia com índios que dançavam suas tradições ao pular de um lado para outro, e que no princípio do repente Cururu era observado no palco, com os cantadores se movimentando no palco.

Já Araújo (2004), menciona que o Cururu surgiu da dificuldade que os índios – então em processo de evangelização no Brasil colonial -, tinham em pronunciar a palavra cruz, assim, a pronúncia foi se transformando até chegar ao termo Cururu. Em outra vertente do termo, origina-se da palavra "Kuru´ru", que significa sapo na linguagem tupi, relacionado aos índios, que dançavam pulando como sapos, o que coincide com a versão do cururueiro Luizinho Rosa para Santa Rosa (2007).

Pazetti (2014, p. 49), apresenta outro caminho, em que a movimentação do Cururu teria origem europeia.

> Seria oriunda da carola, antiga e mística ronda de ordem religiosa presente em inúmeros países europeus, inclusive na França, e não teria relação com nenhuma dança indígena. Até mesmo, uma explicação do surgimento do termo Cururu poderia ser em decorrência da carola que em língua ocitana se pronuncia kurúlo, tão próxima da palavra Cururu.

Araújo (2004), aponta ainda mais uma vertente para origem da palavra Cururu, aos árabes, que haviam levado o estilo dos versos para Europa e os portugueses se apropriaram deste movimento e trouxeram para o Brasil. Na versão de Andrade (1992), a origem do modo de cantar e improvisar dos cururueiros paulistas por serem competidores, repentistas, muito se assemelha aos trovadores franceses, pelas poesias, palavras de amor e tem semelhança na construção musical para enfrentar o desafiante.

Santa Rosa (2007), cita que entre os estudiosos da cultura brasileira, Mário de Andrade, Antônio Candido, Alceu Maynard de Araújo e Câmara Cascudo há um consenso sobre o nascimento do Cururu, uma adaptação de danças religiosas. Ainda afirma que para João Chiarini é uma competição popular, luta amistosa entre canturiões com pobreza coreográfica, que ao cantar, rodavam; mas que atualmente somente cantam, sem performance de dança. Para Santa Rosa (2007, p. 15), essa foi uma invenção dos jesuítas e destaca "seu caráter respeitoso, desprovidos de intenções sexuais".

Santa Rosa (2007), destaca que o Cururu vem de tradição religiosa e respeitosa, o que coincide com a Festa do Divino, relacionada à Igreja Católica. Os bandeirantes estiveram na região do Médio Tietê, navegando pelo rio em busca de ouro, e os jesuítas no mesmo caminho seguiam evangelizando o povo, portanto, disseminaram os costumes e tradições portuguesas. Alleoni (2006, p. 20), acompanha o pensamento da origem lusitana, das poesias cantadas "Delimitar as origens do cururu é difícil. Provavelmente estaria relacionado nas suas raízes mais remotas com o próprio trovadorismo".

Benedito Moreira dos Santos, o Zico Moreira, famoso cantador, (Tietê,1902 – 2002), em entrevista a Garuti (2003), ao esclarecer sobre as origens do Cururu, colaborou com as interpretações paulistas sobre a origem portuguesa do Cururu. A discordância da origem do Cururu, até mesmo jocosa, vem do cantador Abel Bueno, que fez a provocação em Santa Rosa (2007, p. 16), que Cururu não tem vínculos portugueses "Eu falo que não, porque se fosse de lá tinha cantador e lá não tem".

Discordamos da afirmação de Abel Bueno em Santa Rosa (2007), de que o Cururu Paulista não tem ligação lusitana, pois, em Portugal é muito comum a Desgarrada, música de improviso semelhante ao Cururu, com outros instrumentos anexados, como o acordeom, gaita ou sanfona no Brasil, bateria, teclado, guitarra e baixo, movimentação de palco, dança dos frequentadores, participação de crianças, jovens, adultos e ainda temas relacionados com festas religiosas, por exemplo São Bartolomeu e temas profanos, por sinal, muito mais picantes que no Cururu Paulista.

Cido Garoto, falecido em 16 de maio de 2018, entrevistou Nhô Zé, tradicional cururueiro, ao ser perguntado sobre o início dos Desafios de Cururu respondeu: “Ó moço, eu fui rezadô nessa região, e pelo que eu vi contá, nas redondezas por aí, é aquele tempo a gente guardava o Divino como se fosse defunto, a noite inteira” (2003, p. 06).

Ao investigarmos sobre o Cururu em outras áreas encontramos no livro Folclore nacional II, de Araújo (2004, p. 121), relatos de cururueiros em outras cidades como São Paulo, Itaquaquecetuba, Carapicuíba, Araçariguama, Itapecerica, dados não encontrados em 2018. “Em Itaquaquecetuba, a existência do cururu no presente denuncia a coincidência dos fatores históricos da expansão jesuítica e o isolamento geográfico, redundando na quase ausência de novos contatos culturais”.

Um fato a destacar, o desconhecimento de pessoas cantando o Cururu na cidade de Sorocaba, na década de 1950. A cidade tem tradição no Cururu em 2018.

> Em Sorocaba, por exemplo, não há mais o cururu, porém nos confins do município, na Vila de Santa Maria, ele persiste, isso porque ela não gravita como Votorantim na órbita da industrializada cidade que foi a mais célebre feira de animais do século passado (ARAÚJO, 2004, p. 121).

A justificativa que o Cururu esteve em várias outras cidades próximas ao rio Tietê, acompanha o pensamento que os bandeirantes e jesuítas navegaram e tropeiros caminharam por estes territórios e passaram adiante experiências. No Brasil, a inserção desta tradição é relatado nas primeiras décadas do século XVI, no período colonial.

> A importância do fator geográfico no passado, da difusão do Cururu, servindo como veículos principais o rio Tietê e o caminho dos tropeiros, nos sugere a suposição de que a evolução econômica do estado, relegando a segundo plano os meios de comunicação e fazendo surgir as estradas de ferro e rodagem, influiu no processo de disseminação do cururu. (ARAÚJO, 2004, p. 120).

Os bandeirantes, sertanistas em busca de ouro com suas expedições fluviais, e comerciantes adentraram o interior pelo rio Tietê, encontraram tradições locais, assimilaram e levaram adiante tornando-as ferramentas de transformação da comunicação ao longo do leito. A circulação dos bandeirantes pelo país em busca de ouro, mão de obra, comércio dos tropeiros, além dos jesuítas pela evangelização, promoveram troca de conhecimentos culturais, levando sotaque, tradições, costumes para uns e trazendo traços culturais de outros, promovendo o hibridismo cultural lecionado por Canclini (2000).

Ao transitar pelo país, Silva (1999, p. 16), acrescenta que estes elementos se tornaram divulgadores sociais, ajudando a compor novas paisagens comunicacionais: “Taunay fala da importância da figura do tropeiro como um ‘mensageiro da civilização’, seria a pessoa que transmitia os acontecimentos sociais, políticos, culturais, etc. das regiões por onde transitava”.

A mistura cultural de Sorocaba para Gomes e Ribeiro (2018, p. 86), é herança de vários povos em diversos momentos “mistura da rabugice espanhola, da cabreirice e cisma do caipira e da gabolice do gaúcho”. O Sorocabano, segundo Gomes e Ribeiro (2018, p. 45), adotou modelo de comunicação dos gaúchos, com gestos largos ao descrever algo, reproduzindo em palavras o som existente. “E aí o carro veio na maior carreira e passou fazendo vruuummm, levantando um poeirão”.

O modo singular de comunicação do sorocabano é motivo de risos por outras comunidades. No dialeto sorocabano no diminutivo descrito por Gomes e Ribeiro (2018, p. 37), como o termo “chovendinho”, que é aquela chuva fina de molhar bobo ou “namorandinho”, quando está namorando firme pra casar.

A formação da economia e cultura da cidade foram diversificadas para Gomes e Ribeiro (2018), com miscigenação entre bandeirantes, índios, tropeiros, pequenos comerciantes, tecelões, ferroviários, operários, industriários, comerciários, profissionais liberais, prestadores de serviço.

Sejam os tropeiros a cavalo levando mulas e comercializando animais, ou os industriais, pelas estradas de ferro com os ferroviários, as comunicações foram efetivadas, hibridizando informações pelo caminho. Porém, em Sorocaba há uma menor repetição do “r” nas palavras, em relação aos moradores de Piracicaba. Gomes e Ribeiro citam que e na região de piracicabana o “r” é mais acentuado também no início das palavras.

Isso é influência tropeira e gaúcha, falamos ainda com alguma rompância (com exagero de convicção), em tom alto, damos uma espichada sonora na voz na frase toda. Além da comunicação, para Gomes e Ribeiro (2018, p. 67), o sorocabano herdou o hábitos alimentares tropeiros como o consumo de arroz carreteiro, feito com arroz e charque, além do tradicional feijão tropeiro, composto de “feijão com toucinho, charque, linguiça de porco, farinha de mandioca e outros incrementos”.

A explicação de Gomes e Ribeiro (2018, p.45), é que Sorocaba teve maior contato industrial, por isso a mudança na acentuação do “r”, deixando as palavras mais suaves “influencia gaúcha, espanhola, atividade agrícola menos intensa, maior contato metropolitano, caldo étnico e cultural”.

Os códigos comunicacionais introduzidos nesta região permanecem, ao observar que os habitantes puxam o “r” para falar, como exemplo em Sorocaba, Tatuí, Porto Feliz, Piracicaba. Alleoni, (2006, p. 23), afirma que os habitantes assimilaram as experiências e as tomaram para si “Conservou-se singular no seu caipirismo, inclusive mantendo seu linguajar próprio, que é praticamente uma característica desta área”.

As mudanças expressivas na linguagem do Cururu aconteceram com a entrada na mídia, Santa Rosa (2007), corrobora que o rádio se apropriou do Cururu, levando-o para mídia, inserindo-o como entretenimento no início da radiodifusão brasileira, por volta de 1930. Contrapondo essa teoria, Alleoni (2008), indica que na década de 1950, começou a sair da área rural e estabelecer-se nas rádios, o que ocorreu até o fim da década de 1980 nos programas de rádio.

Este meio de comunicação, segundo Pazetti (2014, p. 44), mudou a forma rural da cantoria, que não tinha hora para acabar nas festas realizadas, tendo que se adaptar ao tempo disponível nas emissoras de rádio e gravações.

> Esta limitação transformou a composição destes homens, passaram a reduzir as toadas e consequentemente a extensão de seus “causos”, ou seja, houve uma transformação nas “composições” originais, alterando o cerne desta tradição: as longas toadas que narravam a história paulista e de seu povo gradativamente foram sendo substituídas por trechos resumidos destas obras atendendo assim a uma necessidade fonográfica.

Pelas apresentações serem feitas no improviso, poucos discos foram gravados por cururueiros. Cido Garoto, expoente cururueiro sorocabano, que gravou cinco CD’s, todos ligados ao cururu, em Sorocaba o Cururu foi divulgado e bastante ouvido nas rádios até o fim da década de 1980, em shows ao vivo nos estúdios das rádios Clube, Vanguarda e principalmente na Cacique, um espaço disputado, pois, tinha mais audiência nesta época.

Cido Garoto (2003), destaca que em Sorocaba vários radialistas ajudaram a promover o cururu, desde a década de 1950, como Dito Boqueirão, Roque Pinto de Almeida, João Davi, Jeca Piru, Ézio e Elvira Vestina, Nhô Serra, Nhô Juca, Valone Neto, Geraldo Rocha, Nhá Bentinha, Nerci José, Thomaz Martins, Cido Garoto, Paulo Silas, entre outros.

Outro espaço midiático que levou o Cururu para novas experiências foi a TV, o que aconteceu no fim do século XX e permanece em 2018, por meio das emissoras TVCOM e TV Votorantim, TV’s comunitárias, que apresentam gravações de shows ao vivo. Para Garuti (2003, p. 19), as experiências ao vivo na TV esbarram no quesito tempo “[...] na TV, o tempo

é, geralmente, muito curto para o cantador se expressar, e a maioria reclama por não poder responder adequadamente seus adversários".

Conforme Alleoni (2006), ao ir para mídia, o rádio e a TV, o caráter poético religioso original do cururu foi deixado de lado, passando então a utilizar temas populares e profanos nos versos, atendendo o lado comercial e adequando os temas relacionados ao vínculo comercial. Nos shows ao vivo, os cururueiros adequam seus versos ao calor da plateia que frequenta, torce e vibra com os versos poéticos, sagrados e debochados.

Os Desafios de Cururu que presenciamos em Sorocaba, no Clube Barcelona em 2017 e 2018, eram gravados e retransmitidos pela TVCOM, um canal fechado disponível para assinantes e que continha apoios culturais locais, por exemplo, em 2017, Churrascaria Boi Branco, Ferrazpisos, São João materiais para construção, entre outros, para ajudar nos custos de estrutura de som e imagem. Não encontramos relatos de haver pagamento à TV para sua veiculação, pelo seu caráter comunitário.

Percebemos em campo, nos desafios ao vivo, que não há combinação dos temas a serem abordados, eles são escolhidos no início da contenda, o primeiro a cantar é que dá a linha de pensamento, apresenta sua sapiência e as respostas serão dadas de acordo com os pressupostos culturais e conhecimento de cada indivíduo que estiver na disputa, o que é aceito por Araújo (2004, p. 99), "De fato eles trazem para o cururu as impressões do mundo que o rodeia".

Sobre o fator conhecimento dos cantadores, consideramos também a percepção de Alleoni (2006, p. 27), quanto à importância do Cururu, que no século passado era um veículo de informações para os povos, ferramentas de dissipação do momento social, um veículo comunicacional. "O cururu era um meio de diversão e de se veicular notícias na primeira metade do século XX".

Ao realçarmos a diversão, o humor aparece como ferramenta imprescindível para o cantador da atualidade, os caçoístas[3] usam esta tática para divertir e desclassificar, satirizar seu oponente, na busca de aplausos e da vitória no duelo. Não são incomuns discussões pelo exagero aos temas, tidos como picantes, expostos nas músicas. Já os temas utilizados com humor e provocações respeitam um código de ética entre os participantes do desafio urbano, o que na área rural em outros tempos não era verificado, por exemplo, desafios e provocações étnicas entre brancos e negros, que eram propositalmente contratados para disputa.

[3] Caçoísta é o adjetivo dado ao cantador brincalhão, zombador.

Geralmente pessoas que não estejam no evento são lembradas somente de forma positiva, como nos relembra Andrade (1992, p. 64): “Companheiros ausentes devem ser elogiados; companheiros falecidos devem ser venerados; família de cada um não é assunto para Cururu, a não ser para receber elogios ou para integrar leves chistes”. Garuti (2003, p. 14), explicou que nos dias atuais, os problemas reais, deficiência físicas, insinuações com familiares não são bem recebidas no meio e os temas racistas são evitados, mesmo que os integrantes saibam que entre eles não haveria adversidade: “O problema maior é na plateia pois, embora você brinque com um cantador preto, este não liga, pois está preparado para isso”.

Os temas abordados causam desconforto entre os participantes, de acordo com os assuntos propostos, como situação financeira, estado civil, questões familiares, podendo não agradar ao oponente e as divergências aparecem. Santa Rosa (2007), identificou histórias sobre estas tensões, como a do cururueiro Jonatas Antunes, mais conhecido como Jonata Neto, que brigou com seu irmão Horácio Neto, também seu companheiro musical, após desentendimento durante apresentação. O reencontro e contato dos irmãos cururueiros, depois de tempos sem se falar, aconteceu em Laranjal Paulista (SP), em uma festa promovida pela Rádio Dynamica, realizada pelo produtor cultural Narciso Pieroni.

Antes do evento os dois se encontraram, sem dizer nada, se abraçaram por um longo tempo e ao se afastarem foram cantar juntos, como parceiros. Jonata Neto tocou viola e Horácio Neto cantou. Não há menção da data deste encontro.

O acontecimento entre os irmãos Neto reflete a tensão entre os cururueiros e o medo de quem não tem o perfeito domínio para versar e responder as provocações do companheiro cantador, refletindo a dificuldade de enfrentamento em campeonatos. A plateia também pode causar momentos desagradáveis nas cantorias, como Garuti (2003), mencionou anteriormente, com aplausos e vaias efusivas para algumas situações e assuntos desconfortáveis.

Outro desafio contado pelo cururueiro Manezinho Moreira para Santa Rosa, quase teve fim trágico. O evento aconteceu em Piracicaba (SP). Na ocasião, Dito João, que outrora teve um irmão morto por um homem de apelido “cobra”, cantou que naquele dia ele seria o campeão e usou a expressão de que a “cobra ia fumá”. Onofre Jordão, um cantador que gostava de caçoar dos adversários respondeu: “[...] largue mão dessa manobra ocê, que uma cobra que matô vosso irmão...”. Houve confusão. Com uma faca na mão, Dito João foi pra cima do Onofre Jordão que, por sua vez, correu e, mesmo se defendendo, continuou a cantar.

A confusão, conta Santa Rosa (2007, p. 90), deixou imagens sacras pelo chão, mulheres, crianças e homens saíram correndo, até que algumas pessoas conseguiram separar

os dois. “Onofre Jordão... era uma tentação, ôh home!”. Destacamos o cantador Abel Bueno, também em entrevista para Santa Rosa (2007, p. 109), que se lembra de um cantador que ia muito bem até ser provocado, levando os versos do cururu a sério e para vida pessoal. “O Agustinho de Aguiar era um cantadô que ele achava que as ofensa era de verdade”.

Os temas abertos, profanos e humorísticos que são realizados de acordo com o conhecimento de cada cantador, que estejam fora de uma normalidade, trazem outros problemas para os desafios, descrito por Santa Rosa (2007, p. 105), e podem desestimular participações de cantores e do público, segundo Abel Bueno "[...] hoje está mais jocoso, é só cantá bobage pô povo”.

Outros expoentes desta tradição, Manezinho Moreira e Dito João se enfrentaram. Dito, cantador firme e mais agressivo em uma determinada contenda, não gostou da resposta de Manezinho e foi para trás do palco tirar satisfações com seu oponente, evidenciando as tensões pelos temas atuais, que pouco ocorria quando na área rural, pois, utilizavam a bíblia como referência, tornando as disputas mais amenas “[...] cê qué vê como eu dô um tapa na sua boca, já?” (2007, p. 127).

Ainda direcionado à sabedoria dos cantadores de Cururu, o desafio é ligado fortemente à oralidade, comunicação direta, tanto que não há uma escola ou quem ensine a cantar o Cururu. Uma lacuna que identificamos e nos questionamos em saber foi respondida por Araújo (2004, p. 115), se deve à maneira como eles entravam neste meio para cantar, muitas vezes sem saber ler ou escrever, e ainda cantavam baseado na bíblia “Não importa que o cururueiro não seja alfabetizado, ele sempre arranja alguém que leia pra ele”.

Identificamos também nos cururueiros a gratidão ao Divino, que segundo a crença de todos os cantadores é que dá o “dom” da sabedoria para os versos e para cantoria. Fato que, segundo eles, é dado somente ao homens - tema que trataremos neste estudo relacionado às cantoras. O reforço da forma de comunicação verbal, passada de forma oral por leitores, por conhecimento, por acúmulo de histórias ouvidas, se dá com Alleoni (2006, p. 22), de que a região do Médio Tietê era uma “ilhota cultural”, devido à distância dos grandes centros, não favorecia a escolaridade “Isto de certa forma acalentava a transmissão verbal dos conhecimentos”.

A interpelação sobre a ilhota, descrita por Alleoni (2006), é a divergência da possibilidade de sair dela para adquirir novos conhecimentos, fato que pode ser relacionado com problemas financeiros, transporte e outros. Para Beltrão (2004, p. 71), são discursos idiomáticos que se adequam entre os seus emissores e seus receptores, combinando com seus pressupostos culturais de domínio dos códigos e técnicas, tendo capacidade de utilizá-los: “Na

comunicação cultural, as linguagens humanas se traduzem no discurso, ou seja, qualquer configuração de signos utilizados na emissão de mensagens simbólicas".

Portanto, o diálogo e a troca dos conhecimentos pela oralidade entre os envolvidos pode acontecer, hibridizando as culturas envolvidas, gerando compreensão entre os interlocutores. Os códigos do desafio de Cururu têm suas peculiaridades, entendidas por seus participantes nas rimas e trovas, há improvisos tanto do cantador, quanto do violeiro, que se adapta ao cantador quando este estica a frase dentro da sua trovação. O ritmo, conforme Santos (2013, p. 122), não mantém a mesma frequência do começo ao fim, como uma música sertaneja tradicional, facilitando o improviso do cantador.

> Em termos práticos, associar a métrica do cururu ao som da viola amplia ainda mais a capacidade de improviso do cantador nos versos – e também autonomia do violeiro. A parceria implica numa via de mão-dupla onde o cantador pode tanto se deixar guiar pela demanda sonora do violeiro, quanto impor a ele versos aos quais a viola adapta seu ritmo. O cantador pode prolongar ou diminuir suas vocalizações em tempos diferentes daquele em que o violeiro impõe a dinâmica sonora. E o contrário também acontece com o violeiro desdobrando mais ou menos notas, diminuindo ou aumentando os intervalos dos repiques entre um verso e outro, ou acelerando e diminuindo o ritmo e a intensidade dos toques.

Garuti (2003), cita a dificuldade de acompanhar o cantador e alerta que o violeiro tem que ter habilidade, tem que estar atento para atrasar ou adiantar o compasso de acordo com o que o cantador improvisar, mantendo assim a harmonia da música. Andrade (1992, p. 45), identifica que o conjunto violeiro e cantador tem que ser harmônico, quanto menos erros, maior o prestígio do cururueiro. "A rima é no cururu, um dos elementos mais importantes do poema. Um erro de rima pode levar à perda da função pelo cantador […] um trovador que não falha na rima é considerado invencível".

As dificuldades de acompanhamento do repente caipira, segundo Garuti (2003, p. 07), deixa violeiros experientes em apuros. "O próprio Tião Carreiro, que foi um dos maiores mestres da viola, chegou a declarar certa vez, no programa "Viola, Minha Viola", apresentado por Inezita Barroso, que nunca conseguiu acompanhar com perfeição um cururu na viola".

Alleoni (2006, p. 26), sustenta que a interação do violeiro com o cantador tem que ser perfeita, para que haja equilíbrio entre os versos e o acompanhamento em dó maior e ré maior, o preferido pelos centuriões. "O número de acordes da viola é pequeno, geralmente dois ou três. A melodia é executada pelo cantor". Geralmente há um trio de participantes, cantador, violeiro e pandeirista que são parceiros nos eventos, mas há boa interação quando há necessidade de um violeiro ou pandeirista ajudar outro cantador, que não trouxe seus companheiros para a apresentação.

As mudanças atuais da comunicação entre os participantes se dão em razão dos temas diversos discutidos entre grupos dos quais os indivíduos fazem parte, a maioria dos cantadores preferem o improviso com temas diferentes, aos quais possam estar familiarizados, e assim completar com sucesso as carreiras[4] musicais que lhe são atribuídas, o que não agrada a todos envolvidos, acostumados aos temas sagrados. A comunicação do Desafio de Cururu é basicamente oral e internalizada, pouco se comunica pelas redes sociais, portanto, atinge poucos novos admiradores.

2.3 O Desafio de Cururu no rádio

O desfio de Cururu foi levado ao rádio como forma de entretenimento aos ouvintes e espectadores de auditório. Este meio de difusão que leva o mundo ao ouvinte pela imaginação, usando somente a audição. Com este sentido o ouvinte pode sentir pena, ódio, amor, vontade, encorajamento, pensamento e escolhas. A globalização musical também presente em Sorocaba desconectou o diálogo do rádio e os atores sociais artesanais do Cururu, que foi usado como ferramenta de entretenimento aos ouvintes. As rádios dependem de audiência e de patrocínios para sobrevivência, portanto, se alinharam ao capitalismo em busca de quantidade de pessoas ouvindo, o que traz mais possibilidades de apoio financeiro de patrocinadores.

Beltrão e Quirino (1986, P. 186), indicam que a mensagem entre o apresentador e ouvinte tem mediadores interessados em lucratividade, posição social ou política, que condicionam o conteúdo emitido de acordo com a lucratividade e interesses das empresas e pessoas "[...] deliberadamente colocados no mercado a fim de proporcionar lucro ao respectivo investimento, não obstante o seu duvidoso conteúdo intelectual e artístico".

Ao ouvirmos as rádios de Sorocaba, São Paulo, base da pesquisa, durante o mês de junho de 2018, variando as frequências, escutamos as rádios por cerca de duas horas diariamente, observando as músicas tocadas, notícias e linguagem dos apresentadores, notamos semelhança das programações musicais e assuntos abordados, jeito do comunicador, o que nos pareceu semelhantes aos encontradas na internet, tanto notícias em sites de TVs, sites de notícias, em sites de músicas como *Youtube* e *Spotify* levando para os ouvintes o

[4] As carreiras são as rimas dos versos, terminações das palavras durante o desafio. Se este, por exemplo, começar com a sonora "ão", os demais devem terminar com "ão" também. Dessa forma, os cantadores devem seguir a regra e não podem mudar para outra rima.

modismo mundial, culturas globalizadas, homogêneas que expõem interesses, acrescentam pouco para a cultura local e regional.

Com interesses financeiros, políticos e sociais das emissoras, programadores e comunicadores ficam sem autonomia, sem diversidade e acabam replicando o senso comum. As emissoras em rede ou arrendadas interagem com a massa e desfavorecem o diálogo regional, refletindo linguagem semelhante, podendo igualar comunidades e diversidades, abrindo precedentes de exclusão cultural e promovendo singularização de linguagem, conflitos de identidade dos ouvintes, que não se identificam com os meios de comunicação.

O conceito financeiro para Beltrão e Quirino (1986, p. 149), não tem interesse em produções de pouca audiência, que não representem lucros para os anunciantes e investidores "[...] para produzir um ganho alto, a instituição aspira a vender sua mercadoria ao maior número possível de clientes". A programação tem que ser atrativa com a finalidade de agradar aos desejos das mais amplas camadas de público.

Para McQuail (1998, p. 120), além do interesse do capital, o lucro, o que se espera dos meios de comunicação é o enriquecimento cultural, promoção da linguagem local, personagens, história, para identificação entre os cidadãos "[...] *se espera de los médios que promuevam la educacíon y la cultura valorizados de manera tradicional, o la autonomia y la autenticidade cultural em benefício de grupos sociales baseados em la lengua, la región o la nación*".

Segundo a Anatel, Agência Nacional de Telecomunicações do Brasil, Sorocaba tem seis emissoras de rádio FM, três de Rádio AM e quatro emissoras comunitárias em FM. Na nossa pesquisa de campo não encontramos nenhuma emissora de rádio que contemplasse programas com cururueiros. A troca de programas de Cururu pelas emissoras de rádio - pelas programações segmentadas que tocam músicas semelhantes e efêmeras -, contemplam o público massivo, que trocou as culturas locais pelas difundidas frequentemente, diminuindo o conhecimento pretérito do Cururu, entre outras.

Em 2018 as emissoras têm programações segmentadas para atender as demandas de ouvintes, a Rádio Cruzeiro FM 92,3 Mhz tem uma programação voltada para o jornalismo, futebol e programação musical para o público adulto, as rádios Vanguarda 94,9 Mhz, Cacique 96,5 Mhz e Top FM 100,5 Mhz têm programação direcionada para música sertaneja contemporânea, Band FM 102,7 Mhz tem programação jornalística e uma mistura musical popular sertanejo contemporâneo e samba, já a Rádio Aleluia FM 99,7 Mhz tem programação gospel.

No espectro do AM Rádio Boa Nova 1080 Khz programação espírita, Rádio Vanguarda 1210 Khz que tem programação musical direcionada para o público adulto e sertanejo e inserções de jornalismo. As rádios comunitárias Super FM 87,5 Mhz, Rádio Cultural FM 87,7 Mhz, Rádio Majestade FM 105,9 Mhz, têm programação diversificada entre jornalismo, música sertaneja contemporânea, samba, eletrônica e funk, e a Rádio Fox FM 87,9 Mhz tem uma programação musical voltada para o Rock.

Estas rádios estão baseadas em pesquisa de audiência para formatar as mensagens a serem enviadas, reagem às necessidades dos seguidores, tendências, corrigem falhas e intensificam os acertos, que são seguidos por outras emissoras, tornando-se uma mistura da mesma coisa.

Para Beltrão (2004, p. 31), os meios usam linguagem massiva, se adequando ao movimento financeiro, dificultando os meios difusores se comunicarem com as culturas marginalizadas. “Quando para cada parcela da comunidade se faz preciso usar uma linguagem especial, adotar um meio adequado, empregar uma técnica distinta, sem o que o diálogo é difícil, senão impossível”.

Entende-se que os meios de comunicação massivos, além da adesão espontânea, ingressam em programações globalizadas por necessidade de sobrevivência. Sem audiência massiva, para audiência de muitas pessoas, pouco patrocínio, sem apoio financeiro, não consegue prosseguir com o trabalho.

Ao acompanharmos emissoras de rádio e TV notamos semelhanças nas músicas, programas de entretenimento, humor e conteúdo, notícias veiculadas na internet e nas rádios com pouca mudança do texto, formato igualitários de programação e horários das propagandas comerciais em horários próximos.

A semelhança entre os meios de comunicação local nos leva a pensar em concorrência análoga, ou seja, venda do mesmo produto com receio de fazer algo diferente e não ser atrativo ao consumidor final, o ouvinte ou telespectador, devido adesão ao sistema econômico, político e social que mantém o próprio sistema.

Ao sintonizarmos emissoras de TV’s de canal aberto, sem custo ao telespectador, não encontramos nenhum programa relacionado ao Cururu, os estilos de emissoras foram detectados igualitários atualmente, e que podemos encontrar apoio no pensamento de Adorno e Horkheimer (1985, p. 113): “Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema”.

Há retransmissão de shows gravados de Cururu em TV a cabo, pela TVCom de Sorocaba e em 2018 também pela TV Votorantim, TV's comunitárias que buscam produzir conteúdo relacionado a comunidade local.

Consideramos que a mudança de personalidade musical, evidenciadas pelos meios de comunicação de massa, atendem ao entretenimento, buscando estilos de música mais comerciais, de fontes diferentes, chamadas de "chicletes" e que agradam a maioria dos ouvintes.

A substituição musical acontecida com a globalização vigente em 2018, preocupa devido enfraquecimento e evaporação das culturas locais e regionais. Esta troca traz a hibridização, traz mudanças, porém, traz o ônus do desaparecimento cultural, ao qual Araújo (2004, p. 119), nos chama atenção "O processo de substituição traz o desuso".

Ao trocar as culturas locais por globalizadas, os meios midiáticos podem não promover culturas regionais, não divulgando por falta de interesse de audiência e projeção financeira, e o efeito pode ser o esquecimento cultural local, caso não haja adequação aos novos tempos, modernização das culturas, atualização das pessoas envolvidas e a provocação de interesse da nova geração.

A forma de relacionamento com as pessoas e a linguagem utilizada pelos cururueiros mudou pouco em relação ao século XX, o que dificultou para a transição comunicativa ao século corrente, com mais tecnologia na informação. A linguagem é do caipira, a mesma utilizada na área rural, porém, no cenário urbano.

Para Alleoni (2006, p. 19), "O versos possuem um conteúdo de indiscutível experiência, fruto da leitura, da observação, da imaginação, expressos com seriedade, ironia e até deboche". Nas investigações empíricas verificamos, acompanhado as apresentações, o que Santos (2013, p. 168 e 169), verificou sobre que o modelo criativo do Cururueiro, que não deixou de existir.

> No que tange ao conteúdo poético, há uma perspectiva de transformação da assistência pela via do riso no cururu. O movimento direcionado a uma dada plateia na forma de espetáculo chega ao ápice em certo momento da narrativa que desemboca no riso ritual vinculado simbolicamente a um contato com o plano divino, extraordinário. Esse êxtase ritual é seguido ao retorno à vida comum e à convivência com o ordenamento das coisas no mundo. É o fim do espetáculo.

Essas expressões construídas de forma artesanal e de improviso, profanas ou sagradas, soam de forma poética aos ouvidos dos participantes e interlocutores do rádio, envolvendo os cantadores, ouvintes e plateia em uma única frequência. Pichinguelli e Silva (2017, p. 12),

avistam que os sentidos e os corpos estão em erupção neste momento "Não raramente, nas manifestações da cultura popular, a religiosidade, não apartada do cotidiano, mas presente inteira nele, reinventando-o, dando a ele novos significados, explode como poesia, como brinquedo, como erotismo que envolve o corpo e todos os seus sentidos".

Fato interessante nos Desafios de Cururu é que os cururueiros cantam zombando até mesmo de si, por sua idade, dizendo que está próximo de morrer, que outros estão, zombam das dificuldades financeiras, casamento, roupas, desqualificando o adversário e tudo o que estiver ao alcance dos olhos e da sua rima, segundo Santos (2013, p. 170), mostra uma forma mais leve de encarar as dificuldades cotidianas.

> Um cururueiro, quando canta sobre os outros, enxerga sua própria incompletude e percebe sua existência no mundo. Ele, na roda do cururu, tal os outros de seu convívio, se renova e renasce com a morte, esta última também uma roda. Assim, o cururueiro expressa uma intenção deliberada de rir e de fazer rir a partir de si mesmo.

Antes de zombar o adversário, no início da apresentação, os cururueiros geralmente louvam ao Divino, em agradecimento ao "dom" concedido para ter inspiração para versar e cantar, e ao público presente por prestigiá-los, depois disso que iniciam a provocação. Agradecendo ao divino no começo do embate aparentemente tem a licença para o verso, mesmo utilizando temas provocativos, misóginos, racistas, minoritários nas apresentações.

Constatamos nos encontros para pesquisa exploratória que a simplicidade e baixo nível escolar fazem parte do cotidiano dos cantadores e participantes, por isso, associamos duas das carreiras mais utilizadas, do "a", que é uma variação do verbo, suprimindo o "r", por exemplo, cantar, se torna "cantá".

Encontramos o modelo da rima do "A" nas idas aos encontros de Desafio de Cururu e em vídeos no *Youtube* do cantor e ícone na divulgação, o artista Cido Garoto (2007), que tinha grande facilidade com o improviso:

> [...] Esse Cururu de hoje, eu não sei como vai dá
> Horário me provocano, vamo ver se ele vai me aguentá
> Sabe que o sorocabano, no trovoado é baguá
> E assim nóis vamo levano, enquanto ocê tiver guentano, garanto que vou guentá.

Para Araújo (2004, p. 98), a rima de São João Batista, rimas terminadas em "ão", as preferida dos violeiros, sendo de fácil aceitação para os ouvintes e cantadores "[...] quem sabe por ser uma rima pobre e fácil". Cido Garoto (2018), também improvisava muito bem nesta carreira.

> [...] Que viva o sorocabano, que é morador do nosso chão
> Sorocaba compretano, o mês que vem mais um verão
> Aqui eu vivo morano, é onde meus filho tão
> Cidade que todos gaba, só saio de Sorocaba se for dentro de um caixão.

Sobre o padrão de apresentação dos cururueiros, verificamos que o cantador que inicia o desafio é o piloto ou pedestre, como dizem, ou seja, o que dará a linha da cantoria, o ritmo, tema e terminações que somente ele poderá mudar, caso não esteja agradando aos convidados.

Se a chamada "carreira" - linha mestra das rimas utilizada no início da cantoria -, for a de São João, as terminações silábicas terminadas em "ão" tem de ir até o final da rodada de versos e serão seguidas pelos demais participantes, se as rimas começarem com ente, chamadas de "São Vicente", terminadas em "ente", o oponente tem que seguir na mesma linha de improviso, outra vertente que Cido Garoto (2011), dominava:

> [...] Dito diz que eu tô mudado, diz que eu ando diferente
> Que eu só vivo embriagado, brigando com meus parente
> E que eu tô desanimado, eu não vivo mais contente,
> Isso é coisa que acontece, que a pessoa que envelhece sempre fica impertinente.

Outra rimas denominadas como "presumido", terminadas em "ido"; do "Sol", terminadas "ol"; e "Santa Tereza" terminadas em "eza" - são denominadas as mais difíceis pelos cantadores, pela dificuldade de vocabulário com essas terminações.

Nos desafios tradicionais, um cururueiro faz o seu baixão[5] dá o tema inicial, faz o seus versos por cerca de dez minutos e depois o adversário responde aos versos ou até ataques cantando na mesma carreira. Há uma parada para troca de violeiro e pandeirista.

Há um tipo desafio de cururu mais rápido e exige versos e respostas com agilidade, o da "caninha verde", que é confronto diferente do desafio tradicional, no qual um cururueiro canta por cerca de 15 segundos e outro responde, com versos de defesa e ataques imediatamente, ambos são precedidos pelo baixão.

Neste caso da caninha verde o que acontece é um "bate-rebate" literalmente. O áudio analisado, entre Cido Garoto e Nhá Bentinha tem oito minutos com versos rápidos e respostas ágeis, contendo cerca de 50 palavras, com refrão cantado e padronizado em cerca de 15

[5] O baixão é a harmonização do desafio de cururu, também chamado de "arriba do fim", pode ter ou não letra, é o tempo em que o cantador se prepara para iniciar a cantoria ou dar uma resposta ao adversário. No estilo de Cururu caninha verde, um dos baixões mais utilizados é "ai moreninha, moreninha meu amor, nas ondas do seu cabelo, corre água e nasce flor".

segundos nos intervalos entre um cantor e outro, o baixão. Esse tipo de apresentação é geralmente realizada no final de eventos do segmento.

Encontramos um arquivo no *Youtube* com essa disputa, Cido Garoto defendendo os homens e Nhá Bentinha defendendo as mulheres:

> Moreninha, moreninha eu nasci pra te amar, você sabe querer bem mas, não sabe namorar Moreninha, moreninha eu nasci pra te amar, você sabe querer bem, mas, não sabe namorar
> Mulher é peixinho miúdo, descurpe minha franqueza, os home são mai raçudo, pega comida da mesa
> Os home que paga tudo, as muié só qué moleza, os home tem mais estudo, mulher não tem esperteza, tem arguma meio tonta, que só sabe fazê conta, pro home pagá a despeza
> Moreninha, moreninha eu nasci pra te amar, você sabe querer bem mas, não sabe namorar Moreninha, moreninha eu nasci pra te amar, você sabe querer bem, mas, não sabe namorar
> Vai ficar na moradia porque a muié é direita, pra cama não fica fria, na hora que o home deita
> Nóis temo sabedoria, muié tem cabeça feita, nói temo categoria, só que o homem não aceita
> Você me rebaixa aqui, mas a Marta Suplicy de São Paulo é a prefeita (NHÁ BENTINHA E CIDO GAROTO, 2011).

Um fato verificado, nas quinze idas aos *shows* de Cururu, está no início dos repentes, relacionado ao baixão, que pode acontecer ou não, dependendo de cada cantador. Quando o baixão acontece o violeiro ajuda o cantador fazendo a segunda voz, notado por Araújo (2004), e confirmado na pesquisa empírica, ao vermos que quem faz a segunda voz, nem imagina o que o cantador vai improvisar, que o eco do "dueto" é um resmungo incompreensível.

Santa Rosa (2007, p. 20), também classifica de resmungo a ajuda de quem faz segunda voz para os cururueiros "Na maioria das vezes, em razão do caráter improvisado do verso, o "segunda" apenas resmungava a toada ou cantava alguma palavras que percebesse que o cantador iria cantar". Garuti (2003, p. 08), alimenta versão coerente, se é um improviso, será difícil para quem for acompanhar, e assim "Na realidade o violeiro não canta os versos e sim pronuncia ininterruptamente a palavra "nai,nai,nai,nai", na mesma cadência da cantoria, porque, por razões obvias, ele não conhece os versos que serão ditos pelo cantador".

Conseguimos detectar aspectos diferentes das indumentárias dos cururueiros na área rural e na área urbana. Nos dois espaços usam roupas comuns, mas, um detalhe difere do que Araújo (2004), explicitou quanto ao chapéu na área rural que era tirado da cabeça em respeito ao Divino, o que não acontece na área urbana. Possivelmente, por serem representantes da igreja, consideravam a casa do visitado como extensão da igreja, portanto, respeitava-se a

casa de Deus ou casas de pessoas visitadas tirando o chapéu. Em 2018 notamos o uso chapéu nas apresentações de Cururu em bares, festas, clubes.

Por não serem mais representantes exclusivos das mensagens da igreja nas Festas do Divino e pelos temas profanos em que estão inseridos e aos locais de apresentações, que já contam com sistema de som moderno, gravação em vídeo e pela exposição midiática, os cururueiros tem postura diferente do campo, hoje estão no contexto urbano.

Cultuado em sítios, fazendas, povoados, o Cururu foi parceiro da igreja ajudando a levar os ordenamentos religiosos aos povos por meio da música, pela da oralidade, e também em entretenimentos rurais.

Ao ser introduzido no rádio, juntamente com a entrada deste meio de comunicação no Brasil, o Desfio de Cururu já tinha sucesso no campo e era seguido por muitas pessoas nos eventos públicos, quermesses, circo e encontros políticos, e se tornou atração para emissoras de rádio em programas de auditório e transmissão ao vivo. Para Santa Rosa (2007), ao longo do tempo o Cururu não se modernizou e foi substituído por outros programas de rádio com maior audiência.

Outro ponto que Cido Garoto (2003), nos aponta para que o Desafio de Cururu deixasse os meios de comunicação é a cobrança das emissoras por espaços de programas, o que inviabilizou a continuidade.

Muitos admiradores do Cururu que gostavam de ir aos auditórios, ficaram órfãos da audição pelo rádio, porém continuaram acompanhando os eventos, sem a “censura” de tempo determinado e temas mediados pelo rádio, tempo destinado aos programas e temas que pudessem trazer perdas aos proprietários, como relacionados a clientes, políticos, por exemplo.

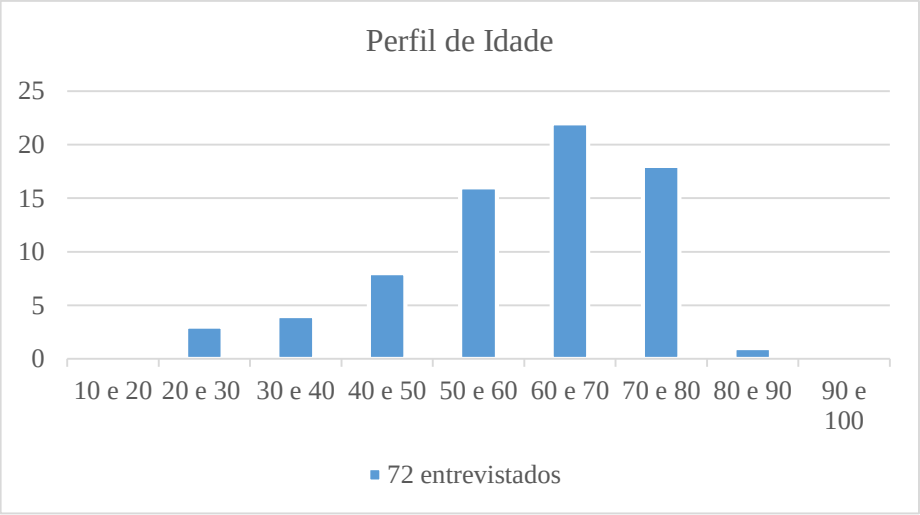
Depois da saída do rádio e com temas ajustados aos ambientes dos eventos, a maioria do público que frequenta se adequou a essas vertentes profanas e pedem cada vez mais pedem que eles sejam utilizados.

Porém, há que se ressaltar que nossa pesquisa de campo que homens e mulheres estão na faixa entre 50 e 80 anos (figura 2), nasceram em uma época mais tradicionalista podem apresentar rejeição aos temas, linguagem e gracejos.

Com a verificação da pesquisa digital pelo *Facebook* (apêndice A), que automaticamente mostra o percentual de cada faixa etária, no caso, de dez em dez anos, só nos restou somar os valores apresentados em cada faixa para conseguimos ter a amostra da idade dos frequentadores.

Azevedo (2003, p. 64), indica que na década de 1950, próximo ao nascimento deste grupo de pessoas frequentadoras dos eventos de Cururu, a maioria dos brasileiros eram adeptos ao catolicismo, base religiosa do Desafio de Cururu, o que evidencia o respeito e acompanhamento do tradicionalismo católico: "De acordo com o IBGE, (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1950, 93,5% da população brasileira declararam-se católicos apostólicos romanos, 3,4%, evangélicos; 1,6%, mediúnicos/espiritualistas e 0,8%, de outras religiões, com o mesmo percentual para os sem religião e sem declaração".

Figura 2 - Quadro referente à idade, pesquisa empírica pelo *Facebook*.



Fonte: Luiz Carlos Rodrigues (2017).

Participamos de 10 eventos entre 2017 e 2018 e percebemos que o público diminuiu. No clube Barcelona percebíamos mesas cheias, entre 60 e 100 pessoas por apresentação, na última apresentação que participamos em julho de 2018, no Parque dos Espanhóis, notamos a diferença, contamos 33 pessoas.

Santana (2007, p. 81), evidenciou as mudanças do Desafio de Cururu da área rural para urbana, na área rural o público estava mais próximo dos cururueiros e na área urbana estariam mais afastados, relata também que na área rural era um canto de religiosidade e na área urbana profano, com apresentações em locais diversos: "Ao invés dos palcos, usados mais em eventos culturais ou em festas, o cururu está sendo apresentado muito em praças públicas e bares da cidade".

Explica ainda que na área rural havia louvação aos santos e que na área urbana poderia não mais se fazer louvação, discordamos, pois ainda se agradece no início das apresentações

ao dom divino para cantar, no entanto, imaginamos serem hipóteses do afastamento do público que não gosta de bares e temas profanos.

Lembramos que o Desafio de Cururu sempre levou grandes públicos para eventos em sítios e fazenda, eram considerados grandes eventos, movimentavam a comunidade, alegravam as quermesses, festas promovidas em sítios e fazendas, apresentações nas casas de amigos e nos pousos do Divino. O Cururu migrou para área urbana e conforme Alleoni (2006, p. 24), foi absorvido para promoção pessoal de candidatos, que se apoiavam na fama dos cantadores "Nas décadas de 1950 e 1960 era executado dentro dos comícios".

O *glamour* de cururueiros como Antônio Candido, o Parafuso, era tão grande que caminhões eram usados para que pessoas pudessem ir aos eventos vê-lo. Eles usavam vestimentas especiais, como lenços e camisas, para acompanhar suas trovas. Alleoni (2006, p. 83), registra que além da música, o Desafio de Cururu tinha o entretenimento nas apresentações, como a do cantador Parafuso, que era mestre em alguns símbolos gestuais, virava em volta de si mesmo, alegrando o público. "Mas ele não era só cantadô. Ele também era cômico. E outra, era o único cantadô que tinha fã clube".

Santana (2007, p. 79), traz a explicação para o apelido dado a ele. "O negro Antônio Candido, com a carapinha pintada de branco, o rei de todos os cantadores, recebeu o apelido de 'Parafuso', como ficou conhecido, por causa dos seus volteios e rodopios durante suas apresentações". Pode-se entender, portanto, que o Cururu se modelou à tradição portuguesa, se adequou ao longo do tempo para atender o público na área rural com incentivo da Igreja, remodelou-se para atendimento de temas seculares para atender o público e a mídia.

As apresentações fora das Festas do Divino fizeram do Cururu um espetáculo, já que cantadores participavam de disputas e não mais das louvações (igual a louvores), evidenciando que antes do deslocamento para área urbana já se desprendia da Igreja. Com apresentações contratadas para shows, com performances no palco, tal como se apresentava Parafuso, disputas promovidas para embate racial e ainda comícios, levou o Cururu a ser mais um modelo de negócio.

Nas áreas rurais era considerado como motivo de grandes shows, atraindo gente das cercanias, além de atender os festeiros, normalmente fazendeiros, comerciantes, portanto, os grupos econômicos. Entendemos que o Cururu foi utilizado em eventos na área rural no século XX, ganhando ou não cachê, era utilizado como produto, atendendo a festas, aniversários e comícios. Ligado à Igreja era utilizado como mediador dos ensinamentos religiosos.

2.4 Mudanças no Cururu – entretenimento na área urbana

A produção artesanal do cururu permanece, em cada apresentação há um episódio diferente, não se produz em série o mesmo tema ou música.

Notamos que a maioria dos cururueiros, em 2018, usava chapéu nos eventos e as roupas utilizadas são as que usam normalmente, não há uma produção especial ou vestimentas diferenciadas para apresentações. Em alguns frequentadores e cantores notamos que usavam botas (figura 3).

Figura 3 - Show de Cururu no Clube Barcelona em Sorocaba

Fonte: Luiz Carlos Rodrigues (2017).

Araújo (2004), aponta mudanças no cururu e na estrutura inicial ligada à Igreja. Em 2018 estão confirmadas no espectro urbano, não há mais dança, ou seja, tornou-se estático; é praticado em qualquer lugar e não necessariamente ligado à igreja, como vimos em Santana (2007). A audiência de um personagem que existia no universo rural, o animador das festas chamado de “assistência”, deixou o cururu mais frio, este indivíduo estimulava aplausos e interferências relativas ao cururu, ajudando no aquecimento do evento.

O Desafio de Cururu passou pelas apresentações sagradas, ou seja, utilizando mensagens bíblicas em sua comunicação e aderiu com mais frequência aos assuntos profanos, foi ferramenta para aumentar audiência de rádios, campanhas políticas, deixou de ensinar o que aprendeu da bíblia, de pregar a solidariedade, compreensão e humanização e repercute o que houve no ambiente urbano.

A seguir um trecho de um Cururu denominado sagrado em Santa Rosa (2007, p. 126), cantado por Dito João, cururueiro piracicabano, que associa o improviso aos temas religiosos.

> [...] O feijão quando nasce,
> Nasce pedindo louvado
> Porque há muita gente boa
> E muita pessoa marvado.
> Jesus Cristo, quando morreu,
> Ele foi um condenado.
> Até o próprio feijão,
> De certas coisa, ele é o culpado.

Ao longo do tempo deixaram de ser importantes para audiência das emissoras de rádio e perderam espaços importantes na década de 1980, passando a comprar horários, em emissoras para repercutir o Desafio de Cururu pela mídia.

Santana (2007), relata que em Piracicaba, onde há forte repercussão do Desafio de Cururu, um espaço de uma hora, uma vez por semana, na Rádio Difusora AM, custava entre R$ 1.500,00 e R$ 2.000,00 ao mês, inviabilizando a repercussão pela mídia.

Em relato para Santana (2007, p. 136), o cururueiro e apresentador de rádio Abel Bueno, na década de 1970 constatava a dificuldade da concorrência das músicas surgidas nesta época e a diminuição do espaço para os cururueiros "[...] na década de 70, os programas reinavam na programação, e eram bem disputados por empresas que queria patrocinar os programas, mas com o tempo, as músicas novas foram surgindo, as empresas querendo patrocinar outros programas e a rádio foi diminuindo o espaço para o cururu".

No cenário urbano os cururueiros foram afastados das emissoras de rádio por não apresentarem resultados positivos de audiência, não atenderem à demanda global, não se adequarem ao novo cenário comercial, pelos temas hoje tratados que não agradam a todos os participantes, as linguagens utilizadas não atinge os novos espectadores que não reconhecem as terminologias utilizadas por eles, tampouco os mais idosos, acostumados a discursos patriarcais, portanto, não chega ao novos e desagrada aos mais velhos.

Então, neste momento, entramos em discordância com o que Araújo (2004, p. 99), descreveu em seu trabalho, em que as ferramentas modernas ajudariam no desenvolvimento do Cururu.

> Os elementos que estão contribuindo para secularização, certamente ajudarão a evoluir, até fixar num novo tipo de cururu urbano, para o qual, por enquanto, o abandono das "louvações religiosas" é o mais evidente, não tardando o dia em que o ritmo e mesmo a melodia, possam receber influência atual, tão avassaladora, apontadamente a radiofônica.

O resultado da mudança para o entretenimento, linguagem e a constante diluição cultural regional que acontece com a globalização, pode promover possível nova ausência do Desafio de Cururu em Sorocaba, como citada por Araújo (2004), em 1946, por não encontrar cantadores. Ao se abordar o tema da possibilidade de desaparecimento do cururu na área urbana, nos referimos à atual idade dos cantadores e o pequeno número de novos talentos, o que sinaliza a ausência de renovação desta arte, pífia em relação ao número de habitantes do Médio Tietê, cerca de dois milhões de pessoas.

É relevante afirmar que em nenhum momento da pesquisa encontramos registros bibliográficos ou orais de mulheres que entraram para o Desafio de Cururu no século XXI.

Alleoni (2006), menciona que no fim do século XX houve uma mudança nos parâmetros da música caipira que desviou a atenção de cururueiros. Neste momento a indústria da música se mostrava forte junto às emissoras de rádio e TV, impondo as novas regras da música e colocando em evidência os artistas sertanejos da área urbana.

> Nas décadas de 60 e 70, inclusive na de 80, a música caipira continuou a se modificar, tendo sofrido uma verdadeira explosão do número de intérpretes, bem como ocorrendo mudanças radicais nas formas de apresentação, que quase a descaracterizou totalmente. Mas, felizmente, algumas raízes permanecem quase intactas, restritas a algumas regiões específicas, como o Vale do Rio Tietê (ARAÚJO, 2004, p. 28).

Dois novos cantadores entraram no Desafio de Cururu e se destacaram neste século XXI, em 2019, somente Andinho Soares da cidade de Votorantim e Cassio Carlota da cidade de Porto Feliz, duas cidades conurbadas com Sorocaba e dentro do circuito do Médio Tietê. A saída de cururueiros normalmente acontece por motivos de saúde, idade e por falecimento.

A pesquisa exploratória, por observação, oralidade entre os presentes e o pesquisador e ainda entrevista com Cido Garoto em vídeo, produzido (RODRIGUES, 2018), identificou carência na renovação do Desafio de Cururu de homens e mulheres. Sobre as mulheres não há relatos de aquisição cultural nos últimos 50 anos.

As duas senhoras cururueiras vivas, Nhá Bentinha, de Sorocaba, e Cidinha do Cururu, de Santa Bárbara do Oeste, que vamos abordar adiante, não se conheceram pessoalmente e nunca tiveram um embate no Cururu promovido só por mulheres em meio século de atividades. O nos remete ao pensamento do domínio masculino, que tirou a oportunidade de muitas mulheres em todo o seu tempo de atividade.

2.5 Contribuição no Cururu – das prendas ao apoio médico

Em relação às comidas tradicionais da roça, prendas e sorteios existentes na área rural, toma outro sentido nos centros urbanos, são encontrados espetinhos de carne, pastel, porções de salgadinhos industrializados, salgadinhos fritos, refrigerantes e cerveja. Na área rural os bingos realizados sorteavam porcos, galinhas, bois e outros elementos do cenário caipira.

Na cidade foi encontrada união entre amigos cururueiros com necessidade de compra de remédios, realização de exames (figura 4), fato localizado no clube Barcelona em Sorocaba. A verificação em campo encontrou uma mulher amiga do necessitado, com o pedido de exame solicitado e lista de contribuições dos presentes.

O perfil econômico dos entrevistados (apêndice A), evidencia que a maioria não tem itens considerados luxo, por exemplo, TV a cabo, carros novos.

Geralmente os participantes circulam de ônibus, por ter gratuidade, quando têm *smarthphones*, os aparelhos são simples, o que nos leva a pensar que eles não têm grandes ganhos ou aposentadorias robustas. O salário mínimo vigente no Brasil desde 01 de janeiro de 2018 era de R$ 954,00 e para suprir as necessidades básicas de uma família com quatro pessoas, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), o salário mínimo ideal para as necessidades de alimentação, moradia, saúde, educação higiene, vestuário, lazer, transporte deveria estar em torno de R$ 3.700,00, portanto, divergente da realidade.

Figura 4 - Receita do pedido de tomografia

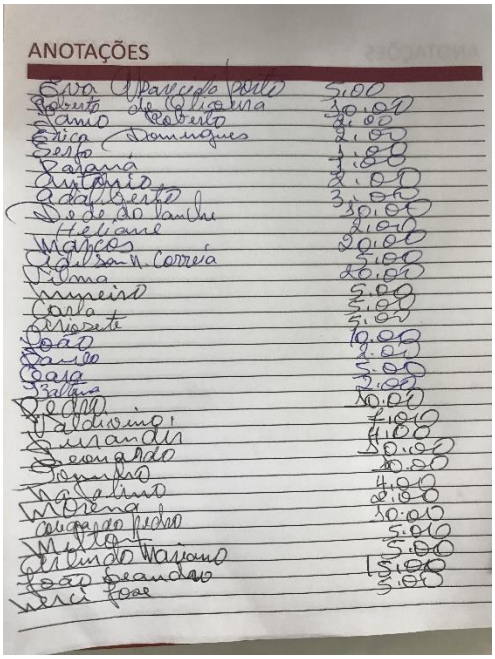
Fonte: Luiz Carlos Rodrigues (2017).

A solidariedade dos cururueiros participantes continua, assim como nas Festas do Divino, em que alimentos eram coletados e distribuídos para os necessitados. Em 2017, na pesquisa de campo no Clube Barcelona foi verificada lista de pessoas (figura 5), que ajudaram na resolução de problemas enfrentados por uns dos frequentadores, em busca de ajuda financeira para atender o receituário (figura 4).

A contribuição dos participantes ajudou na realização do exame solicitado, realçando os laços de amizade, compreensão das dificuldades alheias, amor ao próximo, exemplos difundidos pela igreja católica.

O movimento de ajuda mútua permanece e o grupo de cururueiros sorocabanos, acompanhados na pesquisa permanece unido, apesar das dificuldades, ajudando um ao outro, evidenciando o companheirismo dos envolvidos.

Figura 5 - Lista parcial de colaboradores para o exame



Fonte: Luiz Carlos Rodrigues (2017).

Nota-se que a solidariedade permanece, anteriormente em bingos e quermesses, assim como na área urbana, com ajuda aos frequentadores dos eventos. Vindo do campo para a cidade, o Desafio de Cururu encontrou novos momentos econômicos, sociais e culturais e também as dificuldades na adequação aos costumes urbanos. Anteriormente com as ferramentas rurais, por exemplo, cavalos para transporte, agora carros e ônibus, produção de alimentos agora industrializados, entre outros.

O encontro com novas culturas na área urbana possibilitou as trocas, boas para o entretenimento, nem tanto para a continuidade do Desafio de Cururu, que não deu continuidade na renovação que acontecia na área rural. Araújo (2004), evidencia que o Cururu estava e está ligado às culturas regionais. Ao lembrar da feira de muares de Sorocaba, onde havia venda de animais, e com isso a constante troca de culturas, os tropeiros traziam lições de onde vinham e levavam-nas daqui.

Silva (1999, p. 14), evidencia a importância da feira de muares para o comércio de Sorocaba, o que ao nosso ver também ajudou na troca cultural: "[...] a posição de Sorocaba favoreceu a implantação, tanto do Registro de Animais (este fôra implantado junto a Ponte de Rio Sorocaba dificultando o contrabando e facilitando a fiscalização), quanto das feiras de muares".

A industrialização mundial do século XX, padronização como fonte de lucros para o capital, nos pareceu deixar fora do contexto as produções culturais artesanais, as produções rudimentares, quando não apresentam resultados lucrativos. Uma remodelação do Desafio de Cururu poderia trazer público, lucros e possibilidade de mudanças no desinteresse do capital, o que também poderia descaracterizar a produção atual.

Santos e Silva (2012, p. 05), expressam o sentido nefasto da apropriação das culturas urbanas em razão do capital "Nesse sistema, a cultura se resume ao mero instrumento de lucro e de controle social. Presa da indústria cultural, o indivíduo só importa como consumidor, estando subordinado às malhas da dominação". No estudo em Sorocaba percebeu-se que a transformação da economia globalizada distanciou a cultura regional das grandes mídias e inviabilizou, por exemplo, o Cururu nas rádios, em função dos interesses econômicos, e o que não traz lucros é isolado.

O meio de comunicação rádio foi a porta de entrada do Cururu para o entretenimento, transformando em espetáculo essa vertente cultural, porém, o abandonou em razão dos interesses financeiros no fim do século XX. A percepção é de que as mudanças da industrialização em Sorocaba no século XIX trouxeram bônus e ônus para cidade em todos os aspectos, Silva (1999, p. 40), descreve que a industrialização trouxe divergências sociais para os tempos seguintes.

> Foi uma mudança importante pois trouxe o início da mecanização com os descaroçadores de algodão, e também "separou" uma classe social proprietária das máquinas - e da tecnologia - mas principalmente detentora do capital, implicando novas relações sociais na cidade.

Regido por este pensamento das mudanças e desavenças, a reflexão está no futuro do Desafio de Cururu, em que tradições e culturas estão sendo esquecidas. É o caso dos tropeiros, um dos símbolos da cultura sorocabana, que tem nome dado ao centro político da cidade, como o prédio da prefeitura de Sorocaba, que chama-se Palácio dos Tropeiros, mas que não é exaustivamente divulgada a importância deste prédio, construído em razão das raízes culturais da cidade de Sorocaba.

A globalização tirou o Desafio de Cururu e outras culturas regionais da mídia tradicional, restando a divulgação nas redes sociais, território conhecido para os participantes, porém, de pouca identidade, e competem com um canal de mídia pouco utilizado por eles para divulgação e o resultado final dos trabalhos realizados em apresentações não chega às novas gerações.

A retirada do Cururu dos meios convencionais de mídia ajudou no esquecimento do Cururu urbano. Atualmente é encontrado em canais a cabo da TVCOM e na TV Votorantim, emissoras comunitárias de pouco acesso para maioria dos cantadores e simpatizantes, que não assinam o serviço a cabo por razão financeira, conforme percebemos nas respostas ao serem questionados sobre terem internet e TV a cabo em casa, e o papel da TV em divulgar o Cururu (apêndice A).

O estudo de Beltrão e Quirino (1986), entre o folclore e a comunicação de massa, nos proporcionou verificar na área urbana que as disputas internas em apresentações do Cururu aumentaram, em razão do menor número de apresentações ao vivo por falta de espaço, pelo rádio e presença midiática para TV.

Notamos essa reclamação com a pergunta no nosso questionário (apêndice A), sobre o que cada entrevistado gostaria de sugerir para melhorar o desafio de Cururu em Sorocaba, há respostas sobre a repetição dos mesmos cantadores.

As apresentações nas TV’s comunitárias dão destaque, prestígio e visibilidade aos cantores. Portanto os cururueiros querem ser protagonistas nas gravações, no entanto há pouco espaço, e nos parece que há busca de nomes conhecidos para atrair público e audiência, diminuindo a diversidade de apresentações.

Ao que percebemos, a globalização afeta as culturas regionais e locais, que não conseguem espaço de divulgação nas mídias. Os produtos culturais globalizados trazem audiência quantitativa aos meios de comunicação, as culturas regionais são divulgadas quando há algum fato novo, como a morte de ativistas, portanto, sabem que que o Cururu existe.

Beltrão (2004), observa que esses mesmos marginalizados, em momentos oportunos e em benefício dos dominantes, donos de veículos de massa e políticos, são procurados, usados e descartados logo em seguida, para que se prossiga a programação global normal.

Neste contexto Beltrão (2004, p. 62), sugere que estas classes não são ouvidas, são menosprezadas, evitando que as populações marginalizados sejam protagonistas, ou ajudem no processo de mudança social, fatores que precisam de provocação e discussão pela sociedade.

> As nossas elites, inclusive a intelectual, tem o *folk-way* das classes trabalhadoras da cidade e do campo, apenas como objeto de curiosidade, de análise mais ou menos romântica e literária. A arte, as crenças, os ritos, a medicina, os costumes dessas camadas sociais – os seus meios de informação e expressão – continuam ignorados em toda sua força e verdade.

Com a globalização dos veículos de comunicação, a manifestação de pensamentos destes grupos marginalizados foi rareada, dificultando o intercâmbio cultural entre gerações, fragmentando a cultura, seu conhecimento e reconhecimento.

Outra observação que trazemos se dá no pensamento de Milton Santos, no livro Por uma outra globalização (2011), quanto ao domínio cultural globalizado sobre os marginalizados, em que a tirania da informação e do dinheiro, que detém o progresso técnico, a comunicação em massa, dirigidos pelos considerados homens rápidos, que não controlam a natureza de homens lentos, alterando leis e certezas em benefício próprio.

Para Santos (2011, p. 14), a velocidade das empresas, da tecnologia dos tempos modernos deixa para trás grande parte da população que não consegue acompanhar o ritmo e vivem de outra forma. Se percebe pelos ambientes de moradia das classes sociais menos favorecidas, que vivem distantes dos grandes centros.

> A história é comandada pelos grandes atores desse tempo real, que são, ao mesmo tempo, os donos da velocidade e os autores do discurso ideológico. Os homens não são igualmente atores desse tempo real. Fisicamente, isto é, potencialmente, ele existe para todos. Mas efetivamente, isto é, socialmente, ele é excelente e assegura exclusividades, ou, pelo menos, privilégios de uso.

Para Santos (2011), o sistema perverso e sistêmico tem relação próxima aos comportamentos competitivos que movem as ações hegemônicas. O processo de globalização que consideramos ser comercial e financeiro trazem consequências drásticas às culturas por divulgação e apropriação comunitária.

O Desafio de Cururu, uma dessas culturas marginalizadas passa pelo desconhecimento dos seus conterrâneos, efeito de uma comunicação de massa que Beltrão (2004, p. 63), evidencia pelo desinteresse em atender a qualidade, mas a quantidade, e que dificulta a inserção regional nestes meios "Os serviços oficiais de divulgação resumem-se à elaboração e difusão de mensagens, não lhes interessa saber a quem alcançam e que efeito produzem".

As investigações de Beltrão e Quirino (1986), indicam que os meios de comunicação estão combinados com campanhas políticas e sociais, visando a mudança de opiniões e atitudes, exercendo papel importante para inserção de culturas externas que possam ser comercialmente favoráveis aos empreendedores, distanciando as culturas internas.

Antagônicos a esse processo de omissão cultural, o trabalho acadêmico permeia na busca ativista de ferramentas que possam abrir oportunidades de divulgação, conhecimento e reconhecimento regional e nacional.

A proposta de que jovens e adultos consigam ter acesso, tanto na área rural quanto na urbana, gostem e contribuam para que a tradição permaneça, é o que vivencia-se neste trabalho. Os participantes nos deram instrumentos para usarmos o ativismo proposto e chegar ao poder público para pedir apoio, no entanto, trataremos deste fato adiante, no capítulo 4, da sistematização das experiências, proposta de Oscar Jara Holliday (1995), na América Latina.

2.6 Líderes comunicacionais - mulheres agentes comunicadoras

Luiz Beltrão (2004), em suas análises *Folk* verificou no processo da comunicação coletiva duas etapas significativas, a do comunicador ao líder de opinião e do líder ao receptor comum. No seu ativou os estudos de pesquisas de opinião verificando as variações e condicionantes do comportamento dos eleitores na eleição presidencial americana de 1940, onde chegou-se à conclusão de que as mensagens persuasivas atuam como reforço de atitudes previamente estabelecidas.

Alguns indivíduos estão à frente dos demais em relação aos pressupostos culturais de entendimento ao absorver, interpretar e repassar para comunidade em que está inserido, segundo Beltrão (2004), apud Lazarsfeld "*two steps flow of communications*", este fluxo se dá em duas etapas das comunicações (tradução nossa).

Na teoria hipodérmica o fluxo da comunicação parte dos meios de comunicação de massa direto para a audiência. Para Beltrão (2004), a mensagem passa por um intermediário que reciclam as mensagens antes de chegar até a audiência final.

Para Dornelles e Biffignandi (2013, p. 252), o pesquisador brasileiro classificou o sujeito intermediário como “líder de opinião”, ao servir como comunicador, transmitindo cada mensagem por intermédio de um canal *folk*, ou audiência *folk*, “Os líderes de opinião, por sua vez, são aqueles indivíduos que exercem um papel fundamental na mediação das informações e opiniões emitidas pelos meios e os receptores”.

Portanto, os grupos sociais têm a própria linguagem e métodos únicos para transmissão das informações, com mediador decodificador e retransmissor das mensagens de forma simples.

A observação de Beltrão (1980, p. 39), sobre as comunidades marginalizadas, no século XX, hipoteticamente questionou a mídia hegemônica da capacidade em falar com todos os povos com a mesma linguagem.

> Então tínhamos em mira, apenas grupos marginalizados cultural e geograficamente. Hoje pensamos que as pesquisas se devem estender a outros setores excluídos, sem acesso aos *mass* mídia, pela sua posição filosófica e ideológica contrária às normas culturais e dominantes, setores que se poderiam classificar de contra culturais.

O questionamento se dá em razão das linguagens utilizadas por indivíduos e comunidades que não estão inseridas na comunicação dos meios midiáticos e que apresentam uma linguagem global na busca de atender todos os públicos de uma só vez. As comunidades marginalizadas ao não se identificarem com essa forma de comunicação, por falta de compreensão, por pressupostos culturais ou de identidade com as linguagem utilizadas, precisam de um mediador, que vai decodificar essas informações e retransmitir com códigos semelhantes ao entendimento dessa comunidade.

O líder comunicacional que Beltrão (2004, p. 79), identificou em sua pesquisa assimila o que está disposto nas mídias convencionais, seleciona o que interessa à comunidade em que está inserido “[...] notadamente em áreas relacionadas com o entretenimento, ou em aspectos exteriores da religião ou da política, coloca já em seu esquema outros veículos de informação, além dos massivos, de que se vale o líder para informar-se”.

A teoria da Folkcomunicação atribuiu ao líder de opinião essa missão considerada de relevância no processo comunicacional, que filtra e redistribui a mensagem recebida de forma simplificada, tornando-se referência ao ser receptor da mídia e transmissor *folk*.

Trigueiro (2008, p. 49), observa que o sujeito *folk*, o líder comunicacional é o elo entre os dois processos comunicacionais e a comunidade “É um promotor de acontecimentos que

interliga a produção cultural dos grupos populares espontâneos em instituições, como escolas, bibliotecas, sindicatos, entre outros".

Este intercâmbio de informações codificadas e recodificadas entre a cultura popular e industrializada pelo Folkcomunicador também é tratado por Canclini (2000), com hibridização da cultura e identificada por Trigueiro (2008), como mediador ativista, ressignificando a realidade globalizada aprendida, melhorando a condição de informação aos que estão à volta. O folkcomunicador, portanto, transmite à sua comunidade um mundo muitas vezes inacessível por técnicas ou princípios culturais de forma simplificada, acessível ao nível cultural local.

O pensamento de Canclini (2000 p. 350), do hibridismo das relações existentes entre as culturas marginalizadas e a interlocução dentro e fora da mídia, nos endereça para ativismo social "[...] as práticas culturais são mais que ações ou atuações, elas representam, simulam as ações sociais". Pode-se identificar que a hibridização das culturas populares e globalizadas estão inter-relacionadas neste processo e ajudam na difusão cultural, social e comunitária.

A intenção de Beltrão (2004), quanto ao folkcomunicador nos parece estar direcionada ao desenvolvimento rural, cultural e social, estimulada pelo uso plural dos *folk media* e do *mass media,* prevendo que a mensagem tenha o impacto desejado nas comunidades. Aceita-se então que o folclore passa a ser valorizado no processo de comunicação entre culturas e linguagens diferentes por meio deste movimento, e que traz aceitação popular pelo poder persuasivo da comunicação ativista ao conseguir transmitir a linguagem familiar, proporcionando a inclusão de cidadãos sem acesso à informações claras.

Trigueiro (2008), pensa que o agente comunicador do sistema da folkcomunicação tem prestigio no meio social por ter mais acesso a outras fontes de informação, com ênfase nos massivos, estabelecendo contato com diferentes grupos, aumentando o campo de informação, porém, sem se desconectar das referências locais.

Pontos que precisavam ser elucidados, segundo Trigueiro (2008, p. 48), foram esclarecidos, particularmente a comunicação entre eles, a multiplicação dos líderes e a opinião na decisão dos demais. "É um narrador da cotianidade, um guardião da memória e da identidade local, reconhecido como porta voz do seu grupo social".

Trigueiro (2008), dialoga com pensamento de Gonçalves e Filho (2015, p. 50) sobre Martín Barbero sobre a inciativa de estudar a comunicação fora da mídia, uma linguagem não utilizada pelos meios massivos e sim no dia a dia.

> Quando comecei a fazer pequenas investigações, Não foram sobre os meios. Comecei como as pessoas se comunicavam num supermercado e num cemitério com jardins. (...) era muito mais importante estudar o que acontecia na igreja aos domingos, nos salões de baile, nos bares, no estádio de futebol. Ali estava realmente a comunicação das pessoas. Não podíamos entender o que o povo fazia como o que ouvia nas rádios, com o que via na televisão, se não entendíamos a rede de comunicação cotidiana.

Beltrão (2004), identifica o processo folkcomunicacional no qual uma fonte transmite uma mensagem desde um canal, que no processo é representado pelos meios de comunicação de massa, chegando até uma audiência, na qual estão os líderes de opinião, estes intitulados por Beltrão como líderes-comunicadores. No processo comunicacional padrão, fonte-mensagem-canal-receptor, o fluxo pararia por aqui, no processo folkcomunicacional inicia-se um novo ciclo no caminho da mensagem.

As intermediações podem sofrer ruídos no caminho, o líder pode ser um ativo ou ativista de um sistema e poderá usar a informação obtida ao seu favor ou poderá distorce-la por opção ou desconhecimento da referência adquirida.

Trigueiro (2008), identifica que os líderes ativistas usam poder comunicador e difundem as mensagens mediante canais folkmidiáticos saindo do anonimato, ganhando visibilidade social e se tornando parâmetros de instrução.

Os ativistas midiáticos folkcomunicacionais, segundo Trigueiro (2008, p. 48), interagem nos grupos da comunidade, mediando a conveniência entre o local e o global e também em relação aos próprios interesses. “O ativista midiático age motivado pelos seus interesses e do grupo social ao qual pertence na formatação das práticas tradicionais e modernas”.

A facilidade de mudança no discurso entre os ativistas e os grupos marginalizados, se dá em razão de serem eles na maioria analfabetos ou semianalfabetos, que apresentam vocabulário reduzido direcionado ao dialeto regional e utilizam comunicação direta, como conversas, causos por meio da oralidade para passar conhecimentos aos líderes comunitários que retransmitem, o que pode gerar ruídos na comunicação de emissor e a própria interpretação.

As múltiplas formas de comunicação das culturas disponibilizadas pela mídia tradicional, principalmente rádio e televisão e o cruzamento com a comunicação interpessoal da comunidade permeiam a busca do entendimento do que a mídia faz com a sociedade e o que a sociedade faz com os bens culturais veiculados pela mídia, o que se reproduz e o que se entende.

Canclini (2000), no fim do século XX não via os meios de comunicação como vilões pela falta do diálogo com a comunidade, ao perceber que eles contribuem para a integração social e por estabelecer conexão dos fatos com os coletivos.

> Em uma escala mais ampla, é possível afirmar que o rádio e a televisão, ao relacionar patrimônios históricos, étnicos e regionais diversos, e difundi-los maciçamente, coordena as múltiplas temporalidades de espectadores diferentes (CANCLINI, 2000, p. 289).

Em 2018 a globalização econômica e cultural cria mecanismos que produzem efeitos midiáticos que dividem atenção, como exemplo, mudança de sistemas de mídia como *spotify*[6], há reprodução de músicas internacionais em grande escala nas emissoras de rádio e modelos de programas copiados de outros países e inseridos para consumo no Brasil.

Os efeitos desta modernidade eletrônica retirou quase a totalidade os discos de vinil e gravações em fitas do mercado, antagônico ao que citou Canclini em 1972 (2008, p. 311), "Também se escutam mais e fitas nacionais, enquanto decaem os importados". Com o desenvolvimento da era industrial do século XX, a modernização e possibilidades de uma vida mais confortável, inúmeros indivíduos deixaram o campo e partiram para as cidades, transferindo culturas e adquirindo novas, aderindo aos novos comportamentos globais.

Por fatores econômicos e oportunidades, os indivíduos migram então para os centros urbanos e pouco consomem culturas regionais, por não encontra-las em espaço de divulgação nas mídias tradicionais, como rádio e TV, necessitando fomento do grupo envolvido nas próprias redes de comunicação.

Beltrão (2004, p. 47), nos remete à reflexão da aproximação entre a comunicação popular e o folclore é exemplificado pela folkcomunicação com mais facilidade de linguagem "[...] o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes de massa, por intermédio de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore".

No Desafio de Cururu também aconteceu essa fusão cultural, em que cururueiros, cantadores, violeiros saíram das pequenas cidades, de comunidades em busca de fama, dinheiro e reconhecimento nos centros urbanos.

O encontro desses cururueiros com a mídia foi proposto pelo advento do rádio, que trouxe a eles imediato sucesso, intermediado por ativistas apresentadores e incentivadores. O ativismo midiático trouxe para os grandes centros aqueles que outrora estavam conectados e operam suas atividades somente dentro do grupo familiar e religioso, caso dos cantores de

---

[6] Plataforma eletrônica que oferece sinal de músicas, conteúdos e vídeos, com cobrança pelo uso. Lançado em 07 de Outubro de 2008.

Cururu que praticavam a cantoria nas Festas do Divino e com seus pares, atualmente transitam em outros sistemas.

Trigueiro (2008, p. 47), descreve esse ativista como um incentivador de mudanças, conectado com uma cultura e interpreta para outros indivíduos, conectando duas ou mais culturas, tornando-as hibridas, compostas "Portanto, é nesse sentido a compreensão de ativista midiático, que opera na rede Folkcomunicacional, como um ator social que está sempre atualizado com os seus mundos de experiências do real, do lúdico e ficcional".

A percepção que o Desafio de Cururu ao encontrar com as mídias se transformou, ganham reforço com Alleoni (2006), e Santa Rosa (2007), ao discorrerem sobre os artifícios temáticos utilizados pelos cururueiros, religioso era o principal, passou por temas relacionados a vida caipira e tornou-se profanos para adequação à área urbana e à mídia. O Desafio de Cururu ao se tornar entretenimento, recreativo, divertimento e humorístico aderiu aos argumentos midiáticos de produto, passou de local ao global, até o momento em que os agentes financeiros e políticos não o enxergaram como lucrativo.

No contexto midiático o sujeito ativo, conforme Trigueiro (2008, p. 47), age no ativismo, exercendo atividade em algum momento das produções, dado as devidas proporções dos conhecimentos de cada indivíduo "[...] o que diferencia são os modos de participação e como cada um age conforme suas necessidades, as suas aptidões para fazer uso e consumo desses produtos culturais individualmente ou em grupo".

Partindo da importância do sujeito ativo, do ativismo, do hibridismo cultural e a posição social do participante cultural dentro da comunicação do grupo, no seu espaço e ao seu tempo, nos arremete ao pensamento dos protagonistas do Desafio de Cururu, dentro e fora mídia, como líderes comunicacionais nesta inter-relação.

3 A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

3.1 Resistência feminina ao patriarcado

Neste capítulo evidenciaremos a violência simbólica, as dificuldades, lutas e vitórias das mulheres frente ao universo androcêntrico. No Desafio de Cururu buscamos entendimento sobre o protagonismo de duas mulheres cururueiras encontradas durante a pesquisa. Trataremos neste capítulo de Ana Sueli Gardiano - a Nhá Bentinha, de Sorocaba -, e Aparecida Lucas Carvalho - a Cidinha do Cururu, de Santa Bárbara do Oeste -, lideres comunicacionais, repentistas do cururu, que transpuseram as barreiras do sistema patriarcal (figura 6).

Figura 6 - Cidinha do Cururu e Nhá Bentinha

Fonte: Luiz Carlos Rodrigues (2018)

Para essa discussão buscamos embasamento em Bourdieu (2017), Lemos (2005), Beauvoir (1967), Cordeiro (2016), Martinez, Lago e Lago (2016), entre outros. A história da humanidade é descrita por luta, opressão, dominação, impedimento cultural, educacional e moral das mulheres. Bourdieu 2017 apresenta de mulheres, às quais são impostos casamentos por familiares, mesmo contra vontade, por oportunismo e posicionamento social, econômico e

por linhagem étnica, sujeitando a mulher à submissão, às sombras, sendo negado a elas o protagonismo.

Garcia (2011), destaca que antes da revolução neolítica da domesticação e civilização, aconteceram os primeiros sinais da divisão de gênero. A observação das artes nas cavernas apresentam sinais desta divisão biológica com desenhos masculinos e femininos datados de mais de 35.000 anos. Bourdieu (2017), corrobora com Garcia (2011, p. 04), com relação às ilustrações das cavernas em que personagens masculinos são retratados exibindo sua força física, assim:

> As mulheres foram imobilizadas quando se privatizou o cuidado com as crianças - modelo que foi aprofundado posteriormente, para além das exigências dos papéis de gênero. Esta separação baseada no gênero e divisão de trabalho começou a ocorrer na transição da Era Paleolítica Média para a Superior.

O que era de responsabilidade comum passou a ter diferenças, então, mulheres passaram a cuidar das crianças, coletas e lar, enquanto os homens se tornaram provedores, gestores econômicos, tomando decisões familiares. Essa divisão de responsabilidade, segundo Garcia, trouxe o surgimento do ciúme e posse sexual. A divisão do trabalho também é apontada por Martinez, Lago e Lago (2016, p. 05), como parte da importante discussão no âmbito de trabalho pela divisão de profissões, estabelecendo muros de contenção da equidade de competência existente nas mulheres.

> A questão da divisão sexual do trabalho tem sido fundamental para a discussão das diferenças entre homens e mulheres e para o debate sobre a persistência de desigualdades até hoje, tanto no mundo privado, no trabalho doméstico, quanto no mundo público, no desempenho das profissões que até hoje, em alguma medida, tendem a ser sexualizadas como femininas − caso dos cuidados-, e masculinas – as técnicas e gerenciais.

Bourdieu (2017, p. 21), indica que os conceitos pré-existentes apontam como, físicos e depois tradicionais, a consagração deste posicionamento de dominância. “A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes por falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável”.

Essa naturalidade se apresenta abusiva e mostra as divisões sociais do domínio, utilizando mecanismos que, de forma simbólica, oprimem e separam, começando pela divisão social, construída entre os sexos, como naturais, conquistando legitimação e aceitação das mulheres, verificadas e não discutidas por acreditarem ser assim desde sempre e que não há necessidade ou possibilidade de mudanças.

A perpetuação da dominação masculina deixa as mulheres à sombra do protagonismo, alocadas em atividades do lar ou extensivas a ele, trabalhos de pouco ou nenhuma remuneração que impedem a ascensão delas na sociedade, crescimento profissional e pessoal, além da repressão aos direitos civis.

Cordeiro (2016), observa que a recorrência da dominação secular patriarcal, com repetições, símbolos e tradições a partir da dicotomia biológica entre os corpos masculinos e femininos, descrita por Bourdieu (2017, p. 04), estaria no subconsciente humano.

> Essa dominação, uma vez imposta, permeia a sociedade e compõe a história, de forma que quando começamos a pensá-la, estamos com a carga histórica entranhada no inconsciente, sendo difícil racionalizar a dominação masculina conscientemente, livre de pensamento impostos por ela mesma.

A dominação e violência simbólica são evidenciadas no nosso trabalho do Desafio de Cururu, com a maioria dos cantores do sexo masculino, além de situações observadas, desenvolvidas por eles, para dificultar o acesso das mulheres cantoras neste campo da música caipira.

Na pesquisa foram encontradas duas mulheres que resistiram e entraram neste contexto masculino, Nhá Bentinha e Cidinha do Cururu não se renderam às violências simbólicas sofridas, são líderes comunicacionais e símbolos de resistência contra o discurso dominante masculino.

Bourdieu (2017, p. 13), atribui de simbólica a "[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento". A definição da violência simbólica se refere ao desconhecimento do domínio, a ignorância da subordinação. Em outros casos, há reconhecimento, o ser se relaciona de forma inferior ao outro, reconhece no outro o poder. O sentimento é a forma emocional ou financeira da submissão, podendo ou não reconhecer a violência simbólica, conforme Bourdieu (2017, p. 27):

> Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produtos da dominação, ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento de submissão.

A violência simbólica discutida por Bourdieu (2017), é reconhecida quando utilizada para impor, dominar, impedir, rarear possibilidades. Esta violência é ferramenta da

dominação, utilizada a partir de um ser que se denomina superior a outro, geralmente o masculino, em relação ao gênero feminino. As imposições de ideologias e pensamentos são também violência do poder masculino em relação à mulher, por não utilizar força física ou uso de materiais.

Fato a ser considerado é que o projeto ideológico de dominação masculina mutante e permanente ficou mais claro, possivelmente, em suas bases no século XIX, com a industrialização, momento em que mulheres e crianças são incorporadas ao mercado de trabalho fabril executando assim as mesmas tarefas masculinas, contudo, tendo remuneração mais baixa.

Os pensamentos de dominação começaram a encontrar combatentes ao pensamento hegemônico social, político, econômico e cultural. O conforto de comando unilateral começa ser fragmentado.

A discussão sobre a ordenação masculina imposta sobre a mulher em todos os seus anseios e direitos, privando-as de ser e compreender que são livres. Beauvoir (1967), exemplifica que no passado próximo se difundia sobre os homens que tinham em síntese uma vida feliz, de possibilidades de acesso à política, ao trabalho externo, possibilidade de decisão, do experimento, benefícios negados à mulher.

Outro fator citado pela autora é sobre o casamento para o homem, que continuava beneficiado com mesmos direitos e no matrimônio anexava uma mulher para servidão, procriação, com obrigações de cuidar da casa, educar os filhos, cuidar das tradições familiares e ser submissa, o que encontra reverberação em Bourdieu (2017). A busca do casamento para caminhos diferentes aos encontrados na casa dos pais esbarram no mesmo sistema, ou pior, a mulher encontra um formato distinto do que conhecia, porém no mesmo direcionamento opressivo.

> O casamento incita o homem a um imperialismo caprichoso: a tentação de dominar é a mais universal, a mais irresistível que existe; entregar o filho à mãe, entregar a mulher ao marido, é cultivar a tirania na terra; muitas vezes não basta ao esposo ser aprovado, admirado, aconselhar, guiar, êle ordena, representa o papel de soberano (BEAUVOIR, 1967. p. 223).

A opressão muitas vezes tem o fator da representação, por onde há a inclusão da mulher na sociedade, em eventos, festas, sob os olhares do patriarca, para diminuir a sensação de rudez.

Ao se disporem a “autorizar” a saída da mulher do lar para um novo espectro social, mesmo que sob os olhares constantes, era creditado pelo sistema, que aliviava o sentido da

opressão, melhorando a reputação do homem em grupos sociais. Beauvoir (1967, p. 170), identifica que aceitação imposta à mulher pela família e pela sociedade burguesas, mostrava-se inerente a sua sorte, ao entender que não poderia escolher, tampouco se desenvolver sob a sombra familiar, só lhe restava torcer pelo sucesso do marido e aceitar submissão. Assim:

> Em certos meios burgueses ainda se deixa a môça na incapacidade de ganhar a vida; ela só pode vegetar como um parasita no lar paterno ou aceitar uma posição subalterna em algum lar estranho. Mesmo nos casos em que ela é mais emancipada, o privilégio econômico detido pelos homens incita-a a preferir o casamento à um oficio: ela procurará um marido de situação superior à própria, esperando que ele "vença" mais depressa, vá mais longe do que ela seria capaz.

Bourdieu (2017, p. 77), acrescenta ainda o efeito dominador dentro do próprio universo masculino em que o homem precisa ter a validação dos pares "viris", o que daria o passaporte para se incluir no universo masculino, sem desconfianças. "A virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de 'verdadeiros homens'".

Para a burguesia resolver essa dicotomia criada, a saber, a mulher trabalhadora que poderia inspirar a mulher burguesa a refletir acerca de sua situação de submissão, foram criadas políticas públicas em que apareciam "as mulheres de bem", isto é, mulheres que eram sustentadas pelo marido e podiam ser "a rainha do lar" sem a imposição econômica do trabalho extra casa.

Achou-se necessário também "nomear" a mulher operária e para ela coube a alcunha de "coitada", pois "tinha de trabalhar fora". Àquelas que trabalhavam para seu sustento coube, para a ideologia burguesa que se impunha, a vitimização e a piedade. A disparidade salarial desde a introdução das mulheres no trabalho fora do lar, até 2018, ano deste estudo, se mantém com diferenças para a realização da mesma função no Brasil, segundo o IBGE as mulheres percebem 23,5% a menos para executar o mesmo trabalho que o Homem. Afirma ainda o levantamento que:

> As mulheres trabalham, em média, três horas por semana a mais do que os homens, combinando trabalhos remunerados, afazeres domésticos e cuidados de pessoas. Mesmo assim, e ainda contando com um nível educacional mais alto, elas ganham, em média, 76,5% do rendimento dos homens (IBGE, 2018).

No Brasil, as lutas, entraves e enfrentamentos pelo reconhecimento profissional e igualdade de condições sociais são diários. Dados levantados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em 2016 apontam que IDH o (índice de

desenvolvimento humano), dos homens está em 0,751 e o das mulheres em 0,754. Dados que revelam melhora educacional das mulheres, porém, ainda continuam com menor renda, realizando o mesmo trabalho.

O estudo mostra ainda a desigualdade de gênero, avaliado em três itens, saúde reprodutiva, empoderamento e atividade econômica, avaliada entre 159 países. O Brasil ocupa a 92ª posição. O documento ainda afirma que com metade da humanidade ignorada socialmente, politicamente e economicamente será bem difícil chegar ao desenvolvimento humano absoluto. Persegue-se o desafio de equidade de gênero, empoderamento das mulheres, políticas e estratégias nacionais e globais para atender à demanda de pessoas à margem do desenvolvimento.

Busca-se então, neste contexto, políticas de proteção aos indivíduos, como saúde, educação, assistência social e às famílias com benefícios de ação constante, que possam assistir a vulnerabilidade no campo e na cidade. O Brasil tem vários programas sociais, por exemplo, Bolsa Família, que atende mais de treze milhões de pessoas. Há no Brasil a demanda de vários grupos minoritários, negros, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência, que necessitam de políticas públicas ou privadas que possam corrigir desigualdades e proporcionar oportunidades.

Outros fatores de busca de melhora do IDH estão atados ao desenvolvimento humano sustentável para evitar situação de pobreza, ou seja, a pretensão é que haja suporte para que se evite oscilações econômicas, recessões, manutenção para minimizar desastres naturais, fatos de retrocesso financeiro pessoal e familiar. A autonomia da população, inclusão, acesso à justiça, direito à informação e participação em todos os sentidos devem ser garantidos, com respeito às leis internas e tratados de direitos humanos.

Entendemos que a ação de desenvolvimento não pode ser só pontual, tem de ser global, com convergência dos grupos econômicos, sociedade em todas as suas esferas, com ações mais justas para todos. No Brasil, segundo o PNUD de 2016, temos diferenças econômicas de renda per capita familiar, ou seja, por família diferentes, no sudeste, em São Caetano do Sul, em 2010 era de R$ 2.043,00 e na região nordeste, como a cidade de Marajá do Sena no Maranhão essa renda era de R$ 96,25, o que demonstra claramente a distância de oportunidades dentro do mesmo território.

Esses dados do PNUD de 2016, demonstram desigualdade entre os ganhos dos indivíduos, distribuição empresarial para geração de empregos, educação, saúde. Onde há mais giro financeiro há mais distribuição de renda e possibilidades sociais. O Brasil tem alto

índice de concentração de rendimentos, sendo o quarto pior da América Latina e Caribe, atrás do Haiti, Colômbia e Paraguai.

Para o PNUD de 2016, a participação na vida política de mulheres no Brasil é menor que a República Centro-Africana que tem 1,7% a mais representatividade. Sendo Queiroz e Miguel (2006), a legislação brasileira exige que haja 30% de mulheres concorrendo a cargos públicos em cada partido ou coligação, na teoria acontece, os números apresentados aos órgãos de fiscalização batem, porém a realidade é outra.

Muitas mulheres emprestam o nome para cumprir as regras eleitorais e há casos em que nem sabem que são candidatas, os partidos recebem o fundo partidário para fazer campanha, e muitas vezes não repassam os valores, as mulheres são usadas pelos partidos para cumprir a lei, casos amplamente divulgados pela imprensa em 2019.

Há avanços, porém ainda longe do equilíbrio qualitativo no desenvolvimento humano, a construção é lenta e necessita de comprometimento da sociedade civil e todos os poderes constituídos do estado democrático para melhorar os resultados do IDH do PNUD (2016). Outro fato que é complicador no Brasil se relaciona à violência contra a mulher, tanto simbólica, quanto física que continua crescente. No primeiro semestre de 2018, segundo dados da violência contra a mulher do governo do Brasil (2018), houve mais de 72.000 denúncias por violência pelo telefone 180.

De janeiro a junho de 2018 aconteceram 34.000 casos de violência física, 24.300 casos de violência psicológica, 5.900 casos de casos de violência sexual, 2.600 casos de cárcere privado, 3.300 casos de violência moral, 102 casos de tráfico de pessoas e ainda 1.400 casos de violência patrimonial. Em 2018 em Sorocaba, segundo o Jornal Ipanema (2018), havia mais de 900 casos de violência doméstica registrados na Delegacia da Mulher.

Possivelmente o número de casos é maior, não catalogados por falta de denúncia por parte da agredida ou de quem saiba ou presencie o fato e ainda pelo fechamento da delegacia durante a noite e aos finais de semana.

O questionamento que se faz é sobre os horários de funcionamento do órgão de proteção à mulher e aos outros órgãos relacionados, executivo, legislativo e judiciário pela omissão quanto aos casos acontecidos à noite e no fim de semana. Até quando?

Mesmo com os avanços nos seus direitos das mulheres, a dificuldade é o reconhecimento pelo sistema patriarcal, cumprimento das leis e a disparidade entre a conquista de direito e a realidade conquistada.

Cordeiro (2016), apresenta dados de que o Brasil é o quinto país com maior taxa de feminicídios comparadas a outros países economicamente similares. A situação é considerada problema de saúde pública e, internacionalmente, violação dos direitos humanos.

No fim do século XX os dados levantados por Cordeiro (2016, p. 03), evidenciam o movimento das mulheres atuando "A compreensão da violência doméstica como uma violação dos direitos humanos, só foi possível a partir de 1970, com o advento do movimento feminista que denunciava tanto a violência física quanto a simbólica, naturalizadas na sociedade".

Bourdieu (2017. p. 17), identifica que a busca masculina em reduzir a reverberação do discurso feminino, retrata a sobrevivência do próprio sistema, mostrando estratégias de perpetuação e artimanhas de poder.

> [...] como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina; arriscamo-nos, pois, a recorrer, para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação.

A dominação pela crença de que não há o que raciocinar, somente obedecer, admitida por um princípio, por uma tradição, por uma maneira de pensar, agir e pelos costumes, reconhecida pelo dominado e pelo dominante, e que se apresenta pelo poder masculino sobre o feminino, se estende pela continuidade de aquisições culturais da sociedade em que habita, principalmente dos laços familiares e patriarcais.

A naturalidade do poder e dominação dentro da sociedade delineada por Bourdieu (2017), cria uma linha imaginária, mas, real em que mulher não pode ultrapassar, mesmo dentro da estrutura familiar, onde se vê os sucessores do poder do pai, os irmãos mais velhos ou mais novos, seguindo os mesmos caminhos, não deixando lacunas para mudanças ou interferências.

O reconhecimento da dominação, peso posto sobre os ombros da mulher, em relação aos pressupostos de conhecimento da família, que sabe da existência da violência e nada faz, dos conceitos de dominação e a violência simbólica patriarcal, são regularmente modificados de acordo com a conveniência masculina, se há algum interesse há uma espécie de cegueira dos reais problemas.

Bourdieu (2017), nos explica que a violência simbólica é um primeiro degrau para outros tipos de agressões, silenciosas fora do lar, pois são socialmente validadas e encontram

pouca reverberação da voz de quem sofre ou mesmo são suprimidas pelas necessidades do matrimônio.

Não se pode deixar de entender, como relata Cordeiro (2016, p. 55), que a violência física é o grau superior da violência simbólica.

> Ao tomar 'simbólico' em um de seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência.

Cordeiro (2016), discorre que há o receio das mulheres em denunciar os agressores. Os principais motivos são dependência afetiva e econômica, por medo de novas agressões e a dificuldade de confiança e apoio junto às instituições públicas responsáveis pela proteção das mulheres. Dados apontados em pesquisas no Brasil refletem que o receio das mulheres em denunciar, está ligado ao conceito familiar.

> É justamente pensando no "bem da família" que muitas mulheres parecem deixar de denunciar seus agressores. Pesquisa DataSenado 2009 revelou que, na opinião de 62% das entrevistadas, o fato de a mulher não poder mais retirar a "queixa" fazia com que ela desistisse de denunciar o agressor. Trinta e cinco por cento declararam que a regra não impedia a denúncia. Já Pesquisa DataSenado 2011 constatou que, para 64% das entrevistadas, a regra da Lei Maria da Penha de que, em alguns casos, após denunciar a agressão, a mulher não pode mais retirar a "queixa" na delegacia", faz com que a mulher deixe de denunciar o agressor. Para 33% das entrevistadas, essa regra não faz com que a mulher deixe de denunciar o agressor (BIANCHINI, 2011).

O que se percebe é que a representação masculina junto à sociedade, mostrando-se carinhosos, bons pais, companheiros, muitas vezes não reflete a realidade no lar, escondendo opressores e agressores cruéis. O perfil dos homens agressores no Brasil poderá mudar com o estudo de vítimas existentes e não catalogados, ainda há falta de dados por falta de registro de denúncias.

Os dados apontados por Madureira (2014), eram: adultos jovens, casados, com baixa escolaridade e trabalho remunerado. 89,3% foram libertados sob pagamento de fiança. Eram, majoritariamente, cônjuges, que sob efeito de álcool, praticaram violência. Um número significativo já possuía outros registros de violência doméstica.

Os indicadores das taxas de homicídio de mulheres a cada 100 mil mulheres no Brasil, divulgado pelo Senado Federal, mostrados a partir dos dados registrados no Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde (MS), referentes aos anos de

2006, ano de promulgação da Lei Maria da Penha, 2014 e 2015 subsequentes são: Todas as raças 4,2, 4,6, 4,4 - mulheres brancas 3,3, 3,2, 3,0 - e a última consulta mostra a maior vulnerabilidade, mulheres pretas ou pardas 4,6, 5,4 e 5,2.

O relatório ainda traz dados relativos dos principais motivos da mulher não fazer denúncia: “Violência contra mulheres, especialmente a violência doméstica, envolve questões afetivas e emocionais importantes. Afinal, em geral, o agressor é companheiro da vítima, pai de seus filhos, o que dificulta o rompimento da relação afetiva, mesmo em um contexto de violência”, portanto os números absolutos devem ser muito maiores.

As mulheres pardas ou negras são as principais vítimas, o grau de instrução é relevante aos números de homens agressores, a principal fonte de denúncia é o telefone 180. Mesmo com a lei 11340, denominada Maria da Penha, segundo a pesquisa do Senado Federal, os números de agressões estão estáveis, caindo apensas 2% de 2014 para 2015 em todos os parâmetros. Há muito que se fazer para proteção às mulheres, encorajamento à denúncia, punição menos branda aos agressores, que muitas vezes trocam penas de reclusão por sentenças de cunho social, proteção do estado para as mulheres e filhos, e principalmente informação para comunidade denunciar, já que muitas vezes a mulher agredida não faz a denúncia por medo, vergonha ou situação de proteção familiar.

> Essa visão deturpada e romantizada do crime que é perpetrada pelas próprias instituições encarregadas de defender os direitos das mulheres, acaba sendo um fator que constrange e gera a insegurança da vítima para querer denunciar o crime (CORDEIRO, 2016, p. 09).

Este conceito de dominação é encontrado na vida social do Brasil, a propagação da mensagem de naturalidade alimenta outros indivíduos, que passam a repetir o discurso, mascarando e perpetuando a tentativa do processo de dominação masculina. O opressor promove a repetição deste discurso, a continuidade à proposta, com inverdades prejudicam a equidade e incentivam outros pares.

No caso desta pesquisa, relacionada ao Desafio de Cururu, ainda que não encontramos relatos de violência física contra as mulheres participantes - como encontramos entre os homens -, tal violência está presente na modalidade da violência simbólica que, em muitas ocasiões, dificulta ou excluí a possibilidade de defesa por parte das mulheres.

Foi verificado na pesquisa do Desafio de Cururu violência simbólica e reprodução de discurso machista para perpetuação do poder masculino, uso de signo religioso com efeitos de dominação.

Ao programa Foco (RODRIGUES, 2018), Ana Sueli Gardiano, a Nhá Bentinha (2018), narrou violência sofrida dentro do desafio de Cururu.

> [...] xingou eu de... (risos), eu falei eu não vou cantar mais Cururu, ah! o que que é isso? A gente é mulher não soube respeitar né? Porque mais era home também né, eu falei, mas, também bem feito pra mim, quem manda eu me meter neste meio aí, mas, gosto né, a gente quis fazer aquilo, então, xingou eu de vadia sabe?

Esta violência simbólica determinou o encerramento das participações de Nhá Bentinha para improvisar o Desafio de Cururu, passando a realizar outras tarefas artísticas, como apresentadora de eventos e cantora músicas de outros artistas, deixando a parte artesanal das rimas, fora de suas práticas habituais.

3.2 Dominação no Desafio de Cururu – o "Dom Divino" para cantar

Consideramos estes dados relativos à dominação e lutas para uma reflexão dos primórdios culturais que foram implantados e disseminados no Brasil, que atingem raças e gênero em vários aspectos. Relacionamos as dificuldades da mulher com o Desafio de Cururu, uma ressignificação de tradições lusitanas e, portanto, se encaixa dentro deste patriarcado cultural existente, assim como as diferenças sociais.

O que pretendemos dialogar a partir destes pressupostos, é a atualidade do tema patriarcado, a dominação masculina e o Cururu. O recorte está no efeito da dominação dentro do Desafio de Cururu aqui praticado, uma derivação dos ensinamentos da Igreja Católica, como mencionamos anteriormente.

O assunto de dominação e violência simbólica dentro da nossa discussão do Desafio de Cururu é identificada pelo discurso religioso, o "Dom Divino", em que os homens se apoiam e afirmam permanecer conectados ao Divino Espirito Santo, que segundo os homens e reverberado por todos os frequentadores, é permitido somente a eles para cantar e improvisar as letras.

Este discurso que há que se ter o dom divino para cantar e que isso não se ensina em escolas, ao longo do tempo inviabilizou a entrada de mulheres e homens para aprender e integrar os grupos. Sem "dom divino", sem possibilidade de permanecer ou pertencer ao grupo de cantadores.

Em meio às discussões sobre o contato ao sagrado, da aproximação com o divino para as apresentações, as mulheres certamente foram represadas de possibilidades e

desenvolvimento, fato que nos chamou atenção, em livros, no movimento ao vivo e nas repetições do discurso do divino.

Esta conexão ao divino evidenciada de forma unânime nas práticas musicais e durante os diálogos nos levaram a pensar que essa seria mais uma forma simbólica, de violência, da dominação. Os presentes espectadores e os cantadores movimentam essa comunicação relacionando esse dom a uma força superior, presente continuamente entre eles. Ao cantar os cururueiros já nas primeiras palavras da rima fazem o agradecimento a esse dom divino e ao público presente, uma sequência obedecida regularmente por todos.

Lemos (2005), reitera o pensamento que as pessoas precisam de um símbolo para que possam fazer a conexão entre arte e o sagrado, e essa busca representada por um lugar, árvore, objeto projetado, que para este símbolo se representa de forma ambígua, física e moral, humana e cósmica, positiva e negativa, atraente e repugnante. A conexão que associamos ao Cururu é o "dom divino", a ligação do ser humano com sagrado que se mostra, dedicada aos homens, ou seja, é polarizado, mostrando a conveniência em propagar e manter o poder hegemônico dentro desta cultura.

Os cururueiros ao repercutir o dom divino recebido, acreditam serem objetos de hierofonia, ou seja, pessoas ou lideranças carismáticas enviados do Divino Espírito Santo para intermediar as palavras aos semelhantes. Para Lemos (2005, p. 127), o pensamento da conexão divina pode ser interpretado como escolhas especiais "A compreensão de que Deus se serve delas para se manifestar lhes dá a certeza de legitimidade e de exclusividade perante a divindade e a sociedade".

Portela (2014), destaca que a religião pode ser considerada uma tentativa de se compreender o fenômeno, como é o caso do texto interpretações psicológicas do Dogma da Trindade, importante dogma cristão e critica o fato de a Trindade não ser símbolo adequado ao processo de individuação, mas distinta e independente.

O uso do elemento da Trindade pelos cururueiros, nos parece ser usado como cortina para se intitularem escolhidos por uma força superior para receber o dom de cantar, excluindo a mulher da capacidade de improvisar, ser protagonista e reconhecimento no meio.

Para Portela (2014, p. 48), há a retirada de um dos elementos, o que representa a mulher em suas considerações "A Trindade exclui o 4º elemento, ou seja, os aspectos materiais e femininos, renegando-os a sombra".

O poder que os homens relatam do dom divino nos parece um discurso de construção de barreiras para evitar concorrência de outros cantadores e uma forma simbólica de domínio sobre as mulheres. Percebe-se em Lemos (2005), que é também o reconhecimento para a

experiência religiosa o encontro com o Numinoso, ou seja, o cururueiro é parte da forma de poder ao ser usado para as rimas e expressar de forma cristalina no discurso e nas músicas que canta por intervenção divina.

Outro fato que atentamos é que não há preparação para esta conexão, o contato destes indivíduos acontece sem meditação, transcende o corpo e atinge ao cenário divino sem aquecimento, sem medo, com acesso continuado. Lemos (2005, p. 126), aponta para conexão constante do diálogo espiritual quando a alma se põe em contato com este, uma sensação de pertencimento, de ser criatura "Sentimento este que é sombra do medo, porque o Numinoso é algo que está fora da pessoa e dele emana uma superioridade esmagadora de poder".

Essa forja de discurso de mediadores da conexão evidencia interesse dos homens perante o divino ao se denominarem contatos diretos, ou seja, para Lemos (2005, p. 131), eles se postam como mediadores das mensagens e bênçãos divinas, porém, repassando e mediando conforme as necessidades. A mensagem oral difundida em que a mulher dependente do homem protagonizado pela tradição ortodoxa, que necessita de proteção, sendo pecadoras na essência por derivação de Eva, influenciado pela religiosidade, evidencia o uso de ferramentas para implantação do pânico e sansões sagradas, fragilizando a mulher e diminuindo a possibilidade de reação "[...] com receio de cometer pecado ao rebelar-se contra os desígnios sagrados".

Percebe-se em Lemos (2005, p. 128), que seja uma forma de protecionismo masculino o discurso convencionado para manter sob controle a competição e a ascensão feminina, opressão com utilização do discurso de proteção "[...] os homens deviam cuidar de suas mulheres para 'ajuda-las' a obter o perdão de seus pecados e diminuir o perigo que representam para a humanidade". Na sociedade patriarcal que prevalece na cultura ocidental, o sagrado é uma entidade masculina, que se manifesta por hierofonia, também na figura masculina.

Lemos (2005, p. 127), nos traz a proposta que de "De acordo com a tradição bíblica, Deus se revela em Abraão, Isaac, Jacó, José, Moisés, Salomão, Josué etc. e a sua hierofania por excelência se dá em Jesus, também homem. Onde estão as mulheres?".

A crítica ainda se encontra dentro da tradição cristã, onde Lemos (2005, p. 127 e 128), evidencia a concepção desde Eva e Adão, onde Eva pecou e leva Adão a pecar, direcionando a culpa e responsabilidade a ela, implicando-lhe a negatividade de conduta. Os discursos assim estabelecidos reforçam o patriarcado machista que seriam os conciliadores entre os atos terrenos e divinos "[...] reforçando a compreensão de que a mulher deve estar no espaço

doméstico para que seus impulsos para o mal sejam controlados, garantindo assim a harmonia social".

A dominação pelo do uso do "dom divino" regularmente desenvolvida nos diálogos por homens e mulheres ressalta o tradicional, o ortodoxo, o culto a religiosidade, abalizado em livros e na música, nos aparenta ter virado uma verdade pela repetição. O processo continua perene dentro da igreja, berço cultural do Cururu, quanto a de definição dos papéis masculinos e femininos, com maior expressão dada aos homens, que incentivara essa dominação utilizando-se dos conhecimentos, o que Lemos (2005, p. 128), relata: "Foi na idade média, período em que os homens, especialmente os clérigos detentores do monopólio do saber e da escrita, sentiram-se na "obrigação" de definir o papel de cada sexo nos caminhos da salvação".

Esse "dom divino" que seria dado especificamente aos homens, reflete ao sistema utilizado dentro da Igreja Católica, que se limitaria a seguir a tradição cristã considerada a vontade de Deus sobre o povo, segundo a declaração de 1976, do Papa Paulo VI. A afirmação foi ratificado na declaração *Inter Insigniores* – Vaticano pelo papa João Paulo II, em 1994, dados do site do Vaticano, assinado pelo prefeito Franjo Cardeal Seper e pelo secretário Arcebispo titular de Lorium, Fr. Jérôme Hamer, O,P., considerando a sentença como definitiva para todos os fiéis da Igreja "Todas às vezes que esta tradição teve oportunidade para se manifestar, ela deu testemunho da vontade da Igreja de se conformar com o modelo que o Senhor lhe havia deixado".

O texto reflete dentro do Desafio de Cururu a continuidade dos principais artifícios utilizados pelos homens para barrar essa ascensão é a promoção do discurso que só o homem teria o "dom divino" para cantar. Santos (2013, p. 173), no seu trabalho relata que frequentadores repetem o mesmo discurso, para cantar tem que ter o dom e não se aprende na escola o Cururu "Este atributo de virtude sagrada, de concessão de dádiva para desempenhar a prática (do plano celeste para o terrestre), está sempre vinculado ao universo sagrado e a devoção ao Divino Espírito Santo".

Outra vertente da conexão do cururueiro com divino está em Miklos 2010 apud Pichiguelli e Silva (2017, p. 12), atrelado ao religare, palavra que vem do latim e significa ligar novamente, religar, no sentido de retornar às origens, e neste caso ao divino, ao sagrado, ao criador, com a função cultuar Deus, algo inexplicável, reconexão aos princípios.

> De maneira sequencial, podemos afirmar que a manifestação do sagrado é a vivência do religare, que pode ou não ser relacionada por quem a vive à manifestação de deuses e a experiências religiosas; estas, por sua vez, são intrinsecamente fundadas

> pelo religare e, do mesmo modo, podem ou não se dar nos espaços e contextos das religiões institucionais. Assim, pode haver religare sem ligação com a religiosidade, pode haver vida prática orientada pelas religiões institucionais sem que haja o religare, mas não pode haver a experiência religiosa sem o religare, pois é o que a constitui.

A afirmação da ligação masculina ao dom divino é constante, repete-se a exaustão entre a comunidade do Cururu, porém, imaginamos que a pluralização do sujeito ativo pode acontecer independente do gênero, o que possibilita inserção híbrida nesta engrenagem. O "dom divino" para cantar é um tema controverso e abre a possibilidade para as mulheres, mesmo que minoritariamente, conforme Santos (2013, p. 174), de verificamos no meio do Cururu mulheres cantando "No entanto, esse atributo quase genético só é "dado" a alguns, majoritariamente homens e por alguma razão não passível de explicação no plano da realidade, ou seja, é dádiva como mistério divino".

O modelo expressado na área urbana dentro do Cururu vem ao encontro das manifestações utilizadas no campo para opressão e cerceamento. Um cenário em que a justificativa é que as mulheres não teriam capacidade, racionalidade, precisam de proteção masculina e não tem conexão divina. Apontamos, portanto, a possibilidade que os homens usaram essa crença da ligação ao dom divino para dominação, para hegemonia dentro da tradição do Desafio de Cururu.

3.3 Rompendo paradigmas - mulheres no Desafio de Cururu

Com o intuito de saber sobre esta relação de dominação, os efeitos dela e a entrada de mulheres no Desafio de Cururu, estabelecemos em Sorocaba, região participante do Médio Tietê (SP), local de prática desta arte, como guia do nosso trabalho e Nhá Bentinha por estar mais próxima do local da pesquisa, não desconsiderando as informações da artista Cidinha do Cururu, com a pretensão do entendimento da participação delas nesta tradição caipira regional.

Nhá Bentinha e Cidinha do Cururu, que adentraram neste patriarcado, mesmo sendo protagonistas neste modo cultural, não acreditam ser e têm dificuldades em entender o protagonismo, dessa forma, seus pares ainda praticam a repressão.

A literatura verificada, entrevistas e observação do movimento cultural em apresentações ao vivo, verificou-se que a modalidade é desenvolvida na maioria por homens,

que administram, participam e cantam, contando com a participação feminina na organização dos eventos, o que não as deixam fora do protagonismo.

Ana Sueli Gardiano, a Nhá Bentinha é o único caso de mulher no Cururu em Sorocaba. Desde jovem frequentou programas de rádio, aprendeu o Desafio com esse contato, porém não se percebe como cururueira dentro deste universo.

Na época escolar em Tatuí (SP), em datas festivas como 7 de Setembro, Ana Sueli decorava versinhos e subia no palco para recitá-los a pedido dos professores. A caçula dos irmãos Gardiano - como ela mesma definiu na entrevista ao Programa Foco (RODRIGUES, 2018), produzido para TV Uniso, canal de comunicação pelo *Youtube*[7] da Universidade de Sorocaba -, se descreveu sempre ativa, inquieta, ao contrário dos irmãos que não seguiram seus passos na música. A mudança da família para Sorocaba em busca de novas oportunidades reforçou um hábito constante da mãe, o de ouvir rádio, uma diversão que Ana também admirava.

Estabelecidos na cidade, Ana e a irmã, ainda muito jovens, souberam de programas sertanejos de auditório na Rádio Cacique, realizados pela emissora com portões abertos aos ouvintes. Na primeira visita conheceram um locutor/apresentador Jurandir Arruda, que ao ver as duas no evento se interessou pela irmã de Ana e logo começaram a namorar, culminando no casamento entre eles.

Ao ser recebido na família o apresentador conheceu mais de perto Ana Sueli, que conquistava a todos com sua voz e apresentações musicais familiares - possivelmente herança artística da avó, que trabalhou em teatro na juventude. O apresentador, ao ver a pequena menina cantando, se interessou pelo dom artístico e a levou para cantar músicas sertanejas na rádio, tornando-a uma das atrações do programa por ele apresentado juntamente com outro apresentador e artista circense (palhaço), conhecido como Coronel Fugêncio.

Por se tratar de programa de auditório semelhante ao que se vê na TV, ali havia a possibilidade de sair rumo às apresentações externas. Mas havia necessidade de vestimentas especiais e Ana foi inserida neste contexto como artista circense, ou seja, uma palhacinha. Como já havia um artista circense no grupo, o nome dela foi escolhido da derivação do dele e, a partir da estreia, como atriz em circo o seu nome artístico passou a ser “Fugencinha”, diminutivo do nome do artista anteriormente contratado.

Bourdieu (2017, p. 47), observa o diminutivo dos nomes como forma de opressão às mulheres, assédio moral, diminuição de seus valores, deboche e uma falsa sensibilidade,

[7] Plataforma digital de compartilhamento de vídeo por usuários da internet.

usando o eufemismo chamando-as linda, querida, ou utilizando o nome no diminutivo, inferioriza suas competências. “Como se a feminilidade se medisse pela arte de ‘se fazer pequena’”. Aos nove anos a responsabilidade da apresentação ao vivo chegou, a tremedeira tomou conta do pequeno corpo, pois havia naquele momento um novo desafio, com a presença de gente desconhecida, vestimenta diferente do dia a dia, etc.

O medo deixou de existir ao entrar em cena, pois o encontro com o circo abriu caminhos e oportunidades de expressão e a apresentação discorreu como previsto, fazendo “palhaçadas” e cantando com o tutor circense. Nhá Bentinha, durante a entrevista em vídeo para (RODRIGUES, 2018), relatou a facilidade de lembrar-se do texto, letras das músicas, marcações de palco. Em razão da idade, com memória, emocionou-se.

Quebrando os paradigmas dominantes por três anos, a artista mirim protagonizou a apresentação e animação de programas ao vivo, até que o parceiro de trabalho saiu da emissora e foi para outra concorrente, na mesma cidade. A oportunidade foi agarrada ao ser convidada para que continuasse o programa, porém, com a condição da troca do nome para desvincular o dela com o apresentador que estava de saída.

Foi proposto a ela o nome artístico de Nhá Bentinha, que segundo o diretor da rádio da época, José Rubens Bismara, (Faleceu aos 88 anos, em 19 de março de 2019), ela tinha “cara de Bentinha”. Ela concordou e passou à apresentadora do programa, no mesmo horário. Por ser menor de idade, a artista era acompanhada pela mãe nos compromissos, pois o pai não gostava e não os aprovava, reiterando a dificuldade familiar patriarcal.

Ana Sueli, então Nhá Bentinha, permaneceu na emissora até por volta dos 15 anos de idade, apresentando e alegrando a plateia presente com comédias circenses, cantando e interpretando. Nhá Bentinha casou-se no final da década de 1960 e revelou que teve que deixar o trabalho que mais gostava por cerca de vinte anos, pois seu marido não a queria trabalhando em apresentação e shows. Entendemos neste momento que a dominação masculina, ao qual Bourdieu (2017), reporta, sobrepôs ao bom senso.

Durante todo o matrimônio, Nhá Bentinha se manteve firme no propósito do casamento à época, cuidar do lar e do marido, mas algo dentro de si a incomodava, a deixava infeliz. A paixão pelo rádio e pelos palcos nunca saiu do pensamento. Consideramos conveniente que a alimentação do conceito de dominação do marido descrito por Bourdieu (2017, p. 17), retrata a sobrevivência do próprio sistema, são estratégias de perpetuação, efetivação do discurso, artimanhas de poder “[...] a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação”.

O casamento teve fim e a vontade de estar nos palcos e nas rádios logo irrigou os sentimentos de liberdade, de comunicação e imediatamente Nhá Bentinha estava novamente à ativa no final da década de 1980. No retorno, atuou como apresentadora, cantora, atriz de radionovela, apresentação em peças teatrais no circo Novo Mundo.

Nhá Bentinha gostava das comédias, por não ter tanto apego ao texto, podendo criar e interpretar, errar e consertar no palco, ou seja, apresentações de formas mais leves. Ao programa Foco (RODRIGUES, 2018), contou sobre os compromissos na rádio e no circo, e o desejo de crescimento profissional que a levou a outros programas, onde conheceu o Desafio de Cururu, muito popular nesta época nos auditórios de rádios.

Como o Cururu é improvisado, continuou as visitas para entender o segmento e mentalmente começou a fazer rimas e tentar descobrir respostas que os cantores dariam aos oponentes, evidenciando o aprendizado informal. Ao imaginar respostas, ficava frustrada com as dadas pelos artistas, presumia que poderia dar uma diferente, e assim, sem saber ou perceber, começava a gostar também deste movimento.

Em casa, com amigos e familiares, ela dava os primeiros passos em direção ao protagonismo no Cururu, sempre em tom de brincadeira. Começou a treinar, experimentar a cantoria, criando trovas com os temas apresentados e ganhando a atenção para as rimas.

Ao ser entrevistada, confessou que tomou iniciativa depois de tomar algumas cervejas, ficando alegre – nas palavras dela -, e devido a boa memória, tinha rapidez nas respostas. Nhá Bentinha relatou na entrevista a dificuldade em cantar o Cururu, afirmando que muitos tentam e poucos conseguem. Por ser diferente da música sertaneja, que uma vez decorado é só repetir, ao contrário do Cururu que não existe letra, os repentes caipiras são criados na hora, com assuntos variados e as respostas acompanham as provocações.

A entrada dela no Desafio de Cururu se dá pela amizade criada no rádio com os cururueiros da época que frequentavam sua casa, festas, aniversários, possibilitando assim possível pertencimento dela dentro do grupo hegemônico, o que pode representar certo interesse dos homens. Logo, o convite para estar no palco chegou. Às vezes para apresentar e outras para cantar, iniciando a carreira como cantadora de Cururu. Por ser apresentadora, líder comunicacional em programas de rádio abriu-se o caminho, possível de conveniência dos homens, o que não significa que seria respeitada por todos os cururueiros.

Avanços, desafios, liberdade das mulheres sem seguir o senso comum ou seus dominadores históricos trazem a reflexão de Lemos (2005, p. 87), sobre as mudanças urbanas e no campo. “São muitos os homens camponeses que se declaram frustrados e se sentem perdidos em suas identidades masculinas”. Na cultura brasileira há enraizado costumes e

tradições patriarcais datadas da época do Brasil colônia, dominada por portugueses que se instalaram aqui, onde reinava absoluto o poder da figura patriarcal, um chefe familiar que dispunha de autoridade inquestionável.

As resistências em relação à participação da mulher em todos os segmentos frente ao universo masculino sejam sociais, econômicos, de trabalho, estudo e de oportunidades são latentes e históricos, vista a condução do desenvolvimento social e perfil do povo. Depois das escolhas para esse trabalho estabelecemos que o caminho seria direcionado para as mulheres líderes comunicacionais, pela minoria representada e pela insurreição ao sistema.

A pesquisa apontou duas mulheres cantadoras de Cururu, subversoras de um sistema patriarcal, que usaram do contexto de ativistas midiáticas para entrar e se posicionar frente aos homens. Nos parece que as mulheres entraram neste universo por serem comunicadoras, formadoras de opinião e foram inseridas ao Desafio por circunstâncias similares, eram apresentadoras de programas de rádio e de forma ativa divulgavam o movimento e se tornaram ativistas.

Utilizando-se da comunicação massiva conseguiram remover barreiras de opressão e violência simbólica, Nhá Bentinha e Cidinha do Cururu, em 2018, com 70 e 76 anos, respectivamente, são as únicas mulheres identificadas na região do Médio Tietê dentre cerca dois milhões de pessoas que vivem na área de difusão desta arte caipira.

Nhá Bentinha e Cidinha do Cururu se apossaram dos conhecimentos transmitidos pelos homens durante as apresentações artesanais, aprenderam, ressignificaram e romperam as linhas de divisão de gênero existentes no Desafio de Cururu. Elas são líderes comunicacionais e ativistas, por levavam a comunicação hegemônica aos pequenos grupos, decodificando os signos para o entendimento de outros, tanto do Desafio de Cururu para mídia, quanto ao inverso, cantoras e subversoras pela equidade de capacidade.

Este trabalho verificou que o empoderamento das mulheres no Cururu é expressivo e discutido, as duas cantadoras iniciaram atividades ainda na metade do século XX, época de maior resistência masculina às suas atividades. Além dos diversos temas repressivos à mulher, um tema também acendeu a luz da opressão, o uso de signos sagrados para impedimento progressivo destas mulheres e de outras ao protagonismo, o “dom divino”.

O tema é abertamente discursado por todos os cantadores que cantam sob a proteção de uma força superior, que dá a eles a condição de estarem no palco ou evento rimando e escolhendo as palavras certas para o improviso foi rompido pelas mulheres. Identificamos nas cantadoras o respeito pelo discurso, ao qual não se reconhecem, trovam e improvisam, o que

nos remete a entender que elas são providas das bênçãos e tem o “dom divino” para cantar, assim como eles.

Este pensamento contrapõe à hegemonia criada de que somente os homens teriam esse contato celeste, então, entendemos que o discurso pregado cai por terra ao ver as duas mulheres subversoras cantando, rimando e protagonizando o Desafio de Cururu.

Em entrevista ao programa Foco (RODRIGUES, 2018), ao ser questionada sobre ela ter entrado neste espaço musical tipicamente masculino, Nhá Bentinha não respondeu, desviou a atenção sobre o tema, pois a crença que só o homem teria esse dom e o discurso misógino implantado, para ela mesma parece soar estranho em benefício à mulher.

Ao não responder sobre o assunto, nos deu um caminho para resposta ao observamos a apresentação em homenagem aos cururueiros do Médio Tietê, no dia 8 de Maio de 2018, na Câmara Municipal de Sorocaba, proposta construída por este movimento ativista, ao sistematizar experiências, que trataremos no capítulo 4.

Ao cantar, entender e articular as rimas de Cururu, ela também repercute o sistema implantado “ao pedir licença para cantar”, que é comumente feito por todos os cantadores em agradecimento ao Divino pelo “dom” de cantar e improvisar o Cururu.

> A viola tá repicando, eu escutei ela tocá
> Pois ela tá me acompanhando, que é pra mim podê cantar
> E a licença eu vou tirando, para cantar neste lugar
> E a licença sendo minha, vai boa noite da Bentinha pra cantar neste lugar
> E se eu tiver autorizada, se a licença ocês me dá (NHÁ BENTINHA, 2018).

Cidinha do Cururu, nesta mesma homenagem, também cantou e pediu a licença pra poder fazer suas trovações, igualando-se à Bentinha quanto ao respeito pelo Divino e pelas pessoas presentes.

> Primeiro peço licença pra mim cantar nessa posição
> Eu sei que a licença eu tenho mais se pedir fica mai bão
> Para o povo que está aqui quero dar um aperto de mão
> Quero fala pro povo direito hoje eu mais “sastifeita” por essa rica trovação (CIDINHA DO CURURU, 2018).

A apresentação, em clima festivo, mostrou a vertente que as artistas têm junto a o sagrado, ao contrário dos que os homens repercutem, mesmo elas não entendendo que na prática, também recebem proteção para que as palavras e rimas sejam exercidas. As duas quebraram o monopólio hegemônico masculino com competência e persistência e como

líderes comunicacionais sempre tiveram protagonismo, mesmo desconhecendo ou negando que isso ocorresse.

A entrada neste universo rendeu divergências e intolerâncias às cantoras, situação enfrentada por Ana Sueli Gardiano, a Nhá Bentinha, que sofreu violência simbólica nos palcos. Em entrevista ao Programa Foco (RODRIGUES, 2018), relatou que em show realizado por volta de 2003, um dos parceiros de Cururu bebeu além da medida e durante as rimas a menosprezou, chamando-a de "vadia".

Ao ser agredida verbalmente respondeu que ele não tinha educação e competência para cantar sem agressão, avisou que não iria mais cantar com o parceiro, pois não soube respeitá-la como mulher. Neste momento um fato de não pertencimento ao grupo androcêntrico é relatado pela artista na entrevista, que se autoflagela e pensa sobre si e sobre estar nos palcos cantando com homens "[...] bem feito pra mim, quem manda se meter neste meio aí".

A agressão verbal, violência simbólica apresentada no caso, em relação à Nhá Bentinha, que deixou de cantar Cururu, é uma das formas mais eficazes de manutenção da dominação, em que explica Bourdieu (2017, p. 133), é a aceitação, o que culmina na naturalização e continuidade do costume, facilitando o desempenho de dominantes.

> [...] os princípios da visão dominante que as levam a achar normal, ou mesmo natural, a ordem social tal como é, e a prever, de certo modo, o próprio destino, recusando as posições ou as carreiras de que estão sistematicamente excluídas e encaminhando-se para as que lhes são sistematicamente destinadas.

Essa naturalização apresentada de que sempre foi assim, com repetições e poucas ressignificações, legitimam a prática do dominador, que sem discussões em embates, perpetuam o androcentrismo do homem como norte de tudo, tornando-os donos da verdade.

Cido Garoto em entrevista a Santos (2013, p. 210), discorreu sobre esta situação de desrespeito com as mulheres "[...] é que os homens é tudo bocudo, principalmemte eu. Vai falar uma besteira para uma mulher, até você pode respeitar até uma volta, duas voltas, na terceira cê não vai aguentar o insulto".

Horácio Neto, cantador de Cururu, em depoimento para Santa Rosa (2007, p. 52), relatou que temas tratados no Cururu poderia ser um fato a ser considerado, quanto ao abandono da visita de famílias aos locais de realização dos desafios, pela linguagem utilizada, segundo ele uma bandalheira, podendo também ser um motivo do afastamento e desinteresse

das mulheres em cantar “[...] não fale bandaieira porquê tem lá meia dúzia de bêbado que gosta, faiz aquele baruião, mas o festero num convida você mais”.

O incômodo dos cantores da velha guarda seria em respeito às mulheres e participantes na plateia, pelos termos utilizados. Conforme relatado por Horácio Neto para Santa Rosa (2007, p. 53), os cantadores oponentes usaram versos como “cacete nesse fulano” e “esfrego o nariz no chão”. Cantoria em tom agressivo que poderia afastar o interesse na participação e receio de estar no local. “As muié fica co vergonha e dá encrenca tamém”.

Percebemos na entrevista em vídeo (RODRIGUES, 2018), e nas visitas aos Desafios de Cururu que este universo masculino é muito competitivo, eles querem ganhar sempre e o cantador ao chamá-la de vadia, não soube usar de elegância para versar com a mulher cantora, criando a partir deste momento um bloqueio emocional em Nhá Bentinha, que deixou de cantar nos Desafios de Cururu.

Nhá Bentinha preferiu não responder no mesmo tom e linguajar do cantador ao perceber que os ataques poderiam ser repetidos pelo protagonismo dela nos palcos, então preferiu deixar de cantar por não saber quem encontraria pela frente e estes poderiam agir da mesma forma.

De personalidade forte não voltou a cantar, preferiu seguir apresentando eventos, evitando os combates, gravou alguns cururus com letras pré-produzidas no estilo “caninha verde”, uma das derivações do Cururu, com o amigo e cururueiro Cido Garoto, atualmente disponibilizados no *Youtube* - alguns deles somente em áudio.

Mesmo gravados, devido os temas abordados, os áudios de Cururu causaram desconforto à cantadora e às mulheres que acompanham o desafio e não concordavam com os caminhos verbais seguidos pela cantora. Na gravação analisada, as metáforas estavam relacionadas a ele como um cavalo “Mossoró” e ela como eguinha “Pocotó”; rimas produzidas por eles para apresentações locais e familiares. No início do desafio, Cido Garoto já dá o tom da provocação, com a rima;

> Aqui vai meu cumprimento pra todos que aqui estão,
> hoje aqui neste momento vou fazê comparação,
> proveitando essa plateia,
> vou judiá da égua véia pra largá de amolação (GAROTO, 2012).

Após o verso, apoiadores fazem o baixão - um verso cantado que serve de apoio para os cantores que pensam na resposta ao oponente e segue até o final do desafio, intercalando as respostas.

> Ai moreninha, moreninha meu amor,
> na onda dos teus cabelo corre água e nasce flor,
> ai moreninha, moreninha meu amor,
> na onda dos teus cabelo corre água e nasce flor (BAIXÃO).

Nhá Bentinha, respondeu a rima com o verso;

> Hoje aqui eu vim cantá com muita satisfação,
> agora quero falá com o meu amigo Cidão,
> sou eguinha pocotó, égua véia é sua avó,
> que só faz xixi no chão (NHÁ BENTINHA, 2012).

Os versos e respostas alegram a comunidade participante que cada vez mais gosta destas afrontas. Os gritos e aplausos colocam mais combustível e acirram a disputa. Na terceira rima Cido Garoto respondeu Nhá Bentinha, situação que o chamou de cavalo "Pangaré" - definição aos cavalos sem raça.

> [...] mesmo sendo pangaré eu não fico ofendido,
> pois cada coice que eu dé, acerto no pé do ouvido,
> essa égua pangaré tem o rabo mai cumprido,
> muntá nela não dá pé e muito sai arrependido,
> tem um vício de dá tranco e
> não pode ver barranco que fica de rabo erguido (GAROTO, 2012).

É visível o apelo sexual em referência à égua, representado na rima. Nhá Bentinha com as respostas e versos cantados começa a despertar nas mulheres O desconforto.

> [...] sou eguinha marchadeira, o meu trote é um estouro,
> minha raça de primeira, o meu preço vale ouro,
> pangaré fala besteira qui nem papagaio louro,
> eu sou égua barranqueira, veja só que desaforo,
> vou deixar o cavalo bravo,
> o quê que adianta erguer o rabo, se ele não dá no côro (BENTINHA, 2012).

Observa-se que o verso faz relação à impotência sexual do cavalo, representado por Cido Garoto. A resposta em tom de brincadeira entre os cantadores amigos de longa data não desperta nenhum problema entre os homens; não acontecendo o mesmo entre mulheres. Seguindo os versos Cido Garoto canta;

> [...] pois sou o cavalo rei, tenho muito gabarito,
> que no côro eu não dei, isso até eu admito,
> sabe que nunca faiei, quando o rabo tá bonito,
> o rabo da égua oiei, quase sortei um gumito,

> quando eu vi o rabo erguido,
> tava roxo de fedido e cuaiado de mosquito (GAROTO, 2012).

O verso indicado para a “eguinha” tem relação com Nhá Bentinha, que não teria assepsia e estaria cheia de moscas, estando avessa ao coito, causando a falta de ereção ao “cavalo”. Para as mulheres, a resposta deste verso causa estranhamento pelo vocabulário utilizado, o que não era o mesmo da cantora cotidianamente.

> [...] a cocheira que eu habito é tudo desinfetado,
> tava cheio de mosquito é discurpa de aleijado,
> eu tenho o rabo bonito, além disso, é perfumado,
> é o que o cavalo esquisito, ele é meio dilicado,
> não adianta vim com choro, pangaré não dá no côro,
> deve ser cavalo viado (BENTINHA, 2012).

O cavalo representado pelo cantor, além de ter problemas de ereção, seria homossexual. Os versos cantados foram reprovados por algumas mulheres do convívio da cantora, que não se viram representadas patriarcalmente pela única mulher de Sorocaba cantando o Desafio de Cururu.

Mesmo a cantora respondendo duramente aos versos recebidos, defendendo as mulheres, defendendo o seu espaço, teve essa negativa por companheiras dos eventos. As mulheres presentes na plateia a questionaram sobre as respostas ao mesmo nível dado ao cantor Cido Garoto, julgando-as inconvenientes à figura feminina, mesmo em se tratando de uma brincadeira entre amigos, revelando o descontentamento da linguagem utilizada.

Portanto, o discurso do “dom divino” para cantar, a dominação masculina, os efeitos de posições de dominados e ações retrógadas a séculos anteriores contribuem para que poucas cantoras se sobressaírem nesta cultura popular. A subversão encontrada no Cururu com as cantoras Nhá Bentinha e Cidinha do Cururu trouxe a elas experiências negativas com agressões, que refletem a disputa e luta pela identidade viril e ainda manutenção do domínio masculino.

No nosso estudo, que apesar de estar baseado em Sorocaba, não deixou de contemplar a jornada de Cidinha do Cururu, de Santa Bárbara do Oeste (SP), que também passou a ser parte deste estudo.

Em Santa Barbara do Oeste o protagonismo ficou por conta da cantora e apresentadora de rádio Aparecida Lucas Carvalho, a Cidinha do Cururu, nascida em 6 de julho de 1942. Ela teve como inspiração o irmão, o cururueiro Zé de Lucas, e que D’Elboux (2010, p. 40), organizador do livro A História do Cururu em Santa Bárbara, indica com trajetória de entrada

da artista aos palcos. “Sua irmã, Cidinha do Cururu, relembra que era uma grande festa a reunião de cururueiros e era sua maior alegria”.

Conforme evidenciamos com Nhá Bentinha, a porta de entrada para cantar o Cururu está ligada às Festas do Divino, caso ocorrido com Cidinha do Cururu também. “Conheceu o Cururu na fazenda em que morava, durante as festividades da Festa do Divino Espírito Santo, onde a bandeira passava em sua casa” (CIDINHA DO CURURU, 2018).

Outra semelhança das mulheres no Cururu está ligada ao rádio. Encontramos em (D’elboux, 2010, p. 61), que as cantoras ao se tornarem conhecidas no cururu, foram levadas para a grande massa. “Quem deu a primeira chance para a dona Cida cantar no rádio foi o Edgar D’Elboux”. Cidinha do Cururu, como humana tem suas dificuldades e como mulher temia se expor no cenário masculino e ao não ser respeitada dentro dos palcos pelos homens, que não a viam como cururueira - capaz de improvisar, de ter as bênçãos do divinas para cantar -, teve jornada semelhante à da sorocabana. Cidinha começou a cantar a pedido do irmão que ficou doente e pediu que a ela continuasse a tradição.

> Meu irmão adoeceu e me pediu para que eu cantasse no lugar dele, quando não estivesse mais aqui. Ele me disse também que onde eu estivesse cantando, ele estaria junto de mim”, disse satisfeita e ainda acrescenta que o amor pelo Cururu é antigo e que vai continuar cantando até o dia em que Deus permitir (D’ELBOUX, 2010, p. 61).

A percepção que temos é que a supremacia masculina dentro do Cururu criou dificuldades para as duas mulheres e outras de apropriarem desta arte, porém, as duas citadas romperam as barreiras do domínio e chegaram ao protagonismo, venceram o preconceito, o desprezo, violência simbólica para chegar ao palco, porém, não venceram a resistência. Aparecida Lucas Carvalho, a Cidinha do Cururu apresenta as mesmas dificuldades em arrumar espaço para cantar com os homens e parceiras mulheres para dividir o palco para embate.

Portanto, com todas as dificuldades essas duas senhoras são protagonistas de mudanças no Desafio de Cururu, transgressoras com vozes, presenças, corpos e performances no contexto do Cururu. Mesmo subversoras ao sistema patriarcal encontram dificuldade em assumir o protagonismo, um reflexo das violências simbólicas, limitação social, cultural, financeira e o discurso de contrariedade moral e religioso.

O movimento destas mulheres para Dantas (2010, p. 45), sobretudo ao transgredir os limites masculinos com a presença dos seus corpos e performances contrariam a construção de gênero do discurso masculino, pois, as mulheres ressignificam o espaço androcêntrico.

> Sobretudo no caso de mulheres que representam mulheres, que reinscrevem os signos de seus corpos e de sua história num contexto onde as possibilidades de criação trafegam pelas fronteiras dos estereótipos de gênero estão, assim, atuando na paisagem conflituosa do hibridismo e da performatividade.

As duas mulheres que nasceram na metade do século XX transgrediram os conceitos patriarcais existentes, provocaram a relação de poder, romperam os conceitos de dominação, lutaram e sofreram com as consequências, ganharam espaço e desafetos. Subversoras do sistema, mesmo não sabendo a real dimensão deste protagonismo são símbolos da luta da mulher em busca dos seus direitos.

A confirmação das mudanças da mulher no Cururu, a transposição dos muros, nesta relação da dominação masculina, tem mudado, ainda que de forma lenta, em Sorocaba, devido a atuação da cantora Nhá Bentinha e, em Santa Bárbara do Oeste, de Cidinha do Cururu. As duas senhoras, com 70 e 76 anos, respectivamente, são protagonistas no desafio de Cururu, mesmo não tendo muitas oportunidades de apresentação ao longo da vida. Cantam o repente caipira na base do improviso, mostrando capacidade, contrariando o discurso do “dom divino”.

As notoriedades de Nhá Bentinha e Cidinha do Cururu foram postas à prova por diversas vezes, tendo elas que suportar e seguir adiante, resilientes no propósito da ruptura de sistema machista.

4 PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

4.1 Sistematizando o cururu

Durante a pesquisa empírica, dados sociais por meio de questionário para entendimento do movimento do Desafio do Cururu foram produzidos (apêndice A), e as lacunas encontradas são praticáveis de serem dialogadas. Buscamos com a proposta de Oscar Jara Holliday (1995), sistematizar experiências e apoio para que o ativismo do grupo de Cururu e pesquisador pudessem encontrar eco junto à comunidade.

Portanto, temos a intenção de iniciar debate sobre a participação acadêmica na vida comunitária, dando sequência ao ativismo dentro do trabalho. O entendimento de que a academia tem as ferramentas da pesquisa e a extensão dela pode viabilizar ações transformadoras na relação com a comunidade é indissociável. Apresentaremos os trabalhos de ativismo desenvolvidos na pesquisa, os efeitos e o encontro das duas cantoras conhecidas deste cenário para inédita apresentação.

Com o ativismo social na produção de informações, sistematizando e compartilhando este fluxo de saberes científicos, culturais e políticos, com grupos minoritários e oprimidos a interação dialógica acontece e a relação dos sujeitos interessados pelas mudanças da situação problema, seguem para possível diminuição de divergências.

> A Concepção da Metodologia Dialética é uma maneira de conceber a realidade, aproximar-se dela para conhecê-la e de atuar sobre ela para transformá-la. E, por isso, uma maneira integral de pensar e de viver: uma filosofia (HOLLIDAY, 1995, p. 54).

A interação interdisciplinar acadêmica comunitária pode promover impactos sociais, novos conhecimentos, provocar discussões, transformar cenários desfavoráveis em qualquer situação em que está inserida. Com a percepção de Miège (2000), que é antagônico ao sincretismo teórico, ou seja, a dificuldade da academia provocar e discutir a realização dos projetos propostos para a comunidade, o ativismo de Trigueiro (2008), interação das culturas hibridas de Canclini (2000), e apoio ao sistematizar experiências de Oscar Jara Holliday (1995), dialogaremos no sentido das experiências do nosso trabalho e suas mudanças no cenário encontrado na pesquisa.

A sistematização de Holliday (1995, p. 30), tem várias linhas de absorção cultural, os acontecimentos, comportamentos, evolução e as interpretações que os sujeitos têm sobre si "Cria-se assim um espaço para que estas interpretações sejam discutidas, compartilhadas e

confrontadas". Nas instituições latinas a promoção social é evidente, é frequente a preocupação em torno da necessidade de sistematizar as experiências. As experiências na América Latina, os eventos e publicações sobre os temas sociais estão postos e nos despertaram para inserção no trabalho do Desafio De Cururu em Sorocaba (SP).

O trabalho de Oscar Jara Holliday (1995, p. 26), é uma contribuição que permite ordenar e compartilhar o trabalho produzido, identificar sua importância e divergências e possibilidade de avanço com elaboração de propostas, "[...] apropriar-se da experiência vivida e dar conta dela, compartilhando com os outros o aprendido". A afirmação de Holliday (1995), é que a sistematização é um processo vivido e a produção de novos conhecimentos ao se narrar experiências, descrever processos, classificar experiências, ordenar, exemplificar as práticas, aproxima a prática e a teoria.

> A sistematização é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionam entre si e porque fizeram deste modo (HOLLIDAY, 1995, p. 28).

Os trabalhos de sistematização, às vezes são entendidos como investigações; outras vezes informe de trabalho ou até uma lista de atividades realizadas. No nosso caso do Desafio de Cururu, a história e o futuro estão incluídos na pesquisa, podemos entender que houve investigação e atividades convertidas na transformação da realidade.

A busca de respostas para as situações que encontramos e até onde pudemos chegar em razão do recorte feito, poderá abrir novas discussões e olhares de outros pesquisadores, que poderão encontrar neste trabalho um ponto de partida.

Ao longo da pesquisa empírica e acadêmica sobre o Desafio de Cururu verificamos lacunas de comunicação com a sociedade do grupo e com as propostas de metodologias participativas utilizadas em projetos de pesquisas que abordam movimentos sociais em periferias na América Latina, optamos por fazer um trabalho ativista, que pudesse transpor os muros da academia e gerar movimentação social.

Com a pesquisa de campo, utilizando a ferramenta de formulário eletrônico de pesquisa pelo *Facebook* (apêndice A), pudemos observar dificuldades sociais, econômicas e culturais dos indivíduos envolvidos. Encontramos tensões por espaços de apresentação, por espaço físico, posicionamento contra o grupo dominante que sempre são os convidados para os eventos, deixando outros grupos fora do protagonismo, lacunas de comunicação com o poder público e ainda a falta de incentivo para manter a tradição.

Trigueiro (2008), no seu livro Folkcomunicação e Ativismo Midiático, diferencia o indivíduo ativista e o ativo e nos dá o caminho para este trabalho.

> Ativo é o que exerce uma ação, que participa de uma atividade, que está sempre em movimento; ativista é um militante que organiza, planeja a participação de outros nos movimentos, que se posiciona a favor ou contra determinada situação, domina diversos conhecimentos, dá primazia a ações que comportem diferentes graus de definições, é um propagador de ideias (TRIGUEIRO, 2008, p. 47).

Fernandes (2011, p. 07), corrobora com o pensamento de Trigueiro (2008), "O ativo exerce uma ação, participa de atividade e está sempre em movimento; o ativista é um militante que organiza, planeja a participação de outros nos movimentos, que se posiciona contra ou a favor de determinada situação".

Ao pressupormos que há uma relação entre pesquisa e a sociedade, fator relevante para produção de conhecimento e mudanças na comunidade, buscamos informações e conhecimento sobre o trabalho, então encontramos conexões rompidas e que precisavam de ajustes para expressão de ideias e que os canais fossem recompostos para interagir com interesses culturais ameaçados.

Encontramos veículos comunicacionais com potenciais para serem parceiros do Desafio de Cururu, como o rádio e o poder público, porém, desconectados. Refletindo desconhecimento e desvalorização da arte de cantar improvisada ao público de Sorocaba, base da pesquisa. Portanto, a interação social e o diálogo da produção de conhecimento de forma participativa nos proporcionaram resultados positivos junto à sociedade em decorrência da ajuda na reconexão do diálogo com o poder público.

A sistematização que Holliday (1995, p. 35), descreve "ser para algo" orienta e dá sentido à pesquisa. "Quer dizer, em função de uma utilidade concreta que vamos lhe dar, em relação com as experiências que estamos realizando". A compreensão das experiências a fim de melhorar a nossa própria prática, compartilhar com outras semelhantes, hibridizar a reflexão da teoria e a prática dos conhecimentos surgidos apresenta múltiplas funcionalidades da sistematização.

Concordamos que há muito a ser realizado pelos participantes e partes atingidas pela proposta, não nos compete ser ativos neste processo, por isso, nossa escolha ativista, de interagir para que outros grupos se manifestem e dialoguem. A nossa interação é para que o grupo minoritário apresentado possa ter representatividade reconhecida e tenha reconhecimento social e cultural pelo que representa e representou para a cidade, além de possível reconexão com a mídia tradicional.

O trabalho no 1º Colóquio Brasil-Colômbia de metodologias participativas em cultura, comunicação, território e movimentos sociais, por Oliveira e Silva, é a proposta metodológica que vai ao encontro do nosso trabalho, que é a sistematização das experiências, metodologia do educador peruano Oscar Jara Holliday (1995).

> As relações entre a instituição universitária e as classes subalternizadas pressupõem uma relação entre um lugar autorizado de fala (a universidade) legitimado pela racionalidade com lugares colocados à margem destas autorizações. As ações extensionistas, portanto, estariam vinculadas a uma socialização parcial, a uma concessão de parte desta legitimação de lugares de fala ou ainda a apropriação de determinadas demandas (OLIVEIRA E SILVA, 2018, p. 11).

Holliday (1995), ainda pressupõe como fundamento a concepção metodológica dialética, que entende a realidade histórico-social como uma totalidade em que a realidade é mutante e contraditória e passível de ressignificação. A proposta interage com a evolução dos pensamentos, da conscientização social, pela luta dos movimentos, legitimação pública, permitindo interação da academia e comunidade. Holliday (1995), nos apresenta na metodologia é a possibilidade de outros indivíduos possam entender e fazer algo ou apontar caminhos de transformação, hibridização de ações.

A sistematização neste contexto se entende como exercício participativo para desenvolvimento de projetos, produção de documentos com pessoas envolvidas, neste caso, academia, pesquisador, orientador e cururueiros. Portanto, a sistematização se mostra um instrumento de contribuição no enfrentamento aos desafios com a aprendizagem captada, e que poderá ser disseminada, tornando-se elo indutor de envolvidos culturais, comunidade e poder público.

Para Holliday (1995), a compreensão das experiências vividas permitem identificar e construir práticas, abordagens teóricas que possam contribuir para as práticas, instigando reconstrução, reflexões críticas, intercâmbio com iniciativas interligadas e exploração das experiências.

> Estamos falando de, então de experiências vitais, carregadas de uma enorme riqueza acumulada de elementos que, em cada caso, representam processos inéditos e irrepetíveis. É por isso que é tão apaixonante a tarefa de compreendê-las, extrair seus ensinamentos e comunicá-los (HOLLIDAY, 1995, p. 25).

A pesquisa busca conectar entendimento e diálogo do Desafio de Cururu com o poder público, apresentando as necessidades obtidas dentro da comunidade, com olhares externos aos envolvidos, na busca de ajustes e continuidade. O conceito de sistematização de Holliday

(1995, p. 25), diz que a prática pode construir novos conhecimentos, caminho que buscamos na pesquisa para que a cultura do Desafio de Cururu possa ser reconectada aos mais idosos e reconhecida pelos mais jovens e divulgada para toda comunidade: “[...] quando falamos de sistematização estamos falando de um exercício que se refere, necessariamente, a experiências práticas concretas”.

Considera-se também que a prática da sistematização das experiências podem servir de apoio para outras experimentações, servindo de base para outros projetos de conhecimento, exemplos da lei do Dia do Cururu e homenagem aos cururueiros, encontro de mulheres cantando Cururu, acontecimento inédito, ao qual falaremos adiante.

A sistematização e sua prática permite a provocação pública para resolução de lacunas existentes, ajuda na redescoberta e influencia a avistar culturas marginalizadas como descreve Beltrão, além de propor estratégias de ações.

Para esse trabalho de sistematização há cinco passos que devem ser seguidos:

1) Ponto de partida: ter participado, se reunido com pessoas, ter a vivencia no local de ocorrência, ouvir pessoas, registrar, avaliar as pessoas que estão no processo, resgatar registros de experiência, do grupo, buscar informações em vídeos, livros e na atualidade as redes sociais.

O processo empírico foi realizado entre fevereiro de 2017 a setembro de 2018. Foram acompanhados eventos mensais, sempre no último domingo de cada mês - ocorridos no Clube Barcelona em Sorocaba, até abril de 2018, e depois desta data no Parque dos Espanhóis -, acompanhando publicações em redes sociais dos envolvidos, produzido informações em vídeos.

2) Perguntas iniciais são definidas conforme a conversa avança, em busca de preencher as lacunas existentes, delimitando o objeto e qual o objetivo da proposta.

Com as ferramentas da observação, audição e o questionário digital (RODRIGUES, 2018), (disponível no apêndice A), podemos entender algumas lacunas existentes e dificuldade dos indivíduos em dar sequência às atividades por falta de espaço físico, falta de estrutura, como som para apresentações e ainda as tensões por espaço de apresentação do Desafio de Cururu. Para ser mais atrativo aos espectadores, os coordenadores do Desafio de Cururu buscam os melhores cantadores, deixando os iniciantes e intermediários e principalmente as mulheres fora das apresentações.

3) Recuperação do processo vivido, busca a reconstrução da história, organizar e classificar as informações com principais de questionamentos, O quê? Quando? Como? E onde aconteceu?

A pesquisa acadêmica buscou as possíveis raízes do Desafio de Cururu, para que pudéssemos entender sobre a arte e a linha patriarcal existentes nesta cultura.

4) Reflexão de fundo, interpretação crítica do processo vivido, reflexão em relação do motivo de ter acontecido isso, dos aprendizados, tensões, contradições que marcam o processo verificado.

A reflexão dos caminhos da dominação, das dificuldade da entrada das mulheres neste contexto, mostra o quão difícil foi para as duas apresentadoras de rádio que conseguiram entrar para cantar Cururu. Entrar não quer dizer serem aceitas neste meio, pois as adversidades foram evidenciadas, com violência simbólica, rejeição da participação e dominação masculina.

5) Ponto de chegada, formular conclusões e comunicar o aprendizado, construindo a narrativa da sistematização, com facilitação do entendimento da linguagem. Com o aprendizado, então, orientar os caminhos que poderão fortalecer o estudo.

Ao encontrar lacunas e possibilidades de ajustes, como ativistas, buscamos respostas junto ao poder público para fomentação e desenvolvimento do estudo, ao qual relataremos na sequência. Evidenciamos a necessidade de recuperação, crescimento e diversidade de gênero neste meio. Com estes principais pontos apresentados o objetivo da sistematização busca tornar comum para todos a produção do conhecimento e que esse possa beneficiar populações, comunidades, grupos fragilizados.

Oliveira e Silva (2018, p. 12), apresentam perspectiva colaborativa que foi publicada por Paulo Freire (Filósofo e educador brasileiro), em 1968, e nos traz um pensamento de ativismo “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão”, esperando que haja uma discussão coletiva para reconstrução de diálogo. Ao chegar a este contexto, Holliday (1995), nos encaminha para um desfecho lógico da proposta:

> [...] obter conclusões que sirvam para melhorar a prática, para fazer mais coerente no futuro; para superar seus vazios reafirmar seus pontos fortes, insistir nos fatores cujo comportamento demonstrou que são “sinérgicos” e para não repetir o que muitas vezes foi fator de debilidade de desgaste (HOLLIDAY, 1995, p. 37).

O ativismo e a proposta acadêmica buscaram, portanto, alcançar o objetivo de promover o diálogo com a comunidade sobre os problemas sociais e futuro das discussões, provocando o poder público, despertando o interesse dos ativistas, cantadores e participantes.

4.2 Pesquisa empírica – produção de informações no Desafio de Cururu

Com as idas aos encontros conseguimos conquistar a confiança de membros do grupo, começamos a entender as dificuldades, necessidades, conflitos, falta de espaço, distância de gêneros e omissão do poder público nas atividades e no incentivo da tradição. Imaginamos então fazer questionários com perguntas, a serem respondidas pelos participantes, para que eles pudessem expressar suas próprias visões do Cururu, trazer pontos interessantes, que agregariam na busca de informações relevantes para entender o desafio e validariam o processo de observação e audição (apêndice A).

As perguntas estavam relacionadas ao perfil geral, como idade, poder econômico, disparidade de gênero, dicas para melhorar o desafio, reclamações de cantadores e fragilidade de espaço para novos talentos e estrutura. A pesquisa foi feita utilizando a internet, com publicação no *Facebook*, possibilitando que todos os cururueiros e frequentadores pudessem entrar e responder, no conforto da sua casa ou mesmo do *smartphone*.

Com este questionário *online* (apêndice A), identificamos outros problemas, a baixa adesão por desconhecimento digital, já que muitos não usam telefone, não têm habilidade com computadores, têm dificuldade de acesso à internet e desinteresse por tecnologia. Para sanar o problema inicial, foram instalados dois computadores no local das apresentações, por dois eventos seguidos, nos meses de junho e julho de 2017, com pessoas habilitadas, orientadas para auxiliar os participantes e escrever exatamente a resposta dos entrevistados, sem mudar o contexto ou ideias do entrevistado. Salientamos que em alguns casos, houve erro de digitação, correção automática, porém o conteúdo que interessava não foi alterado.

Para a análise das informações, verificamos as respostas dos entrevistados, verificando os resultados dos dados eletrônicos que foram alimentados pelas perguntas no nosso apêndice A, assim, os caminhos da pesquisa se abriram e alguns pontos foram interligados, revelando então problemas comuns que havíamos verificado no local, em conversas informais, agora catalogados pela produção de informação que propusemos no Clube Barcelona, em Sorocaba - SP. A pesquisa identificou idade média dos participantes entre 50 e 80 anos, 02 novos talentos masculinos, nenhum feminino.

Com a pergunta: Tem internet com TV a cabo em casa, percebemos a dificuldade em adquirir Internet e TV a cabo por deficiência financeira, desconhecimento do mundo virtual e preferência pelo uso de rádio, como meio, por sua simplicidade.

Ao investigar pontos descritos pelos participantes quanto ao apoio público e a relevância dada ao Desafio de Cururu no site da Câmara Municipal de Sorocaba, foram

procuradas leis que poderiam ajudar para o enriquecimento cultural da cidade, apoios e sobrevivência do cururu. Na legislação vigente em 2017 encontramos duas leis, uma dando nome de rua, (lei 7.083 de 05 de Mai. de 2004), conforme propositura no site da Câmara Municipal de Sorocaba, denominando de Rua Benedito Garutti, a Rua 05, localizada no Jardim Wanel Ville V, (cinco), em Sorocaba. Homenagem feita ao pai do cantador Cido Garoto, após seu falecimento.

A outra lei encontrada (lei 853 de 18 de Out. de 1961), conforme propositura no site da Câmara Municipal de Sorocaba, dá incentivo fiscal, isentando de impostos, jogos e diversões públicas aos espetáculos de Cururu, desde que houvesse requerimento ao poder Executivo com cinco dias de antecedência.

Foi encontrado na busca o vazio do incentivo público para a arte, a cultura e divulgação do Cururu. Ao perceber essa lacuna, sugerimos aos participantes do Cururu, lei que pudesse valorizar essa modalidade, ideia prontamente aceita pelo grupo. Com essa movimentação ativista, a provocação ao poder público e a ajuda das ferramentas da pesquisa acadêmica estavam lançados os desafios da transformação. Miège (2000), lamenta sobre a formação teórica dos estudantes de comunicação, que acabariam por deixar de lado vários caminhos que deixariam as pesquisas sem positivação prática na sociedade, por falta de entendimento ou acesso.

Começamos a intermediar o diálogo com a Câmara Municipal de Sorocaba para que a ideia de incentivo cultural pudesse ser viabilizada por meio de uma lei, e assim, uma data pudesse ser estudada e a comemoração estivesse na agenda oficial do município e a proposição pudesse dar condições para o poder público agir, amparada pela legislação, para o interesse da preservação desta cultura popular.

Com a lei aprovada, implantada e divulgada, independeria de partidos ou agentes políticos para que fosse cumprida e o estímulo pudesse ser perene. Isso não quer dizer que a lei preserva a cultura, ela poderá ser uma ferramenta utilizada na intenção de manter viva esta tradição.

A proposta foi moldada de acordo com os parâmetros legislativos, juntamente com o vereador João Paulo Nogueira Miranda, que deu prosseguimento aos trâmites legais. O vereador deixou o posto em outubro de 2017, voltando a ser suplente. A lei foi encampada por outro vereador, João Donizeti Silvestre, que a partir de então levou adiante as discussões, protocolos do trâmite legislativo. A aprovação da lei (anexo A), aconteceu, foi publicada no Diário Oficial do Município (anexo B), no site da Câmara Municipal de Sorocaba (anexo C), e inserida no sistema digital (anexo D), e permite que haja incentivo à participação do poder

público para possível desenvolvimento e manutenção do Cururu, com incentivos estruturais, divulgação (anexos E, F, G e H), contratação de cantadores e uso de locais próprios do município.

Portanto, com esse movimento ativista os cururueiros começaram a perceber que há necessidade de rever o sistema corporativo existente em que poucos cantam e poucos têm oportunidade de entrar para aprender cantar no Desafio de Cururu, dialogar com outros segmentos e enriquecer o movimento. Com essa lei abre-se caminhos para que haja mais eventos, possibilidade de entrada de novos participantes, espaços para hibridização regional com a vinda de cururueiros de outras cidades e ainda possibilidade de maior visibilidade. O texto publicado no site da Câmara Municipal de Sorocaba instituiu o Dia do Cururu em Sorocaba em 10 de Abril de 2017, (anexo D).

PROJETO DE LEI Nº 116/2017.

Institui o "Dia do Cururu" em Sorocaba, a ser celebrado no dia 19 de Julho.

A Câmara Municipal de Sorocaba decreta:

Art. 1º Fica instituído o "Dia do Cururu" no Município de Sorocaba, a ser comemorado, anualmente, no dia 19 de julho.

Art. 2 º O "Dia do Cururu" fica incluído no Calendário Oficial de Eventos do Município de Sorocaba.

Art. 3 º O Poder Executivo poderá promover divulgação do "Dia do Cururu", relembrando a data com apresentações públicas, exposições e outros.

Art. 4º As despesas com a execução da presente Lei ocorrerão por conta de verba orçamentária própria.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

A publicação desta lei não aconteceu nesta data, abril de 2017, em razão dos trâmites legais entre o legislativo e o executivo da cidade. Foi assinada pelo prefeito José Caldini Crespo e divulgada no Diário Oficial (anexo B), dando a validade concreta em 2018. Entendemos então, a partir dali, que um passo foi dado, o apoio legal agora é lei, a divulgação pelo poder público (anexos E e G), e ação na mídia (anexos E, F, G, H), podem ajudar, a partir de agora, o Cururu a diminuir a distância do conhecimento público e abrir caminhos para novos cantadores e cantadoras.

Cido Garoto em entrevista ao Programa Foco (RODRIGUES, 2018), disse que essa atitude poderia melhorar o relacionamento da sociedade com o Cururu, que naquele momento estava desconhecido e esquecido e que novos artistas conseguiriam entrar e permanecer no

grupo de cururueiros, oxigenando a renovação dos cantadores. A produção de informação pela pesquisa de campo (apêndice A), identificou que a idade dos participantes se encontra entre 50 e 80 anos. Mais pessoas deixam o Desafio de Cururu por motivos de saúde, idade e falecimento do que entraram nos últimos 30 anos.

Considerando que a expectativa de vida média do brasileiro, que está em 75,2 anos, a pesquisa indica grande redução do quadro de participantes nos próximos 30 anos. Na amostra realizada com 72 entrevistados, 56 deles estão entre 50 e 80 anos, ou seja 78% dos entrevistados.

Com o incentivo público, a visibilidade, cursos gratuitos de viola caipira, cessão de espaços para apresentações, incentivo da participação feminina e divulgação, poderão ajudar neste contexto no enriquecimento de capital cultural. Ao expressar sobre o rádio que ao cururu deu notoriedade ao levá-lo para programação diária, o poder público ainda pode patrocinar programas, viabilizar um reencontro e aproximação deste meio com o Cururu, possibilitando a expansão e conhecimento popular. O rádio é a mídia com a qual os idosos tem afinidade, conforme a pesquisa de campo (apêndice A), que identificou a dificuldade deles com as novas tecnologias, caso do início da pesquisa pelo *Facebook* que não teve adesão.

Pela dificuldade tecnológica apresentada pelos entrevistados ao início da pesquisa, que não teve adesão, entendemos que a preferência pelo rádio se dá pela facilidade de manuseio, baixo de manutenção e ainda pela romantismo do passado, pois, os cururueiros e expectadores frequentavam programas de auditório nas emissoras para ver os eventos ao vivo, o que nos leva a imaginar que a performance, a presença e o corpo dos cururueiros fazem parte desta arte.

Com o pressuposto da popularização, há perspectiva que o cururu permaneça ativo e que seus integrantes possam se apresentar mais e com variedade e promover concursos para mais cantores se apresentarem. O poder público atualmente incentiva e promove o Cururu, um efeito ativista promovido com as ferramentas de pesquisa utilizados na academia e que reflete na sociedade.

4.3 Homenagem aos cururueiros e incentivadores

Após a lei ser aprovada, (lei nº 13.654, de 03 de Jan. de 2018), (anexo D), foi proposta solenidade em homenagem relativa ao Dia do Cururu, sessão realizada em 8 de maio de 2018, as 19h30, na Câmara Municipal de Sorocaba, com presença de mais de 60 cururueiros,

violeiros, incentivadores, vereadores e o Secretário de Cultura de Sorocaba, Werinton Kermes.

Cantadores, frequentadores e fomentadores do Cururu sorocabano e regionais foram convidados pela Câmara para sessão solene (anexo I), com lista proposta pelos próprios cururueiros envolvidos (anexo N), e divulgação na mídia (anexo J, K), para participar da homenagem. Os cururueiros regionais foram chamados para integração e também para que pudessem ser estimulados a levar a ideia da lei para suas cidades de origem, com a intenção de promover um calendário em todo Médio Tietê, berço desta arte. O sugerido foi 19 de julho, data escolhida em Sorocaba em homenagem ao cururueiro Luís Antônio da Rosa, o Luisinho Rosa, falecido em 19 de julho de 2017.

O intuito da proposta é para toda região comemorar e incentivar a manutenção do Desafio de Cururu, promover a criação deste coletivo e aumentar a representatividade do Cururu, dando prosseguimento a essa cultura artesanal que precisa de apoio ativista e público para não desaparecer. Nesta data aconteceram discursos do proponente da lei, o vereador João Donizeti Silvestre, de vereadores que conhecem o Cururu, cururueiros e cururueiras, pesquisador e do Secretário da Cultura e Turismo de Sorocaba.

O tema do desaparecimento do Cururu unido à atual idade dos cantadores, o pequeno número de novos talentos, a renovação pífia em relação ao número de habitantes do Médio Tietê - cerca de dois milhões de pessoas -, mostrou aos participantes a importância desta lei.

Cido Garoto, cururueiro e um líder comunicacional, por promover o Desafio de Cururu durante toda sua vida, apresentar programas de rádio, promover eventos, gravar e reproduzir CDs com apresentações de cururueiros, em entrevista ao Programa Foco (RODRIGUES, 2018), reafirmou que somente dois novos artistas nos últimos 30 anos conseguiram entrar e permanecer cantando no grupo de cururueiros, Andinho Soares (figura 7), que também tem banda de rock e Cassio Carlota (figura 8), que estavam presentes na sessão solene, e fizeram um desafio dos novos cantadores, além da velha guarda com os cururueiros Benedito Carrara e Rubens Ribeiro.

A Sessão realizada na Câmara Municipal de Sorocaba em 08 de maio de 2018, teve início às 19h30 e seu término aconteceu por volta 22h30, por ter discursos de apoio, e congratulações pela iniciativa que não estavam programas e foram autorizados pelo cerimonial legislativo. A transmissão ao vivo pelo *Facebook* e canal da TV legislativa de Sorocaba, que possibilitou a audiência dos interessados que não puderam estar presentes.

Figura 7 - Andinho Soares – cururueiro de Votorantim

Fonte: SECOM Câmara Municipal de Sorocaba (2018).

Figura 8 - Cássio Carlota – cururueiro de Porto Feliz

Fonte: SECOM Câmara Municipal de Sorocaba (2018).

O número de novos cantadores, nos faz pensar que é pequena a reposição de artistas. Imagina-se que a globalização atual está relacionada à área financeira, o viés cultural não está presente nos interesses econômicos e por si só, o Cururu neste sentido perde espaço por ter pouca aproximação com a massa, ter poucos participantes e poderá ser extinto pela não renovação, falta de divulgação e adequação dos cururueiros aos novos tempos.

O repente caipira, Cururu, teve forte tradição ao longo do tempo, teve pouca mudança de comportamento oral, corporal e de vestimenta ao sair do campo para a cidade e na área urbana pouco se atualizou, salvo um dos casos, o do cururueiro Cido Garoto que revelou ao Programa Foco (RODRIGUES, 2018), aprendeu a tecnologia da internet, criando um novo canal de comunicação. Se imaginarmos que sem a modernização dos antigos cururueiros para as linguagens e técnicas utilizadas atualmente, o aumento de pessoas participando, incentivo de jovens, homens e mulheres para entrar no Desafio de Cururu, apoio das mídias e poder público, haverá dificuldade que outras pessoas possam entender, conhecer e participar, com tendência de ser esquecido.

O poder público de Sorocaba iniciou o apoio, destinando local adequado, com estrutura de som para apresentação dos cururueiros. Desde que a lei do Dia do Cururu foi aprovada, o Parque dos Espanhóis, espaço público, administrado pela prefeitura local, foi escolhido como cenário e desde então a administração municipal tem feito a divulgação para conhecimento de outras pessoas que usam redes sociais e na mídia tradicional de rádio e jornal sorocabanos, como exemplo, a homenagem feita ao cururueiro Cido Garoto (figura 9), que faleceu em 16 de maio de 2018.

Figura 9 - Cartaz de evento do Cururu com apoio público

Fonte: Secretaria de Cultura e Turismo de Sorocaba (2018).

Em Sorocaba, a lei foi aprovada e os frutos dela começaram a aparecer e o efeito esperado começou, Porto Feliz (SP), vizinha à Sorocaba, aprovou lei semelhante. O Projeto de Lei nº 30/2018 (anexo L), de autoria do vereador José Luís Ribeiro de Almeida, institui em Porto Feliz no calendário oficial o "Dia do Cururu" a ser celebrado no dia 19 de julho.

Em Boituva (SP), foi aprovada a lei do Dia do Cururu (anexo M), em 7 de Junho de 2018, a ser comemorado em 19 de Julho. Portanto, o pedido que fizemos para que levassem a ideia para outras cidades, foi atendido. A região ganha com essa iniciativa, outras cidades que também estão propondo lei para que possa dar maior visibilidade ao Desafio de Cururu do Médio Tietê.

O projeto ativista saiu da universidade, entrou nas comemorações públicas da cidade de origem da pesquisa e chegou em outros municípios da região, que fazem parte e cultuam o Desafio de Cururu. A partir das leis, essas localidades terão respaldo jurídico para apoiar e difundir, promover e criar oportunidades para desenvolvimento. Outras cidades conurbadas a essas poderão se mostrar interessadas e replicar as atitudes.

Vale ressaltar que as leis por si só, não mudam nada. As pessoas interessadas, ativistas, coletivos culturais e a comunidade poderão provocar modificações e atualizações e terão essa responsabilidade para manter as tradições.

4.4 Construção da solenidade aos cururueiros e incentivadores

Com a escolha de nomes e data foram enviados os nomes para o cerimonial da Câmara Municipal de Sorocaba para que fossem feitos os certificados aos homenageados (anexo N).

Alguns cururueiros não puderam estar presentes, por problemas de saúde e distância da cidade de origem - mas acompanharam pela TV. O cerimonial disponibilizou os certificados para entrega posterior. Nesta mesma data, 08 de maio de 2018, o pandeirista Antônio Paulete, parceiro de cururu de Cido Garoto, foi homenageado, mas, quem recebeu seu certificado foi a companheira Nhá Bentinha, devido ao falecimento dele no dia 17 de abril de 2018, dias antes da homenagem.

Pela impossibilidade de estar presente na cerimônia, já que os médicos aconselharam a não sair de casa devido ao seu estado de saúde, Cido Garoto (figura 10), um dos maiores ícones do cururu e incentivador desta arte, nos recebeu em sua casa no dia 8 de maio de 2018 pela manhã. Na ocasião foi gravada uma mensagem em vídeo feita em um *smarthphone*, que foi veiculada na sessão solene em agradecimento a todos os presentes. Foi a última aparição em vida na mídia do cururueiro.

Cido Garoto, mesmo com problemas pulmonares, retirou a mangueira de ar que o apoiava na respiração e gravou mensagem de 57 segundos de improviso aos homenageados e proponentes.

Figura 10 - Cido Garoto

Fonte: Luiz Carlos Rodrigues (2018).

> Boa noite amigos é...infelizmente eu não... não consegui comparecer aqui, devido ao estado de saúde meu. É...tô melhorando, mas o médico achou melhor eu ficar em casa. Então eu...queria agradecer a vocês, aos vereadores, aos...amigos cantadores, ao pessoal que veio de fora, ao João Donizeti que é o...que tá comandando o projeto e meu amigo Luizinho Rodrigues também, que incentivou muito a gente e correu atrás de tudo essas coisas. E eu agradeço muito a presença de vocês, quem sabe em uma próxima oportunidade a gente vai tá junto com vocês (CIDO GAROTO, 2018).

Cido Garoto não pôde estar presente fisicamente, porém, a mensagem foi eternizada. O certificado da homenagem foi recebida pela filha dele, Zilda Garuti.

O violeiro Abílio Rosa, também parceiro do cantador Cido Garoto, não esteve presente na homenagem por problemas de saúde. Os dois faleceram dias depois da homenagem; Abílio dia 14 e Cido dia 16 de maio de 2018. Cido Garoto deixou uma vasta coletânea de Desafios de Cururu em CD’s e DVD’s, tanto dele quanto de outros cururueiros, que ele mesmo gravou em toda sua vida como cantador. Gravava e fazia cópias para vender por preços acessíveis, somente para divulgar o Cururu e agradar aos amigos que a ele pediam. Deixou ainda em vida um pedido para filha Zilda, que no velório revelou verbalmente ao pesquisador, para não se desfazer e nem dividir os seus arquivos, seus chapéus, DVDs, CD’s e sua viola.

Ainda sobre a homenagem aos cururueiros, aconteceu também um encontro inédito, as duas únicas mulheres cururueiras e líderes comunicacionais estiveram juntas, cantando. Ao

serem convidadas, Nhá Bentinha e Cidinha do Cururu, que não se conheciam pessoalmente, somente sabiam uma da outra, foram homenageadas em sessão solene da Câmara Municipal de Sorocaba e receberam toda consideração dos presentes que prestigiaram o evento.

O acompanhamento foi feito na viola por Carlos Caetano e Albertinho no Pandeiro (figura 11). A primeira a cantar foi Nhá Bentinha.

Figura 11 - Nhá Bentinha cantando

Fonte: SECOM Câmara Municipal de Sorocaba (2018).

Nhá Bentinha fez apresentação cantando de improviso, exatamente como é o Cururu, agradecendo a solenidade e chamou atenção ao se dirigir às mulheres. Terminou sua participação elogiando a companheira Cidinha do Cururu.

A viola tá repicando, eu escutei ela tocá
Pois ela tá me acompanhando, que é pra mim podê cantar
E a licença eu vou tirando, para cantar neste lugar
E a licença sendo minha, vai boa noite da Bentinha pra cantar neste lugar
E se eu tiver autorizada, se a licença ocês me dá
Primeiro vou saudar as muierada, porque as muié tá em primeiro lugar
Depois toda essas rapaziada, esta juventude que não parem de estudá
E para esse povo inteiro, pros casado e os solteiro e todo mundo em gerá
Alguns pode achá meio esquisito, o cururu ver uma mulher cantá
Uns pode achá que é bonito, outros pode até me criticá
Mas com ninguém eu quero atrito, eu com ninguém quero brigar
Óia eu não sei se ocês sabia, eu vim trazer alegria fazer as magoa passá
Eu agradeço a Cidinha, que hoje ela veio nos visitá
Veio na cidade minha, então eu tenho que respeitá
Nói num briguemo quando nóis era mocinha, agora de véia nóis precisa brigá

> Quando você fô se embora, peço a Deus nossa senhora que abençoe o vosso lar (NHÁ BENTINHA, 2018).

Com os versos, Nhá Bentinha agradeceu aos presentes, marcou o posicionamento das mulheres, fez um pedido para continuidade e importância dos estudos. Na apresentação foi notado o receio dela em relação aos ouvintes, quando cita que é meio esquisito escutar uma mulher cantando. Apesar dessa narrativa, a visão dela não deixa de ser uma crítica, já que não há o costume de ver e ouvir uma mulher cantar Cururu, quanto mais duas.

Quanto às criticas das mulheres cantando, se posicionou dizendo que, diferente do que a cultura espera (quanto à disputa musical), preferia não brigar. Fato que remeteu à reflexão do acontecido com a própria cantora, que em disputa com homem foi agredida verbalmente.

Mesmo sabendo que os palcos têm a sua maioria de homens, ela chamou também atenção para o verdadeiro sentido do Cururu, que é divertir os participantes. Com relação a isso, pareceu-nos que conseguiu, pois arrancou calorosos aplausos da plateia.

Quanto ao posicionamento com a Cidinha do Cururu, foi de extrema simpatia. Agradeceu a visita e desejou o boas vibrações para sua vida, mostrando que o Cururu não é só profano, humorístico e crítico, é de reconhecimento, paz e alegria (figura 12).

Figura 12 - Cidinha do Cururu cantando

Fonte: SECOM Câmara de Sorocaba (2018).

A sessão prosseguiu e foi a vez da Cidinha do Cururu, que veio de Santa Bárbara do Oeste, que cantou.

> Primeiro peço licença pra mim cantar nessa posição
> Eu sei que a licença eu tenho mais se pedir fica mai bão
> Para o povo que está aqui quero dar um aperto de mão
> Quero fala pro povo direito hoje eu mais 'sastifeita' por essa rica trovação
> Quando eu saí de minha casa eu fiz a minha devoção
> Pra que Deus livrasse do perigo também me desse livração
> Para que eu chegasse até aqui Jesus Cristo segurando em minha mão
> Sabe que eu não carrego preconceito eu trouxe o amor peito e Jesus no coração
> Agora vou falar com a Bentinha porque eu tenho precisão
> Se sabe que um dia eu vi uma muié pilota lá nas artura pilotando um avião
> Também vi uma mulher na estrada em um volante dirigindo um caminhão
> E também isso não é nada também vi a delegada fazendo o trampo no salão
> Hoje tô aqui muito contente eu agradeço por essa rica benção
> Por ter alembrado da Cidinha e da Bentinha também junto na acompanhação
> Tudo aqui que estão me ouvindo, pô vereador vai um forte abração
> Sabe eu falo desde já não tenho com o que pagar essas coisa em minha mão
> Ai, não tenho com o que pagá as coisa que entregaram em minha mão
> Eu quero agradecer pelo convite eu vou sempre guardar no coração
> Sabe que eu não esperava dessa festa também ficar nessa ingratidão
> Sabe eu falo desse jeito agora eu vou dormi direito porque abriu meu coração (CIDINHA DO CURURU, 2018).

Pelos versos da cantadora Cidinha do Cururu pode-se notar simpatia ao cumprimentar todos e a devoção dela ao se referir aos pedidos para que pudesse chegar bem a Sorocaba. Assim como a Nhá Bentinha, ela não fez provocação, comum e esperado nos desafios tradicionais, já que o intuito do evento era de confraternização dos cururueiros.

Cidinha do Cururu lembrou que as mulheres podem estar em qualquer lugar, pois tem capacidade, mesmo que sejam profissões tradicionalmente ocupadas por homens, como mencionou de uma piloto de avião, caminhoneira, delegada, lembranças do potencial feminino. Agradeceu aos presentes, o vereador proponente da lei e ficou muito satisfeita com a homenagem feita, que segundo ela, "é algo impagável na vida". Assim sendo, as duas e únicas cantoras catalogadas em 2018 foram homenageadas em vida por todos os presentes.

O vereador proponente João Donizeti homenageou as duas cantadoras de Cururu, que até então nunca haviam cantado juntas. Fez a homenagem entregando um certificado da homenagem e também ofereceu flores para as contadoras presentes.

Para a entrega dos certificados solicitou a presença do proponente da ideia da homenagem Luiz Carlos Rodrigues, para que a homenagem pudesse ser realizada pelos dois.

A entrega do certificado de congratulações, emitido pelo poder legislativo de Sorocaba para a homenagem aos cururueiros e as flores para Ana Sueli Gardiano, a Nhá Bentinha, a única representante do Desafio de Cururu sorocabana foi realizada pelo pesquisador (figura 13).

Figura 13 - João Donizeti, Cidinha do Cururu, Nhá Bentinha e Luiz Carlos Rodrigues

Fonte: SECOM Câmara de Sorocaba (2018).

5 CONSIDERAÇÕES

Esse estudo teve por objetivo, mais do que atestar, observar como o machismo, em sua forma de dominação masculina, permeia o cenário da música caipira, principalmente no Desafio do Cururu desenvolvido em Sorocaba e região do Médio Tietê (SP). O resultado da pesquisa aponta para a existência do machismo no Cururu contemporâneo, consequência de uma cultura tradicionalmente patriarcal, oriunda dos hábitos rurais e configurado na forma de violência simbólica. E aponta também a ameaça à sobrevivência do movimento musical devido à falta de renovação de cantadores e quase inexistência de herdeiros da arte.

Diante disso, o estudo evidencia a importância do ativismo feminino, protagonizado aqui por duas expoentes da música caipira regional - Ana Sueli Gardiano (Nhá Bentinha), e Aparecida Lucas Carvalho (Cidinha do Cururu) -, que mesmo diante dos desafios que abarcam a jornada feminina da contemporaneidade, possibilitaram a abertura de espaço à mulher cantadora cururueira. Por fim, foi observado também que ambas, com suas trajetórias rumo à igualdade de gênero no desenvolvimento do Cururu, trouxeram à luz a importância da participação plural e, por consequência, do debate do assunto junto à comunidade e poderes públicos.

Dessa forma, podemos afirmar que a cultura marginalizada diagnosticada por Beltrão (2004), que a necessidade de um sistema de comunicação apoiado na troca de informações e hibridismo pontuados por Canclini (2000), além da emergência de ativismo sinalizada por Trigueiro (2008), agregaram valor à pesquisa possibilitando aprendizado global.

Sendo assim, é importante mencionar o agradecimento para todos os autores que cederam seus conhecimentos para que pudéssemos compartilhar com nosso leitor, as descoberta da manifestação da dominação masculina existente no Desafio de Cururu de Sorocaba.

Um legado importante que levaremos adiante é direcionado aos ensinamentos de Holliday (1995), aprender e compartilhar são dois verbos que não podem ser desligados.

Percebemos que o conhecimento científico e o ativismo social são indissociáveis para reconstrução de caminhos que foram rompidos ao longo do tempo ou para construção de novas pontes sociais. Muitas dessas lacunas que permeiam a sociedade contemporânea são localizadas somente quando vistas do lado de fora do núcleo do movimento, o qual por sua vez se acostuma com as repetições, tornando-as tradicionais, e, por consequência, não as percebe.

Ao compreender essas lacunas sociais, suas causas e as relações, observar os comportamentos e localizar as necessidades, pudemos, mesmo que de forma embrionária, transformar a realidade e, a partir da perspectiva da exposição dos problemas, transformarmos a nós mesmos como pessoas e ideias. Então, munidos das ferramentas acadêmicas, como o pensamento ativista buscamos aproximar os sujeitos participantes, implicados de forma ativa no processo, junto aos meios de efetivação social, como mídias e poder público.

Ao apontar o disparate entre gêneros neste contexto cururueiro, consideramos o fator religioso, da apropriação masculina de associar o desempenho musical ao dom divino, e a repetição desse discurso. Esse domínio masculino, enraizado pela imposição de inverdades, vitimou várias outras mulheres por meio da violência simbólica, impediu que tantas outras cantadoras e cantadores pudessem estar presentes e desfavoreceu a equivalência de gêneros e a entrada de novos personagens no movimento cururueiro.

O que pode ser observado na jornada das duas mulheres que atualmente estão em cena na região, descritas neste trabalho e que, como vimos, foram tolhidas de habilidades musicais durante vários anos. E que mesmo sendo naturalmente líderes comunicacionais e cururueiras, o empoderamento feminino de ambas passou pelo processo de ressignificação individual e coletiva, como a ausência de reconhecimento da liderança, tanto pessoal, quanto entre os pares.

Isso além da reprodução do discurso que há de se ter o dom divino para cantar – que repetem, possivelmente, o que ouviram a vida toda, sem a reflexão de que estavam fortalecendo a própria submissão -, além do desconhecimento de suas existências no cenário musical. O que procrastinou o encontro entre ambas por cerca de meio século - o que poderia ter inspirado e ajudado no ingresso de outras interessadas. Esperamos que a partir deste encontro, isso possa acontecer com maior frequência.

Ainda assim, elas transpuseram as barreiras culturais e sociais, provando que podem desenvolver o repente com competência, sinalizando, por fim, que o impedimento ao desempenho não é divino, mas humano. O que nos possibilita dizer que este argumento foi e ainda é utilizado pelos homens como forma de dominação masculina.

O encontro entre elas, no evento em homenagem aos cururueiros, em Sorocaba, resultou num Desafio de Cururu feminino e, por sua vez, inédito. Quebrando os protocolos intermediados por homens, rompendo os obstáculos de dominação, transgredindo bloqueios com seus corpos, performances e competência. Uma transgressão expressada ao vivo, frente ao público presente e nas mídias; uma vez que o encontro foi televisionado pela TV Legislativa sorocabana e direcionado para as redes sociais. Dessa forma, deseja-se que este

momento sirva de incentivo para que outras mulheres se interessem por esse coletivo e possam dar sequência ao caminho que foi aberto por essas duas cururueiras – que já estão com idade avançada.

Dessa forma, aproveitamos então para salientar aqui também que esta questão em torno da idade das cantadoras e cantadores é de extrema relevância, visto que há baixa entrada de novos cantadores neste movimento.

Se observarmos que dentre os homens participantes do movimento, tanto cantadores como plateia/consumidores, 78% têm idades entre 50 e 80 anos – conforme nossa pesquisa descrita anteriormente -, e se levarmos em consideração a mesma indicação do IBGE de 2016, que a ponta a expectativa de vida média masculina de 72,9 anos, alcançaremos a preocupante ameaça de extinção do movimento de forma geral.

Isso porque em cerca de 25 anos, possivelmente, o movimento do Cururu regional – alvo do estudo -, terá apenas 22% do número de participantes do contexto atual. Há de se informar que a nossa pesquisa mostra dados produzidos com os participantes nos eventos citados e não aponta quaisquer elementos diferentes entre os que gostam, porém, não frequentam esses eventos, colocando-os juntos, consumidores/participantes.

Os dados refletem, por fim, a necessidade urgente de novos talentos para este meio e coloca sobre os ombros dos dois novos integrantes, Cássio Carlota e Andinho Soares a missão de manter viva esta tradição, principalmente pela questão da comunicação, da divulgação, atualização do movimento e promoção da entrada de novos participantes, independente de gênero, classe social e idade.

Os novos cururueiros entraram neste meio, exatamente no período da necessidade de mudança na forma de relacionamento e propagação do Desafio Cururu, e precisam encontrar ferramentas para transitar nas redes sociais, rádio e TV e ainda encontrarem caminhos para que a mensagem da renovação e continuidade chegue aos consumidores/frequentadores e atinja novos interessados.

Munidos culturalmente de novas linguagens e recursos, como a Internet, eles têm mais facilidade de navegar nessas ondas, que também lhe trazem a responsabilidade de intermediar essa transição de mídias entre os mais velhos e os novos cantadores. Isso também trouxe a necessidade da mudança do olhar corporativo do grupo. Observa-se que pela idade desses participantes a aversão em relação aos temas profanos abordados ajudam e prejudicam participações devido às barreiras éticas e morais familiares e religiosas adquiridas entre as décadas de 1940 e 1960, o que não deve ser o problema para as gerações futuras.

E como o discurso da religiosidade está diretamente ligado à própria existência do cururu, os homens provedores desta estrutura ortodoxa, precisarão buscar o entendimento desta sobrevivência, o equilíbrio e a diversidade, abrindo assim caminhos da expansão.

O relacionamento social com os cururueiros para adequação aos novos tempos passa também pelo desapego encontrado na área rural e urbana quanto ao tempo para cantar, aos temas sagrados ou profanos, aos instrumentos e a ideia romântica de manter a tradição como ela está. A mudança é necessária para atender as novas demandas.

Nas nossas observações constatamos que os eventos atuais duram cerca de três horas. Nota-se que há cachê aos cantadores pelas apresentações, com o objetivo de cobrir os gastos com deslocamento. Isso denota a mudança de posicionamento do cururu rural relacionado ao sagrado, que não cobravam, pois cantavam por devoção, pela religião, sem vínculo monetário, o que nos dias atuais, é perfeitamente aceitável, pela necessidade financeira de cada artista.

O comércio e as próprias apresentações sofrem tensões nas negociações e isso é importante para manter a competitividade. Artistas vendem os shows em todos os lugares do mundo, por isso não vemos a necessidade de ser gratuito. A vertente financeira poderá trazer interessados em cantar e aumentar o nível de organização

O modelo de capital tende a ser contra a procrastinação dos ativistas culturais que não se adaptam às novas tendências culturais e de mercado, e a visão sentimentalista que impedem o avanço das mudanças necessárias à comunicação podem provocar o sepultamento dessa arte.

Acreditamos que com a hibridização das experiências sorocabanas e regionais possam trazer o fortalecimento do Desafio de Cururu, melhorar o diálogo do poder público com elementos ativos e ativistas, meios culturais e o capital.

Evidenciamos que o ativismo realizado neste trabalho poderá ser intensificado em Sorocaba e em outras cidades que já se posicionaram a favor do aumento de visibilidade do Cururu e, dessa forma, estão em busca de apoios.

Observamos, por meio de contato com responsáveis oriundos pelo desenvolvimento em outras cidades, que a divulgação dos eventos pelas mídias antigas e mais novas, assim como a ajuda constante do poder público, a aproximação de novos elementos e, por consequência, troca de conhecimentos intercidades poderão promover o processo retroalimentação para que o Desafio de Cururu não desapareça do cenário cultural.

Ao verificar a dificuldade com as novas tecnologias, pressupostos culturais dos grupos sociais que dividimos experiências, evidencia-se que eles, de uma forma geral, não estão conectados à onda eletrônica mundial, outro fator que pode ser encampado por ativistas. Esses

canais eletrônicos, que são barreiras aos conhecimentos desses idosos, sinalizam a necessidade de ativismo, além de liderança comunicacional para intercâmbio de informações e culturas.

Munidos do papel de agentes ativistas desta proposta criamos, então, um grupo de *Whatsapp* (aplicativo de celular), chamado "Cururueiros Médio Tietê". Trata-se de canal na Internet para comunicação entre os participantes. O que foi observado é que mesmo com a dificuldade de uso de *smartphones* (pequenos telefones móveis), no final de 2018 ao todo 22 integrantes, líderes comunicacionais e incentivadores culturais foram reunidos e utilizam este canal para comunicação entre eles, para eventos e particularidades.

Outro canal de comunicação para os cururueiros foi criado no *Facebook* (rede virtual de contatos), a página de nome "Cururueiros do Médio Tietê", somou 64 seguidores, até novembro de 2018, não participantes (consumidores), e pessoas interessadas, oriundas de Sorocaba e região, que recebem informações relacionadas ao Cururu.

Mesmo sendo canais digitais de pouco acesso pelos participantes, eles facilitam a intermediação e ressignificação para intermediados, que conseguem acessar informações, como locais de eventos, anteriormente pouco divulgados em outros meios, portanto, concluímos serem relevantes.

Essa afirmação se apoia na jornada de Cido Garoto, cururueiro falecido, líder comunicacional, ativo e ativista do Desafio de Cururu. Em entrevista ao Programa Foco (RODRIGUES, 2018), produzido para TV Uniso, evidenciou que entrou no meio digital, nas mídias sociais, por necessidade; e que aprendeu algumas ferramentas para registrar e divulgar eventos. Foi um dos únicos participantes a incentivar o Cururu por estas mídias.

Cido Garoto ao falecer deixou muitos arquivos do que foram produzidos por ele, copiados e gravados, mas que ao longo do tempo poderá se deteriorar caso não seja devidamente utilizado. Neste sentido há preocupação aqui no que se refere a guardar a memória do cantador e a própria história do Cururu, caminho a ser pensado por ativistas, colecionadores, poder público e interessados. Mídias de maior aceitação entres os idosos que frequentam o Desafio de Cururu, o rádio e a TV poderiam ser interlocutores desta cultura por serem atualmente de fácil acesso e manipulação, proporcionando o aumento da visibilidade da arte.

Além do poder público, os meios de comunicação, como rádios, jornais, revistas, TV's, podem ser provocados quanto ao seu fundamento inicial de promover as culturas locais, o que não vem acontecendo em razão da globalização cultural que transformou tudo em

produto e que coloca qualquer produção como objeto de comercialização, além daquilo que somente gera audiência é que recebe incentivo financeiro.

A divulgação dos eventos relacionados em TV e rádio, de acesso fácil e popular, pode construir novas pontes culturais, fortalecendo e promovendo a troca de experiências e, possivelmente, aumentando apresentações de cantadores, melhorando a comunicação entre os elementos envolvidos, oriundos de diferentes cidades. Assim, os ouvintes e telespectadores ao serem abordados por algo tão próximo poderão conhecer e se reconhecer, assimilar e compartilhar os conhecimentos adquiridos.

O avanço conseguido com aprovação da lei que determina um dia específico para lembrança, homenagem e promoção do Cururu em Sorocaba não pertence mais ao poder público da cidade, tampouco aos idealizadores, pertence à comunidade que poderá servir como referência para este argumento cultural e para outros fins similares. Acreditamos que a transformação ocorrida por meio desta iniciativa, demais desenvolvimentos e resultados futuros servirão de inspiração, iluminação ou advertência para outra praticas semelhantes, que poderão movimentar tanto esta, como outras propostas.

Acreditamos que o interesse popular (e científico), em entender situações, processos sociais, produzir novos processos que, por fim, podem incidir na mudança das estruturas. Obviamente que ainda há o questionamento quanto ao futuro dessa tradição, principalmente no que engloba o desempenho do domínio e da opressão masculina.

Questionamos, quais serão os próximos caminhos que serão trilhados pelos cantadores nesta situação machista? Quais os rumos a respeito da renovação de repentistas do Desafio de Cururu, tanto masculino, feminina ou da diversidade social?

Os cururueiros experientes da nova geração, a comunidade, os mobilizadores sociais entrarão no caminho adequado para que o Desafio de Cururu se mantenha vivo?

Se os envolvidos abandonarem a cultura emocional, a respeito do sagrado, o territorialismo, para pensar de forma racional e coletiva, esta tradição poderá ser reconhecida entre os mais novos?

Observamos que o Cururu na área rural era ferramenta comunicacional da Igreja Católica para levar aos fiéis a palavra da própria instituição de forma facilitada, cantada, para que todos pudessem entender, independente da formação escolar, isso não poderia ser utilizado também na rede de ensino público para despertar interesses?

Outras formas de transmissão de conhecimento, por exemplo, encontros comunitários, agregaria possibilidades de desenvolvimento desta arte?

Enfim, mais do que respostas, esse estudo levantou novas frentes e possibilidades de pesquisas. Esperamos apenas que a pesquisa e as iniciativas apresentadas possam contribuir para novos trabalhos de proteção e desenvolvimento cultural do Desafio de Cururu.

Em tempo, salientamos que em Sorocaba, em 2018, foi criada pela Secretaria de Cultura da cidade de Sorocaba uma orquestra de violeiros, possibilitando o ensino e manuseio da viola, o que representa um avanço. Lembramos que uma das propostas da lei apresentada para comemoração do Dia do Cururu, aventava a possibilidade da promoção de cursos gratuitos de viola caipira na cidade.

O tempo trará o reflexo dessas atitudes ativistas.

REFERÊNCIAS

ADORNO E HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento** - Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALLEONI, Olívio N. **Cururu em Piracicaba**. Disponível em: - http://oalleoni.blogspot.com/2008/11/cururu-em-piracicaba.html - Acesso em: 09 de out. de 2018.

ALLEONI, Olívio N. **Cururu em Piracicaba**. Piracicaba. Degaspari, 2006.

ANDRADE, Julieta Jesuína Alves de. **Cururu:** espetáculo de teatro não-formal poético musical e coreográfico**:** um cancioneiro trovadoresco do Médio Tietê, SP. dissertação apresentada como exigência para a obtenção do título de doutor em artes (artes cênicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992. Disponível em: http://bdpi.usp.br/single.php?_id=000735470 - Acesso em: 24 de out. de 2018.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional II**. Danças, recreação e música. São Paulo. Martins Fontes, 2004.

AZEVEDO, Dermi. **Desafios estratégicos da Igreja Católica.** *lua nova*[online]. 2003, n.60, pp.57-79 - http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452003000300004&script=sci_abstract&tlng=pt. - Acesso em:19 de mar. de 2019.

BARROS, Laan Mendes de. **Comunicação em tempos de midiatização** [recurso eletrônico] / organizadores, Barbara Heller, Carla Reis Longhi. – São Paulo: Intercom, 2013. 181 p.: il. – (coleção gp's: grupos de pesquisa; vol.11). Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/6f63aa0af7fae08ba1d093f7f2f324a2.pdf - Acesso em: 15 out. de 2018.

BELTRÃO, Luiz, QUIRINO, Newton de Oliveira. **Subsídios para teoria da comunicação de massa**: São Paulo: Summus, 1986.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** A comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

BENTINHA, Nhá. GAROTO, Cido. **Cururu eguinha pocotó**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mpGxnQwW9Kc - Acesso em: 01 de dez. de 2017.

BIANCHINI, Alice. Por que algumas mulheres não denunciam seus agressores? Disponível em: https://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/121813993/por-que-as-mulheres-nao-denunciam-seus-agressores-com-a-palavra-a-sociedade - Acesso em: 15 de jul. de 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** - a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro. BestBolso, 2017.

BRASIL, BR. Anatel. **Agência nacional de telecomunicações**. Disponível em: https://sistemas.anatel.gov.br/easp/Novo/Consulta/Tela.asp?OP=E&SISQSmodulo=16587 - Acesso em: 07 de set. de 2018.

BRASIL, BR. departamento intersindical de estatística e estudos socioeconômicos. salário mínimo em 2018 no Brasil. Disponível em: https://www.dieese.org.br/notatecnica/2018/notaTec188SalarioMinimo.html - Acesso em 06 de jul. de 2018.

BRASIL, BR. **Ligue 180 recebeu mais de 72 mil denúncias de violência contra mulheres no primeiro semestre.** Brasília, 7 ago. 2018. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2018/08/ligue-180-recebeu-mais-de-72-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulheres-no-primeiro-semestre - Acesso em 30 de nov. de 2018.

BRASIL, BR. Senado Federal. **Panorama da violência contra as mulheres no Brasil.** Brasília, 2016. Disponível em: http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf - Acesso em 30 de nov. de 2018.

BRASIL, D. **O Pacto dos Violeiros.** Revista música brasileira. Rio de Janeiro, 29 jun. 2010. Disponível em: http://www.revistamusicabrasileira.com.br/especial/o-pacto-dos-violeiros - Acesso em: 10 de out. de 2018.

BRASIL, IBGE. **Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem.** agência de notícias IBGE, 7 mar 2018. Brasília, 2018. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem.html - Acesso em: 10 de jul. de 2018.

BRASIL, PNUD. **Programa das nações unidas para o desenvolvimento.** Relatório pnud destaca grupos sociais que não se beneficiam do desenvolvimento humano. Brasil, 2016. Disponível em: http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2017/03/21/relat-rio-do-pnud-destaca-grupos-sociais-que-n-o-se-beneficiam-do-desenvolvimento-humano.html - Acesso em: 18 de mai. 2018.

BRASIL, BR. Lei 11340 de 7 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. Disponível em: https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340 - Acesso em 23 de jul. de 2018.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas hibridas.** São Paulo: Edusp, 2000.

CIDO GAROTO**. Rima do A, com Cido Garoto.** Laranjal Paulista, 2007. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xYfZMwLp75g - Acesso em: 14 de mar. de 2019.

CIDO GAROTO**. Rima São João, com Cido Garoto.** Sorocaba, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OCD5gj9PY4I - Acesso em: 14 de mar. de 2019.

CIDO GAROTO**. Rima São Vicente, com Cido Garoto.** Sorocaba, 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OtkPUpCDmHY - Acesso em: 14 de mar. 2019.

CORDEIRO, Débora Cristina da Silva. **Porque as mulheres não denunciam seus agressores?** Juiz de Fora, 2016. Disponível em: http://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/DEBORA-CRISTINA-DA-SILVA-CORDEIRO.pdf - Acesso em: 26 de jun. de 2018.

D'ELBOUX, Paulo César. **A história do cururu em Santa Bárbara**. Santa Bárbara d'Oeste - São Paulo: PMSBO/SP, 2010.

DANTAS, Dayany Ferreira. **Sujeito mulher:** diáspora e performatividade na reinvenção da representação. Pernambuco,2010. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/837/775 - Acesso em: 02 de nov. de 2018.

DORNELLES, Beatriz; BIFFIGNANDI, Fernando. **A utilização de princípios da folkcomunicação e da educomunicação na busca do diálogo compreensível com comunidades de baixa renda.** Brasilia,2013. Disponível em: https://bdtd.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/5366/3606 - Acesso em: 02 de nov. 2018.

FATORELLI, Carlos. **Festa do divino espírito santo.** São Paulo, 2013. Disponível em: http://carlosfatorelli27013.blogspot.com/2013/03/festa-do-divino-espirito-santo-festa.html - Acesso em: 15 de ago. de 2018.

FERNANDES, Guilherme Moreira. **Folkcomunicação, mediação e ativismo midiático:** do líder de opinião ao ativismo midiático. São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/view/4730 - Acesso em: 10 de out. 2018.

GAROTO, Cido, BENTINHA, Nhá. Desafio caninha verde. Sorocaba, 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J3kJyA2arPM - Acesso em:14 mar. de 2019.

GARUTI, Aparecido. **Retratos de uma tradição**. Sorocaba: Crearte, 2003.

GOIÁS, Pirenópolis. **Festa do divino em Pirenópolis**. Disponível em: **https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino** - Acesso em: 14 Ago. de 2018.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes, FILHO, Gino Giacomini. Comunicação orgânica na sociedade. São Caetano. 2015. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=eDs8CwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=comunica%C3%A7a+organica+na+sociedade&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjp28il8qDhAhWKLLkGHW43DiEQ6AEIKzAA - Acesso em 01 de set. de 2018.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências.** João Pessoa. UFPB, 1995.

JORNAL IPANEMA. Sorocaba registra 900 casos de violência doméstica, divulga conselho da mulher**.** Sorocaba, 2018. Disponível em:

http://www.jornalipanema.com.br/policia/sorocaba-registra-900-casos-de-violencia-domestica-em-2018-divulga-conselho-municipal-da-mulher/ - Acesso em 12 de jan. de 2019.

LEMOS, Carolina Teles. **Religião, gênero e sexualidade: o lugar da mulher na família camponesa**. Goiânia: UCG, 2005.

LINS, Ivan. **A bandeira do divino.** São Paulo: EMI, 1978. Nos dias de hoje (4,03min). Disponível em: https://www.letras.com/ivan-lins/564265/ Acesso em: 25 jun. de 2018.

MADUREIRA, Alexandra Bittencourt et al. **Perfil de homens autores de violência contra mulheres detidos em flagrante: contribuições para o enfrentamento.** *Esc. Anna Nery* [online]. 2014, vol.18, n.4, pp.600-606. ISSN 1414-8145. http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20140085. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452014000400600&script=sci_abstract&tlng=pt - Acesso em 30 de nov. de 2018.

MARTINEZ, M.; LAGO, C.; LAGO, M. **Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil:** uma tênue relação. Porto Alegre, 2016. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22464 - Acesso em: 15 out. de 2018.

MCQUAIL, Dennis. **La accíon de los médios de comunicación**. Buenos Aires: Amorrorth, 1998.

MIÈGE, Bernard. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira:** da roça ao rodeio. São Paulo: Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Dennis de e SILVA, Fabiana Felix Amaral e. **Metodologias participativas na análise de experiências de movimentos sociais nas periferias latino-americanas.** Extraprensa, São Paulo, v. 11, n. esp., p. 02 – 05, jun. 2018. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/145188 - Acesso em: 23 de out. de 2018.

PAZETTI, Henrique Albiero. **A região do médio Tietê e os primeiros acordes paulistas:** o cururu. 2014. 115 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2014. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/123969 - Acesso em: 09 de out. de 2018.

PICHIGUELLI, Isabella, SILVA, Miriam Cristina Carlos. **Comunicação, poesia e o religare.** Brasília, 2017. Disponível em: https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/8776/5393 - Acesso em: 14 de set. de 2018.

PORTAL DO DIVINO. **Origem da festa do divino**. Disponível em: **http://www.portaldodivino.com/origem/origemdafesta.htm** - Acesso em: 14 de ago. de 2018.

PORTELA, Bruno de Oliveira Silva. O conceito religião no pensamento de Carl Gustav Jung. Juiz de Fora, 2014. Disponível em: http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/01/10-1-5.pdf - Acesso em 06 de Jul. de 2018.

QUEIROZ, Cristina Monteiro de, MIGUEL, Luís Felipe. Diferenças regionais e o êxito diferenças regionais e o êxito relativo de mulheres em eleições relativo de mulheres em eleições municipais no Brasil. Brasília, 2006. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000200003/7754 - Acesso em 10 de jan. de 2019.

RODRIGUES, Luiz Carlos. Dados pesquisa empírica Clube Barcelona. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/1LTpCbDcDNMuXFxm_m_LRWw7pi2QTtxwDu_bfSlNWoyo/edit - Acesso em: 01 dez. 2017.

RODRIGUES, Luiz Carlos. **Programa Foco, com Cido Garoto**. Sorocaba, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fIN52GwmnsM - Acesso em: 02 de mar. de 2018.

RODRIGUES, Luiz Carlos. **Programa Foco, com Nhá Bentinha.** Sorocaba, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vOqW2UIYsKc - Acesso em: 03 de mar. de 2018.

SANTA CATARINA, RS. Tribunal de justiça de Santa Catarina. **Origem da lei Maria da Penha**. Santa Catarina, 2009. Disponível em: https://tj-sc.jusbrasil.com.br/noticias/973411/saiba-mais-sobre-a-origem-da-lei-maria-da-penha-2 - Acesso em: 23 de jul. de 2018.

SANTA ROSA, Sérgio. **Prosa de cantador**. São Paulo: FEPAF, 2007.

SANTANA, Ricardo Antônio Ferreira. **Análise da preservação do cururu nas rádios de Piracicaba** - SP. São Paulo, 2007. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-23072009-203649/publico/5064773.pdf - Acesso em: 15 de mar. de 2018.

SANTOS, Elisângela de Jesus. **Entre improvisos e desafios:** do cururu como cosmovisão de grupos caipiras do Médio Tietê, SP, 339 f. (tese de doutorado em ciências sociais) programa de pós-graduação em ciências sociais da faculdade de ciências e letras da Universidade Estadual Paulista, UNESP, Araraquara, 2013. Disponível em: https://bv.fapesp.br/pt/publicacao/104451/entre-improvisos-e-desafios-do-cururu-como-cosmovisao-de-g/ - Acesso em: 05 de mai. de 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal**.** Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro, SILVA, Paulo Celso. Comunicação e mídia na teoria crítica: algumas considerações. **Revista interamericana de comunicação midiática.** Santa Maria, v. 11, n. 22, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/7096/pdf - Acesso em: 10 de nov. de 2018.

SEPER, F.; HAMER, J. O Lugar da mulher na sociedade moderna e na Igreja. **Vaticano**. Roma. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19761015_inter-insigniores_po.html - Acesso em: 15 de jul. de 2018.

SILVA, Paulo Celso da. **De novelo de linha a manchester paulista** – fábrica têxtil e cotidiano no início do século XX em Sorocaba / Silva, Paulo Celso da. Organização de Neide Maria Perez – Sorocaba :Teaser Design, 1999. Disponível em: http://bdpi.usp.br/single.php?_id=000741288 - Acesso em: 15 de out. de 2018.

SOROCABA, SP, lei 7.803. **Câmara municipal de Sorocaba.** Denominação de nome de rua Benedito Garutti. Sorocaba, 2004. Disponível em: http://www.camarasorocaba.sp.gov.br/sitecamara/proposituras/verpropositura?numero_propositura=7083&tipo_propositura=1 - Acesso em: 07 de set. de 2017.

SOROCABA, SP, lei 853. **Câmara municipal de Sorocaba.** Isenção de impostos de jogos e diversões públicas. Sorocaba, 1961. Disponível em: **http://www.camarasorocaba.sp.gov.br/sitecamara/proposituras/verpropositura?numero_propositura=853&tipo_propositura=1** - Acesso em: 07de set. de 2017.

SOROCABA, SP. **Câmara municipal de Sorocaba**. Sessão solene em homenagem aos cururueiros. Sorocaba, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=afrg3eLHe_8&t=4590s - Acesso em: 15 de jul. de 2018.

SOROCABA, SP. Proposituras Câmara municipal de Sorocaba. Disponível em: http://www.camarasorocaba.sp.gov.br/sitecamara/proposituras/listarproposituras - Acesso em: 05 de jun. de 2017.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático.** João Pessoa: Universitária, 2008.

APÊNDICE A

Formulário pesquisa empírica pelo *Facebook* - Clube Barcelona

Perguntas

O Cururu em Sorocaba

Este é uma pesquisa online para utilização para fim de estudo do Cururu na Cidade de Sorocaba. Por favor, responda as perguntas se realmente participa, gosta, fomenta ou é parte deste movimento.

*Obrigatório

O Cururu em Sorocaba

Você que gosta, prestigia ou está ligado direta o indiretamente ao Desafio de Cururu na cidade de Sorocaba, pode responder estas perguntas para fins acadêmicos?

1. **Como você acompanha o desafio de Cururu?** *
   Marcar apenas uma oval.
   - ( ) Por Rádio Convencional
   - ( ) Pelo Youtube
   - ( ) Pelo Facebook
   - ( ) Por TV paga
   - ( ) Nos shows ao vivo
   - ( ) Aplicativo de celular
   - ( ) Rádio Web

2. **Você é?** *
   Marque todas que se aplicam.
   - [ ] Homen
   - [ ] Mulher
   - [ ] Outros

3. **Mora em qual cidade?**

4. **Qual sua idade?** *
Marcar apenas uma oval.

- Entre 10 e 20 anos
- Entre 20 e 30 anos
- Entre 30 e 40 anos
- Entre 40 e 50 anos
- Entre 50 e 60 anos
- Entre 60 e 70 anos
- Entre 70 e 80 anos
- Entre 80 e 90 anos
- Entre 90 e 100 anos

5. **Você tem smartphone?** *
Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Telefone comum

6. **Tem internet com TV a cabo em casa?** *
Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

7. **Como você vai ao show de Cururu?** *
Marcar apenas uma oval.

- De carro
- De ônibus
- A pé
- Carona
- Táxi
- Uber

8. **Gostaria de ouvir mais Cururu nas rádios?** *

9. **Em qual rádio gostaria de ouvir?** *

10. **Qual sua sugestão para que o Cururu pudesse ficar melhor?** *

Powered by Google Forms

Respostas

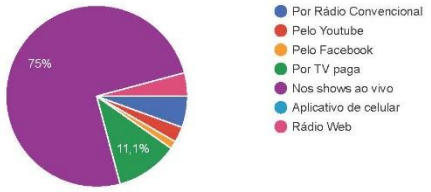
O Cururu em Sorocaba

72 respostas

O Cururu em Sorocaba

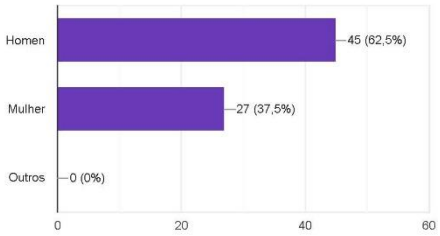
Como você acompanha o desafio de Cururu?

72 respostas



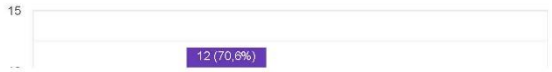
Você é?

72 respostas



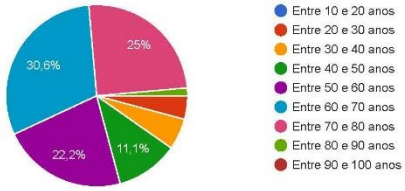
Mora em qual cidade?

17 respostas



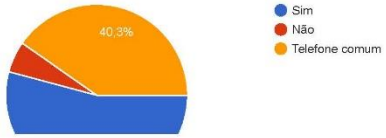
Qual sua idade?

72 respostas



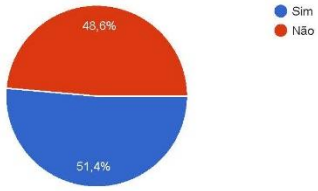
Você tem smartphone?

72 respostas



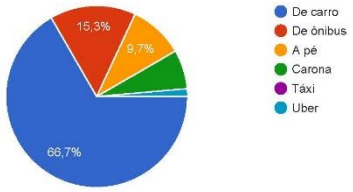
Tem internet com TV a cabo em casa?

72 respostas



Como você vai ao show de Cururu?

72 respostas



Gostaria de ouvir mais Cururu nas rádios?

72 respostas

sim

Sim

Sim, gostaria

Gostaria , de primeiro tinha na rádio

Vejo sempre

Eu gostaria, faz falta, ta acabando

Quando tem no rádio não perco, enquanto não termina não desligo o rádio

nao

Gostaria, claro que gostaria.

Gostaria poO cururu é uma coisa mais linda, tenho cds, queria ouvir nas rádios

Sempre gostei de ouvir na rádio

não tenho ouvido mais , não tem

Eu escutava nas rádios , agora não tem mais

Gostaria se voltasse

Gostaria, porque nas rádio está esquecido, está apresentado mais ao vivo

ao vivo é melhor

Sim, bom, muito bom

Sim, Gostaria

Antigamente tinha, mais os locutores morreram, acho até mais bonito na rádio

Eu gostava muito de ouvir na Rádio quando o Darcy Reis era vivo, eu ia lá

Sim, seria bom

Eu escuto na rádio de Votorantim na Nova Tropical

Sim, gostaria, cultura né

Sim , alem da TV seria bom, sempre valorizar o Cururu

Gostaria, o Cururu tá acabando

Sim, seria diferente

Oh seria bom

Gostaria

No rádio é bom

Sem dúvida, lógico. Escutar o cururu na radio era trazer o cururu de volta do que foi no passado

Gostaria

Onda verde fm

Sira

A nossa cultura do cururu teria que ter mais espaço

sim , era interessante.Fica em casa trabalhando e ouvindo

Tanto faz. O marido que gosta mais

sim.

Prefere ao vivo,. a Emoção está ao vivo.

Sim, gostaria, mas não tem mais. Tinha na rádio Cacique

Sim. Na Radio Cacique

Sim. Queria apresentar um Cururu em rádio

Com certeza. É uma das coisas que o radio não deu contribuição de valorizar o cururu que é nosso.

Sim. Pois eu gosto de cururu. As vezes tenho alguma coisa pra fazer e nõa pode ir, então gostaria de ouvir em casa.

Sim. No rádio quase não ouço. As rádios não divulgam muito.

Sim. era tão bom quando tinha.

Sim. se tivesse serai bom. Acompanhei na Cacique quando tinha.

Sim. Tanto ao vivo quanto ao vivo. Tem fita de cururu e ouve sempre.

Sim. Eu escutava na Cacique. não tem mais

Sim. Seria bom. o último cururu que teve foi na Cacique.

Sim. Seria bom, ouvir o Cururu em um domingo de manhã, assistir ao vivo na rádio.

Em qual rádio gostaria de ouvir?

72 respostas

Cacique

Cacique FM

Cacique AM ou FM

Onda verde fm

Todas

Cruzeiro fm

Vanguarda Fm

Rádio Cacique, pela tradição

radio tropical em votorantim

Radio Cacique, Canal 10 Votorantim

qualquer rádio FM

Nova Tropical Votorantim

nenhuma

Cacique, Vanguarda

cacique am

cacique AM e FM

Moro em Piedade e gostaria de ouvir na Cacique e na Vanguarda

Cacique AM

Sou de Piedade, queria ouvir pela Cacique de Sorocaba que pega lá

Vanguarda AM

Cacique, Top FM, Vanguarda

Vanguarda, Cacique

não sabe

Qualquer rádio que sintonize bem

qualquer FM

Cacique FM e Top FM

Top e Cacique FM

Não ouve rádio

cacique fm

Radio Cacique

Antigamente era na Cacique , mas não escolho , pode ser em qualquer uma

Cacique, que pega bem

Moro em Araçoiaba, melhor seria na Cacique

Em Araçoiaba da Serra pega melhor a cacique

Eu gostava muito da Cacique, inclusive fui muito lá

Top, Cacique

Cacique Fm

Qualquer rádio FM

Sem preferência, pode ser na Cacique

Antigamente era na Cacique, lá seria bom por ter musica sertaneja

Cacique, Top

Radio Cacique, é tradição

Rádio Portofelicense

Rádio cacique

cacique

A M a trans missão é muito ruim teria ter espaço nas FM

Cacique ou Vanguarda

Vanguarda

nao sabe

Cacique. Quando era pequeno a mãe levava na rádio.

NAs FMs, Ipanema,Cruzeiro, Cacique

Cacique ou outra qualquer

Cacique e pode ser Vanguarda>,

Vanguarda

Qual sua sugestão para que o Cururu pudesse ficar melhor?

72 respostas

já está ótimo

Ter mais jovens cantando

Mais espaço nas rádios pra gente ouvir em casa

Melhor som

ter mais gente

A gente que gosta e canta a luta da gente é pra aprimorar. Acho que podia ter Cururu nos Coretos e nas praças, como tem no Proac que os prefeitos leva pra o povo ouvir

por ser cultura, deveria ter mais incentivo do governo

Tem que fazer sempre Cururu e trazer cantador bão. Os bão já morreu tudo

já está bom!

Selecionar bairros e levar para que as pessoas possam conhecer

ter mais Cururu na rádio

mais locais para apresentação de Cururu

nenhuma

Teria que divulgar mais, porque o Cururu ta acabando. Fazer em mais lugares o Cururu

ouvir mais na rádio

mais divulgacão e mais cururu nos bairros

já está perfeito

Bom, eu acho que o Cururu, vai depender da competência dos violeiros, dos cantores. Cantar é uma coisa séria, de interpretar bem, tocar bem a viola, no tempo certo, entrada certa, o pessoal precisa treinar.

tenha mais divulgacão

Olha, ta chique do jeito que tá.

ter mais shows de cururu no mês

Teria que melhorar muito, o povo dar mais atenção, ir mais no Cururu

ter mais divulgação

não tenho não

No momento não tenho nenhuma, faz dez anos que participo do Cururu

Levar mais para o programa de TV

Na realidade, está bom mas precisa continuar a tradição. mas do jeito que ta indo a juventude não esta participando e pode acabar o Cururu

Não tenho sugestão , mas quero que melhore

ja esta bom

Eu acho que tá muito bom, gostaria que o Cururu fosse mais cedo, como foi hoje 24/09

Do jeito que tá, tá bom.

Começar mais cedo, nós somos de idade e fica difícil pra gente. Hoje foi horário bom. Difícil pra pegar ônibus pra ir embora.

Mais divulgação possível, a rádio divulga mais.

Tá bom assim

Ta bom assim

Devia ser mais divulgado no rádio, na rua, carro de som. Meu pai era cantador João Mineiro.

Não tenho

Pra mim tá de bom tamanho

Tinha que tinha mais união e acabar com a política. Política do Cururu, muita falta de consideração entre os cantadores

Colocar o Cururu nos curriculo escolar, divulgar nas escolas, se fala de quilombo, história da cidade , poderia falar do Cururu, pra que as crianças pudessem conhecer.

Pra melhorar o Cururu é só ser divulgado

Mais cantores na cidade cantando o Cururu, nossa cidade é grande

Mais espaço para o Cururu

O Cururu não precisa melhorar, precisa de oportunidade de cantar , lugares, divulgação. Os cururueiro são fáceis de lidar. Quem escutar uma vez o Cururu, vai gostar sempre.

Os cantador que tem que melhorar, Os cantadores não dá bola , canta bêbado.

Mais divulgação já que infelizmente uma tradição que está se extinguindo.

Mais desafios

Mais shows e divulgação

Ser mais bem divulgado

Um bom patrocíniador

Mais espaço nas mídias

incentivo mais torneios municipais , valorizar os mais velhos e mostrar para os mais novos , eu tenho o meu padrasto curueiro , eu sou Beto Carrero de Ceário Lange , conte comigo meu telefone 996608400

Deveria ter mais, em outros lugares

Esta tudo bem. Gosta de ir no Barcelona

Gostaria que tivesse mais cururu na cidade

Ta bom assim.

Gostaria que tivesse mais jovens cantando o cururu pra não acabar com a tradição.

Gostaria que tivesse mais cururu ao vivo nos bairros, nas rádios , pois tem gente que não pode ir ao clube ver ao vivo. Mora no São Bento e muita gente não sabe o que é o Cururu, seria importante ir aos bairros para as pessoas conhecerem.

Ta bom. Seria bom mais cururueiros de fora

Eu acho falta da divulgação. Alguns fazem o Cururu e não me avisam, assim não consigo ajudar a divulgar. Não vejo ninguém divulgando. os Amigos não compartilham os eventos, assim as pessoas não sabem. Fui em Tatuí, e vi em cartaz, tirei um foto e divulguei. As pessoas não divulgam , não sabem o valor da propaganda. O cururu tem que marcar presença.

Se tivesse entrevistas nas rádios com os cururueiros, divulgasse despertaria a curiosidade dos mais jovens. Levar Cururu para os bairros. A secretaria de Cultura poderia oxigenar essa cultura para que os jovens pudessem conhecer e dar seguimento a essa tradição. nos dez anos que acompanha o cururu destaca o Radialista Nercy José que insiste em levar o cururu pra frente. Ele vem segurando essa bandeira para elevar o cururu.

Tá ótimo assim

Precisa ser mais divulgado. Mas tá bom assim

Divulgar mais e fazer show calouros pra que possa surgir novos talentos. muitos até tem vontade , mas não tem chance.

Tivesse mais programas de rádio. É um negocio antigo que precisava continuar.

Ta bom assim. Que continue assim . O ambiente é bom

Colocar nas rádios para melhorar a divulgação , audiência, e mais gente nos eventos.

Precisa aparecer cururueiro "mais bom". Não tem renovação, somente o Carlotinha de Porto Feliz e o Andinho de Votorantim. Prometem ! Juventude não se interessa. Cururu sempre foi pra mais idade. Tenho medo dessa tradição acabar, o véios estão indo embora, pra outra dimensão. Na região, Laranjal tem uns de 40 , 45 cantando. Lá eles tem mais vontade.
Em Sorocaba acho que não cria mais ninguém. não tem mulher pra cantar com a Bentinha. Cururu é uma tradição que está só regredindo.

O cururu não é para qualquer um, se não tiver dom não vai. Cantam moda de viola, mas não tem coragem de aprender. Se tivessem mais pessoas interessadas seria bom . Não tem escola, tem que tem dom. Aqui em Sorocaba muito não tem. EM Porto Feliz tem um dom , o Carlotinha. O Andinho em Votorantim, que tem banda de rock e tem o dom de cantar o cururu. Falta gente pra canta. Os cantadores velhos as vezes erram, eu já tentei cantar e não consegui, Entendo de cururu, mas não sei cantar. Coisa gostosa é ver as pessoas de alguns lugares que não conhece prestar atenção no cururu.

Mais show

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço

Google Formulários

ANEXOS

ANEXO A

Publicação da lei do Dia do Cururu em Sorocaba:
Data: 03/01/2018

10/08/2018 Impressão de Propositura

Lei Ordinária nº : 11654 **Data :** 03/01/2018

Classificações : Datas Comemorativas/Conscientização

Ementa : Institui o "Dia do Cururu" em Sorocaba, a ser celebrado no dia 19 de julho.

LEI Nº 11.654, DE 3 DE JANEIRO DE 2018

Institui o "Dia do Cururu" em Sorocaba, a ser celebrado no dia 19 de julho.

Projeto de Lei nº 230/2017 – autoria do Vereador JOÃO PAULO NOGUEIRA MIRANDA

A Câmara Municipal de Sorocaba decreta e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o "Dia do Cururu" no município de Sorocaba, a ser comemorado, anualmente, no dia 19 de julho.

Art. 2º O "Dia do Cururu" fica incluído no Calendário Oficial de Eventos do município de Sorocaba.

Art. 3º O Poder Executivo poderá promover divulgação do "Dia do Cururu", relembrando a data com apresentações públicas, exposições e outros.

Art. 4º As despesas com a execução da presente Lei ocorrerão por conta de verba orçamentária própria.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Tropeiros, em 3 de janeiro de 2 018, 363º da Fundação de Sorocaba.
JOSÉ ANTONIO CALDINI CRESPO
Prefeito Municipal
GUSTAVO PORTELA BARATA DE ALMEIDA
Secretário dos Assuntos Jurídicos e Patrimoniais
ERIC RODRIGUES VIEIRA
Secretário do Gabinete Central
Publicada na Divisão de Controle de Documentos e Atos Oficiais, na data supra.
VIVIANE DA MOTTA BERTO
Chefe da Divisão de Controle de Documentos e Atos Oficiais

Este texto não substitui o publicado no DOM de 05.01.2018

http://www.camarasorocaba.sp.gov.br/sitecamara/proposituras/verpropositura?impressao=true 1/1

ANEXO B

Lei publicada no Diário Oficial do Município de Sorocaba: Data: 05/01/2018

Jornal do Município Nº 1.934 Sorocaba, 05 de janeiro de 2018 3

LEIS

(Processo nº 13.128/2014)
LEI Nº 11.654, DE 3 DE JANEIRO DE 2018.

(Institui o "Dia do Cururu" em Sorocaba, a ser celebrado no dia 19 de julho).
Projeto de Lei nº 230/2017 – autoria do Vereador JOÃO PAULO NOGUEIRA MIRANDA.
A Câmara Municipal de Sorocaba decreta e eu promulgo a seguinte Lei:
Art. 1º Fica instituído o "Dia do Cururu" no Município de Sorocaba, a ser comemorado, anualmente, no dia 19 de julho.
Art. 2º O "Dia do Cururu" fica incluído no Calendário Oficial de Eventos do Município de Sorocaba.
Art. 3º O Poder Executivo poderá promover divulgação do "Dia do Cururu", relembrando a data com apresentações públicas, exposições e outros.
Art. 4º As despesas com a execução da presente Lei ocorrerão por conta de verba orçamentária própria.
Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.
Palácio dos Tropeiros, em 3 de janeiro de 2 018, 363º da Fundação de Sorocaba.
JOSÉ ANTONIO CALDINI CRESPO
Prefeito Municipal
GUSTAVO PORTELA BARATA DE ALMEIDA
Secretário dos Assuntos Jurídicos e Patrimoniais
ERIC RODRIGUES VIEIRA
Secretário do Gabinete Central
Publicada na Divisão de Controle de Documentos e Atos Oficiais, na data supra.
VIVIANE DA MOTTA BERTO
Chefe da Divisão de Controle de Documentos e Atos Oficiais
JUSTIFICATIVA:
O Projeto de Lei em tela tem por objetivo instituir o "Dia do Cururu" no Município de Sorocaba, a ser comemorado, anualmente, no dia 19 de julho.
Considerando que Sorocaba é uma das cidades participantes da cultura do desafio de Cururu, conhecido e desenvolvido em todo médio Tietê, São Paulo. De tradição religiosa e caipira, o desafio é acompanhado com viola, feito de rimas e improviso, com provocações e demonstração de conhecimento aos oponentes, vencendo aquele que tem mais argumentos do assunto e na linha escolhida.
O conteúdo apresentado nos meios de comunicação vem desfavorecendo o diálogo regional, dificultando a contato dos códigos e decodificações, abrindo precedentes de exclusão cultural, promovendo unificação de linguagem, trazendo conflitos de identidade, deixando as produções regionais e artesanais fora deste contexto.
A manifestação folclórica regional, hoje tem pouco espaço nas emissoras, alimentando o desconhecimento de culturas locais, por exemplo, a do desafio do cururu da cidade de Sorocaba, que na atualidade poucas pessoas incentivam para manter essa tradição e promover a renovação de cantores e violeiros.
Os eventos promovidos tem pouca presença de jovens e crianças, possivelmente por falta incentivo e estímulo à divulgação, o que pode acarretar o desinteresse de novos talentos e prosseguimento da tradição.
Considerando que o Cururu é uma antiga tradição cultural da região paulista do Médio Tietê e consiste em um desafio de versos improvisados entre cantadores ao som da viola caipira e que esta região está presente no Cururu, da mesma maneira em que o Cururu é parte fundamental da constituição desta região, a difusão da sua história poderia ajudar no renascimento e surgimento de novos talentos.
O respeito adquirido pelos cururueiros elevaram o nome de Sorocaba e por onde passaram, cantaram deixando marcas de alegria, familiaridade, espontaneidade, desembaraço, simplicidade e simpatia, o que poderia ter reciprocidade neste momento de dificuldade. A produção de novos conhecimentos sobre cururu poderia trazer relevantes ganhos culturais da nossa cidade.
Diante do exposto, tendo em vista a relevância do cururu para a cidade de Sorocaba, é fundamental que ele receba o reconhecimento da sociedade, o que justifica propor o Projeto de Lei em análise, o qual busca instituir o "Dia do Cururu" no Município de Sorocaba.
Certo da importância desta proposição, conto com o apoio de todos meus Pares para sua aprovação.

(Processo nº 38.302/2017)
LEI Nº 11.655, DE 3 DE JANEIRO DE 2018.

(Dispõe sobre a obrigatoriedade do diploma de técnico em radiologia ou tecnólogo em radiologia, para a operação de equipamentos e fontes emissoras de radiação corpuscular e eletromagnética, bem como o devido uso de equipamentos de proteção individual para o cuidado, preservação e zelo da saúde do paciente/cliente, profissionais envolvidos na empregabilidade destas no Município de Sorocaba e dá outras providências).
Projeto de Lei nº 223/2017 – autoria do Vereador LUIS SANTOS PEREIRA FILHO.
A Câmara Municipal de Sorocaba decreta e eu promulgo a seguinte Lei:
Art. 1º Os operadores de equipamentos e fontes emissoras de radiação ionizantes corpuscular e eletromagnética, espectro ionizante e radiofrequência, ficam obrigados, no âmbito do Município, a comprovar formação específica na área de radiologia, de nível técnico ou graduado em radiologia, tecnólogo em radiologia, com a devida inscrição no Conselho Regional dos Técnicos e Tecnólogos em Radiologia - CRTR/SP.
Parágrafo único. Para os devidos efeitos desta Lei e em conformidade com a Lei Federal nº 7.394, de 29 de outubro de 1985, conceitua-se o Técnico e Tecnólogo em Radiologia, como tal, todos os operadores de equipamentos e fontes emissoras de radiação corpuscular, eletromagnética, espectro ionizante e radiofrequência, profissionalmente, que executam as técnicas:
1. No âmbito da conformidade das imagens médicas:
a. Densitometria óssea;
b. Radiologia cardiovascular e intervencionista;
c. Tomografia computadorizada;
d. Ressonância magnética;
e. Mamografia;
f. Medicina Nuclear;
g. Radiografias.
2. No âmbito da Rádio-Oncologia:
a. Dosimetria;
b. Administração da dose terapêutica.
3. No âmbito de ensaios não destrutivos:
a. Indústria;
b. Portos e aeroportos;
c. Controle de fronteiras;
d. Controle de cargas;
e. Controle de penitenciárias.
4. No âmbito da conformidade das imagens médicas veterinárias:
a. Radiografias;
b. Tomografia computadorizada;
c. Ressonância magnética.
5. No âmbito da conformidade das imagens odontológicas:
a. Radiografias;
b. Tomografia computadorizada de feixe cônico.
Art. 2º Para cumprimento do disposto nesta Lei fica vedada a substituição do técnico ou tecnólogo em radiologia por qualquer outro profissional.
Art. 3º Para a operação dos equipamentos referidos no art. 1º, será obrigatório o uso de equipamentos de proteção individuais - EPI, sendo aplicáveis a Portaria da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa nº 453 de 1º de junho de 1998 e a Resolução do Conselho Nacional de Técnicos em Radiologia – Conter nº 21 de 27 de dezembro de 2006.
Art. 4º O não cumprimento da obrigatoriedade instituída no caput do art. 1º e demais dispositivos, sujeitará os infratores às seguintes penalidades:
I - advertência, na primeira ocorrência, devendo sanar a irregularidade no prazo de 30 (trinta) dias;
II - se estabelecimento privado, multa de R$ 2.000,00 (dois mil reais), em caso de reincidência a multa será dobrada em cada outra reincidência, até o limite de R$ 50.000,00 (cinquenta mil reais);
III - revogação de alvarás de funcionamento em caso de descumprimento após aplicadas as penalidades descritas nos incisos I e II;
IV - se órgão público, o afastamento do dirigente e aplicação das penalidades previstas na legislação.
Parágrafo único. Competirá ao órgão gestor da saúde da localidade em que estiver situado o estabelecimento a aplicação das penalidades de que trata este artigo, conforme estabelecer a legislação própria, a qual disporá, ainda, sobre a aplicação dos recursos dela decorrentes.
Art. 5º Torna obrigatória a afixação de cópia do Diploma do Curso de Radiologista no local de trabalho do profissional.
Art. 6º As despesas com a execução da presente Lei correrão por conta de verba orçamentária própria.
Art. 7º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.
Palácio dos Tropeiros, em 3 de janeiro de 2 018, 363º da Fundação de Sorocaba.
JOSÉ ANTONIO CALDINI CRESPO
Prefeito Municipal
GUSTAVO PORTELA BARATA DE ALMEIDA
Secretário dos Assuntos Jurídicos e Patrimoniais
ERIC RODRIGUES VIEIRA
Secretário do Gabinete Central
ADEMIR HIROMU WATANABE
Secretário da Saúde
Publicada na Divisão de Controle de Documentos e Atos Oficiais, na data supra.
VIVIANE DA MOTTA BERTO
Chefe da Divisão de Controle de Documentos e Atos Oficiais
JUSTIFICATIVA:
Este Projeto de Lei regulamenta legislação federal que torna obrigatório o diploma de Técnico em Radiologia ou Tecnólogo para a operação de equipamentos, fontes emissoras de radiação ionizante corpuscular e eletromagnética, bem como o devido uso de equipamentos de proteção individual para o cuidado, preservação e zelo da saúde do paciente/profissionais.
Considerando AUDIÊNCIA PÚBLICA de autoria deste Vereador que discutiu a necessidade de diploma para profissionais de radiologia, bem como discutiu o mau uso da radiação, apresentando a proposta deste projeto de sua autoria que torna obrigatório o diploma de técnico em radiologia para atuar na área conforme solicitação da classe.
O perigo do mau uso da radiação ionizante e seus similares foi o objetivo da audiência pública na Câmara Municipal de Sorocaba, realizada na noite de terça-feira, 5, por iniciativa do vereador Luis Santos. Lembrando que o Brasil foi palco do maior acidente radiológico do mundo, – o acidente com o césio-137, ocorrido em Goiânia, em 1987, – o Ministério da Saúde estima

ANEXO C

Divulgação da lei no site da Câmara municipal De Sorocaba:
Data: 09/01/2018

10/08/2018 Câmara Municipal de Sorocaba

Pesquisa no Site :

Principal >
Vereadores >
Matérias Legislativas
Legislação >
Notícias
Ordem do Dia
Ordens do Dia até NOV 2016 >
Concurso Público Nº 01/2013
Tribuna Popular
Memorial
Licitações
Finanças >
Escola do Legislativo
Ranking Procon
Consumidor Procon
CVV
Agenda
Fale Conosco
Como Chegar
Acesso Interno

Procura de Leis :
Número da Lei : ok
Pesquisa Geral

<< voltar

Curtir Compartilhar Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

09/01/2018 11:46

Publicada lei que institui no calendário oficial do município o "Dia do Cururu"

De autoria do suplente de vereador JP Miranda (PSDB), a Lei 11.654 tem como objetivo valorizar e preservar o "cururu" – manifestação folclórico-musical da região do Médio-Tietê

O "Dia do Cururu", a ser comemorado anualmente no dia 19 de julho, passa a integrar o calendário oficial de Sorocaba. É o que estabelece a Lei 11.654, de 3 de janeiro de 2018, de autoria do suplente de vereador do PSDB (não mais em exercício) JP Miranda, publicada na edição de 5 de janeiro último do Jornal Oficial do Município. A lei prevê que o Poder Executivo poderá promover divulgação e celebração do "Dia do Cururu" por meio de apresentações públicas, exposições, palestras, entre outras ações.

Manifestação do folclore paulista, sobretudo da região do Médio-Tietê, o cururu é um desafio musical improvisado, um combate poético, rimado, entre violeiros década de 1930, foi registrado pelo escritor Mário de Andrade em dezenas de municípios do interior de São Paulo. Na justificativa do projeto, o autor lembra qu origem na tradição religiosa e caipira, é "o desafio é acompanhado com viola, feito de rimas e improviso, com provocações e demonstração de conhecimento vencendo aquele que tem mais argumentos".

Prefeitura de Sorocaba — Governo do Estado de São Paulo — Governo do Brasil

Av. Eng. Carlos Reinaldo Mendes 2945 Alto da Boa Vista - CEP 18013-904
Pabx : (15) 3238-1111

http://www.camarasorocaba.sp.gov.br/sitecamara/noticias/vernoticia?paginaAtual=1&codigoNoticia=16372&tipoNoticia=&palavras=&diaInicial=&… 1/1

ANEXO D

Inserção eletrônica da lei no sistema da Prefeitura de Sorocaba: Data: 10/01/2018

Leis Municipais
www.LeisMunicipais.com.br

LEI Nº 11.654, DE 3 DE JANEIRO DE 2018.

Institui o "Dia do Cururu" em Sorocaba, a ser celebrado no dia 19 de julho.

(Processo nº 13.128/2014)

Projeto de Lei nº 230/2017 - autoria do Vereador JOÃO PAULO NOGUEIRA MIRANDA.

A Câmara Municipal de Sorocaba decreta e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o "Dia do Cururu" no Município de Sorocaba, a ser comemorado, anualmente, no dia 19 de julho.

Art. 2º O "Dia do Cururu" fica incluído no Calendário Oficial de Eventos do Município de Sorocaba.

Art. 3º O Poder Executivo poderá promover divulgação do "Dia do Cururu", relembrando a data com apresentações públicas, exposições e outros.

Art. 4º As despesas com a execução da presente Lei ocorrerão por conta de verba orçamentária própria.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Tropeiros, em 3 de janeiro de 2018, 363º da Fundação de Sorocaba.

JOSÉ ANTONIO CALDINI CRESPO
Prefeito Municipal

GUSTAVO PORTELA BARATA DE ALMEIDA
Secretário dos Assuntos Jurídicos e Patrimoniais

ERIC RODRIGUES VIEIRA
Secretário do Gabinete Central

Publicada na Divisão de Controle de Documentos e Atos Oficiais, na data supra.

VIVIANE DA MOTTA BERTO
Chefe da Divisão de Controle de Documentos e Atos Oficiais

Data de Inserção no Sistema LeisMunicipais: 11/01/2018

ANEXO E

Divulgação no *Facebook* da Câmara Municipal de Sorocaba: Data: 09/01/2018

Câmara Municipal de Sorocaba Curtir Página
9 de janeiro ·

PUBLICADA LEI QUE INSTITUI NO CALENDÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO O "DIA DO CURURU"

De autoria do suplente de vereador JP Miranda (PSDB), a Lei 11.654 tem como objetivo valorizar e preservar o "cururu" – manifestação folclórico-musical da região do Médio-Tietê.

O "Dia do Cururu", a ser comemorado anualmente no dia 19 de julho, passa a integrar o calendário oficial de Sorocaba. É o que estabelece a Lei 11.654, de 3 de janeiro de 2018, de autoria do suplente de vereador JP Miranda (PSDB), publicada na edição de 5 de janeiro último do Jornal Oficial do Município. A lei prevê que o Poder Executivo poderá promover divulgação e celebração do "Dia do Cururu" por meio de apresentações públicas, exposições, palestras, entre outras ações.

Manifestação do folclore paulista, sobretudo da região do Médio-Tietê, o cururu é um desafio musical improvisado, um combate poético, rimado, entre violeiros-cantadores. Na década de 1930, foi registrado pelo escritor Mário de Andrade em dezenas de municípios do interior de São Paulo. Na justificativa do projeto, o autor lembra que o cururu, com origem na tradição religiosa e caipira, é "o desafio é acompanhado com viola, feito de rimas e improviso, com provocações e demonstração de conhecimento aos oponentes, vencendo aquele que tem mais argumentos".

2 5 comentários 1 compartilhamento

Curtir Comentar Compartilhar

;

ANEXO F

Divulgação da lei no Jornal Ipanema:
Data: 09/01/2018

"Dia do Cururu" entra oficialmente no calendário de Sorocaba

09/01/2018

O "Dia do Cururu", a ser comemorado anualmente no dia 19 de julho, passa a integrar o calendário oficial de Sorocaba. É o que estabelece a Lei 11.654, de 3 de janeiro de 2018, de autoria do suplente de vereador do PSDB (não mais em exercício) JP Miranda, publicada no Jornal Oficial do Município.

A lei prevê que o Poder Executivo poderá promover divulgação e celebração do "Dia do Cururu" por meio de apresentações públicas, exposições, palestras, entre outras ações.

Manifestação do folclore paulista, sobretudo da região do Médio-Tietê, o cururu é um "desafio musical improvisado", um "combate poético", rimado, entre violeiros-cantadores.

Na década de 1930, foi registrado pelo escritor Mário de Andrade em dezenas de municípios do interior de São Paulo.

Na justificativa do projeto, o autor lembra que o cururu, com origem na tradição religiosa e caipira, é "o desafio é acompanhado com viola, feito de rimas e improviso, com provocações e demonstração de conhecimento aos oponentes, vencendo aquele que tem mais argumentos".

ANEXO G

Divulgação de evento do Cururu com apoio público:
Data: 14/06/2018

Prefeitura de SOROCABA

Agência Sorocaba de Notícias
GPE/SECOM

(http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/)

Show de Cururu acontecerá no Parque dos Espanhois

Por: Secom Sorocaba quinta-feira, 14 de junho de 2018 - 14h14

(http://www.facebook.com/share.php?u=http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/show-de-cururu-acontecera-no-parque-dos-espanhois/&title=Show de Cururu acontecerá no Parque dos Espanhois) (http://twitter.com/home?status=Show de Cururu acontecerá no Parque dos Espanhois+http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/show-de-cururu-acontecera-no-parque-dos-espanhois/) (https://plus.google.com/share?url=http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/show-de-cururu-acontecera-no-parque-dos-espanhois/) (http://www.linkedin.com/shareArticle?mini=true&url=http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/show-de-cururu-acontecera-no-parque-dos-espanhois/&title=Show de Cururu acontecerá no Parque dos Espanhois&source=http://http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/) (whatsapp://send?text=http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/show-de-cururu-acontecera-no-parque-dos-espanhois/) (http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/show-de-cururu-acontecera-no-parque-dos-espanhois/print/)

Os sorocabanos terão a oportunidade de conferir no dia 24 de junho, a partir das 17h, o "Show de Cururu" no Parque dos Espanhois. O evento contará com o apoio da Prefeitura de Sorocaba, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo (Secultur). A entrada é gratuita.

Coordenado por Nerci José Marcello, há mais de vinte anos o "Show de Cururu" reúne participantes de toda a região para uma competição de cantos, na qual o púbico decide o vencedor. De acordo com Nerci, "o programa é semanal e gravado uma vez por mês.

Nesta edição, a competição conta com quatro integrantes das cidades de Sorocaba e Porto Feliz. São eles: Natalino e Andinho Soares; e Cássio Carlota e Batistinha, com a participação da dupla de violeiros Carlos Caetano e Wagner e os pandeiretas Albertinho e Zé Parmito.

O Parque dos Espanhois está localizado na rua Campos Sales, s/nº, na Vila Assis. Mais informações pelo telefone (15) 3233-9809.

Tags:Cultura (http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/tag/cultura/)

Fotos (/galeria/)

veja mais ▸

Entrega de computadores para escola Monteiro Lobato
(http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/galeria/entrega-de-computadores-para-escola-monteiro-lobato/)

Secretário da Cultura do Estado de São Paulo visita Sorocaba (http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/galeria/secretario-da-cultura-do-es... sorocaba/)

Palestra portal da transparência (http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/galeria/palestra-portal-da-transparencia/)

Agência Sorocaba de Notícias
GPE/SECOM

(http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/)

Vídeos (/galeria/)

veja mais ▸

Audiência Pública-Plano de Reestruturação da Saúde-TV CÂMARA-11/04/18 (http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/audiencia-publica-plano-de-reestruturacao-da-saude-110418/)

Febre Amarela (http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/febre-amarela/)

Secretário de Mobilidade fala sobre ajuste na tarifa do transporte (http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/secretario-de-mobilidade-fala-sobre-ajuste-na-tarifa-do-transporte/)

ACESSO À INFORMAÇÃO (http://www.sorocaba.sp.gov.br/acesso-a-informacao/) CENTRAL DE ATENDIMENTO (http://www.sorocaba.sp.gov.br/atendimento) LICITAÇÕES (http://www.sorocaba.sp.gov.br/servicos/licitacoes) SERVIDORES (http://administracao.sorocaba.sp.gov.br/servidores/) TRANSPARÊNCIA (http://www.sorocaba.sp.gov.br/transparencia/)

Palácio dos Tropeiros
Av. Eng.º Carlos Reinaldo Mendes, 3.041
Alto da Boa Vista
CEP: 18013-280
(15) 3238.2100

(https://www.facebook.com/prefeituradesorocaba) (https://twitter.com/secomsorocaba)
(https://www.flickr.com/photos/prefeiturasorocaba) (https://www.youtube.com/user/prefeituradesorocaba)
(http://agencia.sorocaba.sp.gov.br/feed)

ANEXO H
Divulgação de evento de Cururu no Jornal Cruzeiro do Sul:
Data: 20/06/2018

CULTURA

Parque dos Espanhóis sediará show de cururu no domingo (24)

20/06/18 | Felipe Shikama - felipe.shikama@jornalcruzeiro.com.br

Cássio Carlota, Batistinha e Carlos Caetano pa

As tradicionais rimas do cururu vão ganhar o palco do Parque dos Espanhóis, na Vila Assis, no próximo domingo (24), das 17h às 19h, em um desafio de gerações entre cantadores de Sorocaba e Porto Feliz.

O evento com entrada gratuita e aberta a todos os interessados marca a estreia do novo espaço do programa "Show de Cururu", apresentado e coordenado há mais de 20 anos por Nerci José Marcello. O evento tem apoio da Prefeitura de Sorocaba, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo (Secultur).

Previsto para ocorrer até o final deste ano no Parque dos Espanhóis, sempre no último domingo do mês, o "Show de Cururu" é gravado e transmitido pela TVCOM (canal 7 da NET). Os programas inéditos são exibidos aos domingos, às 10h, com reprises às quartas-feiras, às 10h, e em outros horários alternativos da programação.

A edição deste domingo contará com desafios entre integrantes das cidades de Sorocaba e Porto Feliz. Representantes da "casa", o experiente Natalino e Andinho Soares, da nova geração, enfrentam Batistinha e o jovem Cássio Carlota, de 25 anos de idade, considerado uma das grandes revelações do gênero. O evento contará, ainda, com participação da dupla de violeiros Carlos Caetano e Wagner e os pandeiristas Albertinho e Zé Parmito.

Segundo Nerci, o novo palco do programa, cedido por meio de parceria com a Secultur, deverá ajudar a aumentar a visibilidade do cururu, tradicional gênero musical da região do médio-Tietê. "É um grande avanço, porque além de ser um local aberto, a praça é um ambiente bastante familiar. A gente espera que o público vá crescendo a cada edição e também que apareçam novos cururueiros. A intenção é não deixar o cururu morrer", afirma.

Na edição deste domingo, acrescenta o coordenador, haverá ainda uma homenagem especial ao cantador Cido Garoto, um dos mais renomados artistas de cururu, que faleceu no dia 16 de maio aos 75 anos. "O Cido foi um dos nossos grandes cururueiros. Será o primeiro evento sem ele e, com certeza, vamos prestar uma homenagem ao legado que

ele deixou, principalmente porque foi um dos poucos que se preocupou com a coisa da memória", afirma, referindo-se especialmente ao livro "Cururu -- retratos de uma tradição", que Garoto publicou em 2003 com fomento da Lei de Incentivo à Cultura (Linc).

Nerci explica que há mais de duas décadas, o programa "Show de Cururu" mantém o mesmo formato de desafios de duas duplas de cururueiros de duas cidades diferentes. A ordem do confronto é precedida de sorteio e o primeiro a cantar fica responsável por definir a "carreira" dos versos, isto é, a sonoridade das rimas, que deverá ser respeitada pelos demais.

Outra tradição dos desafios de cururu que o programa preserva é o encerramento conhecido como "caninha verde", momento no qual os cantadores se confrontam em versos de bate e rebate, semelhante ao repente nordestino. "Estou muito feliz com essa parceria [com a prefeitura] que vai ajudar bastante a manter o cururu vivo por aqui. Sorocaba sempre foi cidade de grandes curureiros como o Cido Garoto e o Zico Moreira, este último considerado por muitos o Rei do Cururu", complementa Nerci.

O Parque dos Espanhóis está localizado na rua Campos Sales, s/nº, na Vila Assis.

0 comentários

Adicionar um comentário...

Plugin de comentários do Facebook

Jornal Cruzeiro do Sul © Direitos reservados

FUNDAÇÃO UBALDINO
DO AMARAL

ANEXO I

Divulgação da Sessão solene na Câmara Municipal de Sorocaba: Data: 08/05/2018

10/08/2018 Câmara Municipal de Sorocaba

Principal >
Vereadores >
Matérias Legislativas
Legislação >
Notícias
Ordem do Dia
Ordens do Dia até NOV 2016 >
Concurso Público Nº 01/2013
Tribuna Popular
Memorial
Licitações
Finanças >
Escola do Legislativo
Ranking Procon
Consumidor Procon
CVV
Agenda
Fale Conosco
Como Chegar
Acesso Interno

Procura de Leis :
Número da Lei : ok
Pesquisa Geral

<< voltar

Curtir Compartilhar Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

08/05/2018 10:32

Cultura do desafio de cururu será homenageada em sessão solene na noite de hoje

A iniciativa é do vereador João Donizeti Silvestre (PSDB), que ressalta a importância dessa manifestação cultural para a identidade de Sorocaba

A cultura do desafio de cururu, uma das mais características manifestações culturais de Sorocaba e de outras cidades da Região do Médio-Tietê, será celebrada em sessão solene da Câmara Municipal de Sorocaba a ser realizada na noite desta terça-feira, 8 de maio, às 19h30, no plenário da Casa. A iniciativa é do vereador João Donizeti Silvestre (PSDB) e irá contar com a participação de expoentes e divulgadores do cururu. O evento será transmitido ao vivo pela TV Câmara (Canal 31.3; Canal 6 da NET; e Canal 9 da Vivo) e pelas redes sociais da Casa.

Prefeitura de Sorocaba — GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO — Governo do Brasil

Av. Eng. Carlos Reinaldo Mendes 2945 Alto da Boa Vista - CEP 18013-904
Pabx : (15) 3238-1111

http://www.camarasorocaba.sp.gov.br/sitecamara/noticias/vernoticia?paginaAtual=1&codigoNoticia=16856&tipoNoticia=&palavras=&diaInicial=&… 1/1

ANEXO J

Divulgação da homenagem aos cururueiros site Agenda Sorocaba: Data: 02/05/2018

Nhá Bentinha
Foto: Divulgação | Emídio Marques

Câmara Municipal de Sorocaba

Av. Engº. Carlos Reinaldo Mendes, 3041 - Alto da Boa Vista

Este evento já aconteceu!

Acontece neste próximo dia 08 de maio (terça-feira), às 19h30, no plenário da **Câmara Municipal de Sorocaba**, sessão solene em homenagem ao **dia do desafio de cururu**.

O cururu, é um repente de música caipira, derivado das Festas do Divino, que sempre levou o nome da cidade de Sorocaba, em desafios regionais, através do seus vários cantadores e cantadoras.

A solenidade deverá receber e homenagear, cururueiros de Sorocaba, Tatuí, Laranjal, Votorantim, Santa Bárbara do Oeste, entre outros.

O evento une pela primeira vez as únicas duas artistas que cantaram o cururu: Nhá Bentinha de Sorocaba e Cidinha do Cururu de Santa Bárbara do Oeste. Bentinha, que neste dia 08 completará 70 anos, e Cidinha, 76 anos, nunca se enfrentaram no Cururu, e neste dia farão uma apresentação inédita.

Na sessão, acontecerá apresentação da velha guarda dos cururueiros e também a nova geração.

EVENTO ENCERRADO

Gratuito

Câmara Municipal de Sorocaba - Av. Engº. Carlos Reinaldo Mendes, 3041 - Alto da Boa Vista

(15) 3238-1111

www.camarasorocaba.sp.gov.br/sitecamara/index.jsp

- Tags:
- cururu
- música ao vivo
- repente
- FREE Grátis

Os horários, preços e atrações podem ser alterados pelos organizadores sem prévio aviso.

Informar um problema nesta página

Há alguma informação incorreta ou incompleta nesta página?
Por favor, nos informe abaixo e faremos a correção o mais breve possível.

Página: **Homenagem aos Cururueiros**

ANEXO K

Divulgação da homenagem aos cururueiros site Nave.org:
Data: 14/06/2018

Nave.org ~ Coletivo de tecnologia social e desenvolvimento humano de Sorocaba

Cultura do desafio de cururu é homenageada em sessão solene na Câmara de Sorocaba

09 quarta-feira maio 2018

Posted by Nave.Org in Sessão Solene 2018

≈ Deixe um comentário

Tags
Sessão Solene 2018

A cultura do desafio de cururu, uma das mais características manifestações culturais de Sorocaba e de outras cidades da Região do Médio-Tietê, foi celebrada pela Câmara Municipal de Sorocaba em sessão solene realizada na noite de terça-feira, 8 de maio, no plenário da Casa.

A iniciativa da solenidade foi do vereador João Donizeti Silvestre (PSDB) e contou com a participação de expoentes e divulgadores do cururu em Sorocaba e região.

Apresentaram-se durante o evento os seguintes cantadores de cururu: Rubens Ribeiro e Dito Carrara; Cassio Carlota e Andinho Soares; e, pela primeira vez juntas, Nhá Bentinha e Cidinha do Cururu, ambas na casa dos 70 anos, as duas únicas mulheres cururueiras em atividade, segundo o radialista e pesquisador Luiz Carlos Rodrigues.

Um dos homenageados da noite, o cantador de cururu Aparecido Garuti, o Cido Garoto, não pôde comparecer à solenidade devido a problemas de saúde, mas, em vídeo gravado, agradeceu ao vereador João Donizeti e aos demais vereadores pela homenagem, bem como ao radialista Luiz Carlos Rodrigues, o Luisinho Rodrigues, por ter idealizado a solenidade e aos cantadores participantes. Natural de Ibitinga, mas radicado em Sorocaba desde os 12 anos, sendo "Cidadão Sorocabano" por lei do ex-vereador Waldecir Morelly, o cururueiro Cido Garoto, de 75 anos, é autor do livro *Cururu: Retratos de uma Tradição*, com prefácio do historiador Carlos Carvalho Cavalheiro, publicado pela Linc (Lei de Incentivo à Cultura).

Além de João Donizeti, a mesa de honra da solenidade foi composta pelas seguintes autoridades: vereador Wanderley Diogo (PRP); secretário de Cultura de Sorocaba, Werinton Kermes; a apresentadora de cururu Nhá Bentinha; Cidinha do Cururu, de Santa Bárbara do Oeste; o radialista Luiz Carlos Rodrigues; João Leandro da Costa Filho, presidente do PSDB em Sorocaba; e o divulgador do cururu Nerci José, representando a secretária de Cidadania e Participação Popular, Suelei Gonçalves. A vereadora Iara Bernardi (PT) também esteve presente na solenidade.

A mesa estendida foi composta pelo radialista da Rádio Ipanema, José Desidério, e pelos cururueiros homenageados, cujos nomes artísticos vão entre parênteses: Ana Sueli Giardano (Nhá Bentinha), Anderson Cristian (Andinho Soares), Antonio Aparecido Leite (Toninho Leite), Aurélio Serrão Correia (Helinho Beijo Frio), Benedito Carrara (Dito Carrara), Benedito José de Oliveira (Dito Belo), Carlos Caetano Miranda (Carlinhos), Cássio Rodrigues Batista (Cássio Carlota), Cosme da Silva (Cosminho), João Batista das Neves Filho (Batistinha), João Donizeti Paes (Donizeti), Rubens Ribeiro (Marronzinho Sorocabano), Nardo da Cana e Sueli Aparecida Vidoti. Também estiveram presentes o pandeirista de cururu Albertinho e o violeiro Carlos Caetano.

Origens do cururu – Em seu discurso, João Donizeti afirmou: "A origem do cururu não é precisa, mas tudo indica que ele nasceu da mescla da cultura indígena e bandeirante, como festividade religiosa, que depois se tornou profana, com uma ênfase satírica. Há pelos menos duas formas de explicar a origem da palavra *cururu*. Para Alceu Maynard Araújo, ela deriva da palavra *cruz*, que os índios tinham dificuldade de pronunciar no processo de catequização por parte dos jesuítas. Mas Câmara Cascudo registra outra possível origem: a palavra *kuru'm*, do tupi, que significa *sapo*, pois, em suas

origens, dançava-se o cururu pulando como um sapo. Essas duas versões sintetizam a rica e ambígua tradição do cururu, brilhantemente registrada no livro *Cururu: Retratos de uma Tradição*, do grande cururueiro Aparecido Garuti, o Cido Garoto".

O vereador Wanderley Diogo (PRP) também fez uso da palavra e afirmou que a tradição do cururu não pode acabar, ressaltando que é preciso trazer os jovens para o universo dessa manifestação cultural. O radialista Luiz Carlos Rodrigues, estudioso do cururu e mestrando em Comunicação e Cultura, na Uniso, sob orientação do professor Paulo Celso da Silva, observou que, como radialista, percebeu que havia uma grande lacuna entre o rádio e a cultura regional, por isso resolveu pesquisar essa manifestação cultural. Juntamente com os cururueiros da região, Luiz Carlos Rodrigues propôs a criação do "Dia do Cururu" em Sorocaba, instituído pela Lei 11.654, de 3 de janeiro de 2018, de autoria do então vereador JP Miranda (PSDB).

Encontro de cururu – O secretário municipal de Cultura, Werinton Kermes, observou que "o poder público precisa ser provocado, cobrado, para que essa cobrança possa reverter em ações" e agradeceu aos vereadores João Donizeti Silvestre (PSDB) e Wanderley Diogo (PRP), assim como o radialista Luiz Carlos Rodrigues, por cobrarem de sua pasta ações em prol do cururu. O secretário anunciou que, entre os dias 25 e 30 deste mês de maio, será realizado um grande encontro de cururu como parte das atividades da "Semana do Tropeiro", contando com cururueiros de Sorocaba e região. Além disso, também serão programados encontros mensais de cururu, até dezembro, com o apoio da Secretaria de Cultura, com locais e datas ainda a serem definidos.

O vereador João Donizeti observou que a cultura caipira, na qual se insere o cururu, está na raiz de Sorocaba e lembrou que, quando criança, ouvia cururu no rádio com seu pai. O vereador enfatizou, ainda, que, a despeito das profundas transformações da sociedade brasileira, que deixou de ser majoritariamente rural para se tornar urbana, o cururu continua resistindo como manifestação cultural, e justamente no Estado mais urbanizado do país. "Os cururueiros aqui presentes são uma prova viva de que não só é possível, como é extremamente necessário, buscar o progresso sem perder as raízes. O cururu é nossa raiz, nossa face diante do Brasil e do mundo, e merece ser conhecido, valorizado e cultivado pelas novas gerações", enfatizou.

O evento foi transmitido ao vivo pela TV Câmara (Canal 31.3; Canal 6 da NET e Canal 9 da Vivo), além do portal e das redes sociais da Casa, podendo ser visto na íntegra nos seguintes endereços: https://goo.gl/5vH2Zp (Parte 1) e https://goo.gl/nerkLV (Parte 2).

Fonte: Câmara Municipal de Sorocaba

ANEXO L

Lei aprovada na Cidade de Porto Feliz:
Data: 17/07/2018

CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO FELIZ
ESTADO DE SÃO PAULO
Praça Lauro Maurino, 78 – Centro – CEP 18540-000
Fones: (15) 3262-1119 / 3261-4722 / Fax: (15) 262-3393

AUTÓGRAFO Nº 5646

PROJETO DE LEI N° 30/2018

INSTITUI NO CALENDÁRIO OFICIAL O " DIA DO CURURU" EM PORTO FELIZ, A SER CELEBRADO NO DIA 19 DE JULHO.

A Mesa da Câmara Municipal de Porto Feliz faz saber que a Câmara Municipal aprovou o seguinte projeto de lei:

Art. 1º Fica instituído o "Dia do Cururu" no Município de Porto Feliz, a ser comemorado, anualmente, no dia 19 de julho.

Art. 2 º O "Dia do Cururu" fica incluído no Calendário Oficial de Eventos do Município de Porto Feliz.

Art. 3º As despesas com a execução da presente Lei ocorrerão por conta de verba orçamentária própria.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

CAMARA MUNICIPAL DE PORTO FELIZ, 10 DE JULHO DE 2018.

José Antonio Queiroz da Rocha
Presidente

Saulo Henrique Candido
1º Secretário

Pascoal Laturrague
2º Secretário

ANEXO M

Publicação da lei do Dia do Cururu em Boituva:
Data: 07/06/2018

folha 03
Fdsi

PREFEITURA DE BOITUVA

Av. Tancredo Neves, 001
Centro - Boituva
CEP 18550-000
www.boituva.sp.gov.br
boituva@boituva.sp.gov.br
Tel: 15 3363-8800

PROJETO DE LEI N° 19, DE 07 DE JUNHO DE 2018.

Institui o "Dia do Cururu" no Calendário Oficial de Boituva, a ser celebrado no dia 19 de Julho, e dá outras providências"

FERNANDO LOPES DA SILVA, Prefeito do Município de Boituva, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais,

FAZ SABER QUE A CÂMARA MUNICIPAL DE BOITUVA DECRETOU E ELE SANCIONA E PROMULGA A SEGUINTE LEI:

Art. 1º Fica instituído o "Dia do Cururu" no Município de Boituva, a ser comemorado, anualmente, no dia 19 de julho.

Art. 2 º O "Dia do Cururu" fica incluído no Calendário Oficial de Eventos do Município de Boituva

Art. 3 º O Poder Executivo poderá promover divulgação do "Dia do Cururu", relembrando a data com apresentações públicas, exposições e outros.

Art. 4º As despesas com a execução da presente Lei ocorrerão por conta de verba orçamentária própria.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

CAMARA MUNICIPAL BOITUVA 15/JUN/2018 13:45 001387

Prefeitura de Boituva, 07 de junho de 2018.

FERNANDO LOPES DA SILVA
Prefeito de Boituva/SP

ANEXO N

Lista de homenageados na sessão solene

Nome dos homenageados	Apelido	Denominação	Cidade
1. Ana Sueli Gardiano	Nhá Bentinha	Cantora de cururu e apresentadora	Sorocaba
2. Aparecida Lucas Carvalho	Cidinha do Cururu	Cantora de cururu e radialista	Santa Bárbara do Oeste
3. Sueli Aparecida Vidotti	Sueli Vidotti	Cantora Sertaneja e incentivadora	Santa Bárbara do Oeste
4. Aparecido Garuti	Cido Garoto	Cururueiro, apresentador, escritor	Sorocaba
5. Antônio Paulete	Paulete	Pandeirista	Sorocaba
6. Rubens Ribeiro	Marronzinho Sorocabano	Cantor de cururu	Sorocaba
7. Antônio Lazarini	Toninho Lazarini	Cantor de cururu	Laranjal Paulista
8. Antônio Aparecido Leite	Toninho Leite	Cantor de cururu	São Roque
9. Anderson Cristian Soares da Silva	Andinho Soares	Cantor de cururu – cantor de rock	Votorantim
10. Arlindo Mariano		Cantor de cururu	Votorantim
11. João Batista das Neves Filho	Batistinha	Cantor de cururu	Porto Feliz
12. Cássio Rodrigues Batista	Cássio Carlota	Cantor de cururu	Porto Feliz
13. Cosme da Silva	Cosminho	Cantor de cururu	Sorocaba
14. Benedito José de Oliveira	Dito Belo	Cantor de cururu	São Roque
15. Augusto José de Oliveira	Gusto Belo	Cantor de cururu	Conchas
16. João Donizeti Paes	Donizeti	Cantor de cururu	Sorocaba
17. Abílio Rosa		Violeiro de cururu	Sorocaba
18. Carlos Caetano Miranda	Carlinhos	Violeiro de cururu	Sorocaba

19.	Benedito Carrara	Dito Carrara	Cururueiro	Sorocaba
20.	Nerci José Marcello	Falinha	Incentivador e apresentador de cururu	Sorocaba
21.	Paulo Celso da Silva		Professor da Uniso incentivador do estudo do cururu.	Sorocaba
22.	Natálio Vivaldo das Neves	Jairo das Neves	Cantor de cururu	Porto Feliz
23.	João Carlos Martinez		Incentivador e radialista	Porto Feliz
24.		Miltinho Preá	Incentivador de cururu	Sorocaba
25.	Aurélio Serrão Corrêa	Helinho Beijo Frio	Incentivador e radialista	Tatuí
26.	Diva Pedroso Luiz	Diva Pedroso	Incentivadora e radialista	Salto de Pirapora
27.	Elias Antônio Luiz	Elias Antônio	Incentivador e radialista	Salto de Pirapora
28.	Mauro Carvalho	Maurinho do Teclado	Musico e Incentivador	Santa Bárbara do Oeste
29.	Carlos Carvalho Cavalheiro		Escritor do livro Retratos de uma tradição, juntamente com Cido Garoto	Sorocaba
30.	Milton Felipe de Arruda	Miltinho Preá	Incentivador do Cururu	Ex-presidente do Clube Barcelona
31.	José dos Santos Colares da Silva	Zeca Colares	Empresário de Cururu	Sorocaba
32.	Silvana Carneiro Colares		Incentivadora do Cururu	Sorocaba
33.	José Antônio Vieira	Furacão do Cururu	Cururueiro	Boituva
34.	Wilson Vieira		Diretor TV com e incentivador do Cururu	Sorocaba